Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

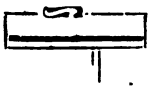
Digitized by Google

MARTINS FONTES

Poesias

QUINTO VOLUME DAS POESIAS
COMPLETAS DE MARTINS FONTES

VULCÃO - VOLUPIA - A FADA BOMBOM
ROSICLER - ESCARLATE - O CÉU VERDE



1928

EDIÇÃO DO BAZAR AMERICANO
B. PARROS & COMP.
RUA DO GENERAL CAMARA, 18
CANTOS

Digitized by Google

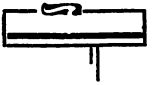
Digitized by Google

JOAQUIM MARTINS FONTES

POESIAS

QUINTO VOLUME DAS POESIAS
COMPLETAS DE MARTINS FONTES

VULCÃO - VOLUPIA - A FADA BOMBOM
ROSICLER - ESCARLATE - O CÉU VERDE



1928

Digitized by Google

PQ9697
.F655A17
1928

ÓBRAS COMPLETAS
DE
MARTINS
FONTES

INDIANA UNIVERSITY LIBRARY

POESIA:

VERÃO
AS CIDADES ETERNAS
BOHEMIA GALANTE
ARLEQUINADA
POESIAS

Digitized by Google

2-23-68

A Roberto Moreira

o beijo

de

Marlins Fonte

Santos, 30 de março de

1930

Digitized by Google

Digitized by Google

VULCÃO

Digitized by Google

Digitized by Google

Avè Venus! morituri te salutant!

Amants, qui passez les chemins,
N'attendez que l'hiver renaisse!
Cueillez les fleurs à pleines mains,
Au temps fleuri de la jeunesse!

ARMAND SILVESTRE

Je ne me souviens pas d'avoir dormi seul

MENDÈS

Pas de triomphe qui vaille un baiser

MENDÈS

Abre-te, Sesamo!

Digitized by Google

Digitized by Google

VULCÃO

Trilai, ninhos! vibrai, frondes e aguas! cantai,
Flores! — na luz sorride e me glorificai!
Ella me ama! Ella é minha! Apaixonadamente,
Em meus braços, ha pouco, arquejante e fremente,
Confessou-me num beijo o que a boca não diz!
Conseguiu aplacar-me e fazer-me feliz!
Ella sabe de cór os meus versos! conhece
Tudo quanto rimei, pensando nella! a prece
Do meu desejo ansioso, o febril madrigal,
Estridente clangor do meu poder sensual!
Rindo, entre as mãos, tomou-me a cabeça e beijou-me,
Cem vezes, a tremer, murmurando meu nome!
Disse-me ha quanto tempo, em segredo, me quer
Sua epiderme em flor, seu corpo de mulher!
Gloria! Quero cantar! Quero que, neste dia,
Todos sintam a minha esplendente alegria!
E o clarão auroral, que minh'alma contém,
A todos torne bons, venturosos tambem!
O Amor é como o Sol, que deslumbra e caustica:
Se requeima e destroe, encanta e purifica!

Google

E Ella chamou-me Sol! Diz que o meu coração
Lhe parece o Vesuvio, arde como um vulcão!
Eu quisera apagar-me, eu morrer deveria
Hoje, em pleno fulgor, hoje, em plena ardentia!
Sonho! A lava combure, incandescendo os céus!
Vermelheja, roxeia, ergue-se em fogaréus!
A fornalha fumega, a cratera crepita!
Em oirichuva esmecha a amplidão infinita!
Raiam, a reluzir, rubescer, purpurar,
Fitas côr de zarcão, flammas côr de azamar!
A terra escalda! O ar fulge! Abre-se o fervedouro
Do Inferno! Que esplendor! Que espectaculo de ouro!
Sou eu! em erupção! O incendio reproduz
Meu coração-vulcão, que se desfaz em luz!

Digitized by Google

CACTO AMERICANO

Dá-me, dá-me essa flor, dá-me essa flor, querida!
Antes que, como um louco, eu, ciumento, me zangue,
Dá-me essa ardente flor em teu seio escondida,
Poema escarlate, feito de sangue!

Ó flor de fogo, estranha e selvagem, provinda
Da tua carnação, das fontes do teu ser!
Taça em que abrandarei minha volupia infinda,
Tantalizado pelo prazer!

E tu a beijaste, a rir, e m'a deste! Loucura!
Delirio! Desvario! E, allucinado, vejo
Que és tu mesma essa flor maravilhosa e pura,
Cacto de carne do meu desejo.

Tumultuarios, febris, meus anseios dispersos
Concentraram-se, a arder, dentro do coração:
E fiz dessa carolla este livro de versos,
E ao cacto rubro chamei — Vulcão

Digitized by Google

PAI-LUI-CHI

A rima sete vezes se
Repete, em tres quartetos, e
Forma-se a estrophe pequenina
Pelo modelo que se vê.

E, deste modo assim, na China,
A arte impeccavel determina
Se molde a metrica, á mercê
Da mais severa disciplina.

E é nesta boa norma que
Todo o mandarinato lê,
Na gaia sciencia superfina,
Os versos de Li-ta-i-pê.

Digitized by Google

ANACREONTICA

Quisera ser o espelho, o crystal em que miras
As varias perfeições, as graças que possues!
E teus olhos revês, como duas saphiras
Maravilhosamente azues!

A agua quisera eu ser, que te banha e te beija!
Teu fulgido collar, teu limpido lençol!
O véu que, em torno a ti, vaporoso, flammeja,
Como a neblina á luz do sol!

Mas o maior dos meus amorosos desejos,
Para bem demonstrar-te a divindade que és,
É ser tua sandalia — e, em fim, calçar de beijos
As duas pombas dos teus pés!

Digitized by Google

SENSIBILISMO

Enamoradamente, a sonhar, numa sala,
Contemplava eu, sozinho, uma flor, certa vez,
Vendo que a menor brisa iria desfolha-la,
O tremor mais subtil tortura-la talvez.

— Amas, formosa flor ? És sensivel e doce...
Não poderás sentir nem um beijo sequer...
E a este meu pensamento a rosa desfolhou-se.
Nunca pude saber quem era essa mulher.

Digitized by Google

ROSA DE JERICHÓ

O coração de um velho apaixonado
Causa sempre piedade, inspira dó:
No seu louco esperar desesperado,
Lembra a rosa senil de Jerichó.

Na secura da côr, mumificado,
Vê-se a amarelidez, sente-se o pó.
Quão diversa é esta rosa do passado,
Da outra rosa que dura um dia só!

Flor da desolação, flor da tristeza,
Na tua eternidade ha, com certeza,
O symbolismo tragico do amor.

Feita de pennas, de papel ou pano,
Representas o proprio desengano:
Rosa de Jerichó, tu não és flor.

Digitized by Google

BOMBOM

Quando eu morrer, se algum amigo
Minha memoria honrar quiser,
Peço que junto ao meu jazigo
Beije uma boca de mulher.

Doe-me, commove-me a saudade
Que poderei a alguem causar,
E retribuo a essa amizade,
Amenizando o seu pesar.

Quando a lembrança, carinhosa,
O enternecer, pensando em mim,
Que meu irmão olhe uma rosa,
Aspire a essencia do jasmim...

Sinta um perfume indefinido,
E logo se consolará...
Alise a seda de um tessido
Roseo-cinzento, azul-lilá.

Digitized by Google

BEIJOS PERDIDOS, SOLTOS NO AR

Em corollas caprichosas
Fundi meus sonhos dispersos.
E, como abril faz as rosas,
Fiz este livro de versos.

Que prova tens de que és amada?
Por que do amor não tens receio?
— Vivo feliz e deslumbrada,
E, porque sinto o amor, eu creio.

O' Paladinos, Mosqueteiros,
Almas febris e generosas,
Glorifiquemos os loureiros,
Que, de tão bellos, eram rosas!

O amante ideal, de fino tacto,
E' o que, na magua ou no prazer,
Nunca se mostra o que é de facto,
Mas sim o que devera ser.

A divindade se revela
Somente pela perfeição:
Sempre a mulher, querida e bella,
E' quem, na essencia, tem razão.

Digitized by Google

Ao meu saber apenas peço
A gloria, o orgulho inspirador
De discorrer, mas ex-professo,
Na Arte de Amar, como um Doutor

Das maneiras mais graciosas,
Pelos modos mais diversos,
Roseira, tu fazes rosas,
Como nós fazemos versos.

O amor é o sonho dos sentidos,
E' tua carne que palpita!
São nossos corpos confundidos
Como uma flor hermaphrodita!

Bilitis é um pomo de ouro
Que ninguem ainda provou;
Parece um pessego louro
Que, de tão doce, rachou.

Quisera ser o Céu, tanto me agrada pelas
Alturas coruscar!
Possuir os cem milhões dos olhos das estrellas,
Para te contemplar!

Deixa o arado, ao passar sobre a gleba fecunda,
O sulco sobre a terra.
E esse vinco no solo, essa impressão profunda
Um outro exemplo encerra.

Lembra a meditação, marca o padecimento,
A tortura que resta
No indelevel signal do nosso pensamento:
A ruga sobre a testa.

Digitized by Google

MUSICA DE CAMERA

Todo livro de versos, na fineza,
Deve lembrar um calix de licor.
Em crystal lapidado de Veneza
E' que se bebe o vinho azul do amor.

Sómente os raros, com delicadeza,
A's subtis quintessencias dão valor:
Adoremos a graça da belleza
No symbolismo lyrico da flor.

Em surdina, sonhando, de mãos dadas,
E' que as estrophes devem ser provadas,
Pelos que aspiram ao divino dom.

Confundamos a musica e o desejo,
Para, em lugar da rima, ouvir o beijo
Ao fim do verso, perfumando o som.

Digitized by Google

FUMOSIDADE

O fumo leve,
A se esgarçar,
Parece neve
Fundindo no ar

Que nostalgia,
Na tarde fria!

Subtil, a brisa,
Vago nivor,
Se violetiza,
Tenue vapor...

E, o fim do dia.
Monotonia.

Digitized by Google

Vai-se a voluta
A esvaecer
E se avelluta
No anoitecer.

Ouço a agonia
Que preludia...

Floco suspenso,
Flor de algodão,
Nuvem de incenso
Na solidão...

Avè-Maria,
Melancolia.

Digitized by Google

A TRANSPARENCIA

Adoro as cousas transparentes:
A agua translucida, a neblina,
A cassa, o vidro, a musselina,
A neve e as nuvens fluorescentes.

Na face dos convalescentes
Namoro o alvor que se effemina.
Adoro as cousas transparentes:
A agua translucida, a neblina...

Vejo nos teus olhos ardentes,
Diaphanos, côr de aventurina,
Luzir o amor que te illumina,
Como através de duas lentes.
Adoro as cousas transparentes.

Digitized by Google

O ECHO E A FUMAÇA

Plange um sino perto,
Sobe o fumo no ar.
Olho o som incerto.
Ouço a luz chorar.

Este som tristonho
Quem o cantará?
Fumo azul do sonho,
Quem te espelhará?

E de tal maneira
Fundo as sensações
Que, na nevoeira,
Vejo as vibrações.

E não differenço,
Neste semitom,
Se ouço a voz do incenso,
Ou se vejo o som.

Ambos confundidos,
Morrem de vagar,
Fundem os gemidos,
Até se apagar.

Digitized by Google

A SOMBRA

Bailando no ar, de pés de neve,
A sombra, timida e fallaz,
Retarda a curva que descreve,
Mas, de repente, se desfaz.

Surge de novo. A luz a irisa.
E a sombra lembra-me um balão!
Filha do vento, irman da brisa,
Bolha doirada de sabão!

Foge, e outra vez brilha e repassa.
Pinta mil fórmas, ao subir.
E, enquanto brinca e se adelgaça,
A mutação me faz sorrir.

Ó sombra ephemera e formosa,
O que é fugaz me inspira amor;
Tudo o que é fragil como a rosa,
Tudo o que é gracil como a flor.

E em seus caprichos fugitivos
A sombra sobe, a sombra vai
No ar de crystal bordando crivos,
Ou, surdinando, alêm, se esvai.

A terra é como um céu aberto!
Que linda, esplendida manhan!
E olho, através do mundo incerto,
Quanto, em verdade, a vida é van.

Digitized by Google

SILENCIO

Silencio, silencio...
O cansaço vence-o...

Dorme, dorme em paz:
Breve acordarás...

Silencio, silencio...
Sonho de ouro, incense-o...

Dorme, dorme assim,
Sossegado em fim.

Á criança doente,
Que é meu coração,

Canto esta innocente,
Maternal canção.

Digitized by Google

AS NUVENS

A Dona Noemia Nascimento Gama

Deitado na praia,
Olho as nuvens no ar:
Todo azul se espraia
O celeste mar.

Nuvens caricosas
Fazem-me sonhar...
Ó maravilhosas
Illusões sem par!

Vejo caravanas
No deserto, a andar...
Faces sobrehumanas
A caretear...

Formas imprecisas,
Em continuo esgar...
Ilhas e banquisas
De brancor lunar...

Tudo que supponho
Julgo contemplar...
Ouço a voz do sonho
Junto a mim cantar:

Digitized by Google

— Homem, que mais queres,
Podes esperar?
Que é que tu preferes,
No teu desejar?

Tens as nuvens, e ellas,
Deslumbrando o olhar,
Basta serem bellas,
Para te encantar!

As paixões consomem,
Matam de vagar...
Dei-te as nuvens, homem!
Que mais posso eu dar?

Digitized by Google

REFLEXO

Tem-se, ao vir do dia,
Hora do arrebol,
A melancolia
Que ha no por do sol.

Lembra-me a saudade
A doçura azul
Dessa claridade
Que desponta ao sul.

Luzes indistinctas
Vão transparecer
Entre as meias tintas
Que ha no amanhecer.

Que fui eu na vida
Mais do que essa luz,
Chamma reflectida
Que meu ser traduz?

Mas nem essa graça
Temos nós, mortaes:
Somos a fumaça,
Sombras, nada mais.

Digitized by Google

PIEDADE

A musica produz a sensação aerea
De um bem extraterrestre, um balsamo bendito;
Faz que a alma, bipartindo os grilhões da materia,
Se diffunda no azul, como um beijo infinito.

A musica etheriza, imponderabiliza:
Sob a sua fluidez, ineffavel affago,
Provamos, no perfume, o espirito da brisa,
Presentimos no amor o prazer do hypervago.

A musica suggere a illusão de outra vida,
De outro mundo melhor do que este em que penamos;
E foi, como consolo, aos homens concedida,
Para os sonhos lembrar que nunca realizamos.

Digitized by Google

A LARANJEIRA EM FLOR

Para Aquella que na alma me tem posto
Um não sei que; que nasce não sei onde;
Vem não sei como; e doe não sei por que.

I

Quando te vi, pela primeira vez,
Foi tão vivo e profundo o meu espanto,
Que o instantaneo poder do teu quebranto
Se demonstrou na minha palidez.

Linda! Um misto de medo e de altivez
Te emmoldurava o musical encanto.
E o meu susto foi tal, tão grande e tanto,
Que nesse instante enlouqueci, talvez.

Chamei: Que perfeição! Que maravilha!
Não pode haver maior contentamento
Do que adorar-se esta mulher primor!

Deante de ti todo o salão fervilha!
E, na ardencia do meu deslumbramento,
Disse: — Dou-te um espelho nesta flor.

Digitized by Google

II

Antes de conhecer-te, eu já te amava,
Porque sempre te amei, a vida inteira:
Eras a irman, a noiva, a companheira,
A alma, gemea da minha, que eu sonhava.

Como o coração, á noite, ardendo em lava,
Em meus versos vivias, de maneira
Que te contemplo a imagem verdadeira
E acho a mesma que outrora contemplava.

Amo-te. Sabes que me tens captivo.
Retribues a affeição que em mim fulgura,
Transfigurada nos anseios da Arte.

Mas, se te quero assim, por que motivo
Tardaste tanto em vir, que hoje é loucura,
Mais que loucura, um crime, desejar-te?

Digitized by Google

III

Não tens culpa: se ha culpa, é do destino:
Elle, o destino, é apenas o culpado
De tão tarde nos termos encontrado,
Bem mais tarde talvez do que imagino.

Tremo de horror. Blasphemo. Desatino,
Sem solução nenhuma ter achado.
Se amar-te, como eu amo, fôr peccado,
O meu remorso julgarei divino.

Nunca tive no amor tanta pureza.
Cem mulheres beijei, mas, com certeza,
Nenhuma foi o lirio que tu és.

Se, por acaso, eu te tocasse, um dia,
No fervor da paixão me ajoelharia,
Para, chorando, te beijar os pés.

Digitized by Google

IV

Faço versos com tal facilidade,
O meu romance de tal modo escrevo,
Que, muitas vezes, a suppor me atrevo
Que elle já estava escripto, na verdade.

Ultima flor da minha mocidade,
A quarta folha magica de um trevo,
Improvisando o meu maior enlevo,
Reproduso no sonho a realidade.

Quando analyso esta paixão secreta,
Penso no que me disse um grande poeta,
Ao traçar esta phrase lapidar:

— "Sendo o amor um destino igual á morte,
Uma fatalidade ainda mais forte,
Não se procura: deve-se esperar!"

Digitized by Google

V

Ao telephonio, lembras-te? eu te disse:
Não creias nunca em nada que eu disser...
Nem seria eu capaz da criancice
De confessar-te uma paixão qualquer.

" — Sim, eu já sei quanto é voluvel". Ri-se.
E interromper a ligação não quer.
E eu pratiquei a classica doidice
De murmurar um nome de mulher.

"— Quem?" - Houve linha atravessada. — "Allô"!
"— Quem fala?" - E grita, e insiste, e não repousa.
E a nossa ligação continuou.

Mas tal assumpto proseguir não ousa...
E eu respondi, pensando noutra cousa,
Que é a mesma cousa em que pensando estou.

Digitized by Google

VI

A' hora do teu embarque, na estação,
Dei-te um ramo de orchideas amarelas.
Flores assim, tão raras e tão bellas,
Nunca viras em tanta profusão.

Não se descreve a grata commoção
Que revelaste, ao confundir-te nellas,
Que se tornaram pobres e singelas
Comparadas á tua perfeição.

Mas disse alguem, um cavalheiro novo,
Que — "Eu não te quero..." — denomina o povo
Essas enormes lélias estivaes...

Injustiça! Chamemos a essas filhas
Das nossas praias e das nossas ilhas:
— Quero-te, e só a ti, cada vez mais.

Digitized by Google

VII

Quasi ao fim do espectaculo, na escada,
Que no extremo da caixa se reparte,
Tive um desejo louco de beijar-te,
Mas dominei a sede apaixonada.

Perdoa a offensa nunca praticada,
Porque eu jamais deixei, em qualquer parte,
De, com cautela, com requintes de arte,
Beijar a boca da mulher amada.

Nunca esta falta commeti: meu beijo
E' a expansão musical do meu desejo...
E eu nem ao menos te falei sequer.

E' que senti, naquelle instante, eu juro,
Que o verdadeiro amor é sempre puro.
E eras um anjo, que se fez mulher.

Digitized by Google

VIII

A' SAÍDA DO ANNO VELHO

Estou ficando cada vez mais moço.
Como um rosal ao sol, rejuveneço.
Noto, em cada botão, em leve esboço,
Que, com as flores, de facto, me pareço.

Sem o menor temor, nem alvoroço,
Espero; e as maguas intimas esqueço.
E, porque esteja cada vez mais moço,
Sou feliz como um passaro travesso.

Esquecido de antigos desenganos,
Em mim e em toda a parte só te vejo,
Somente a voz dos namorados ouço.

Amo! Quem ama, sempre tem vinte annos!
E é porque sonho a bençam do teu beijo,
Que estou ficando cada vez mais moço.

Digitized by Google

IX

A' ENTRADA DO ANNO-NOVO

Meia-noite. Anno-bom. Rútilo, em festa,
O palacio de lampadas se enflora.
E, dentro dos salões, como lá fóra,
A fremencia febril se manifesta.

Mas tu não vens ao baile. Não me resta
A minima esperança. Muito embora
Promettesses chegar, a qualquer hora,
Contra a incerteza a colera protesta.

Ai! quando eu soube que não vinhas, tive
Uma oppressão atroz: só me contive
Por obediencia ás regras do bom tom.

Mas, deixando o salão, in continenti,
Comecei a chorar convulsamente.
E assim passei a noite de anno-bom.

Digitized by Google

X

Veio o medico e disse: — "E' necessario
Que comeces a ser mais cauteloso.
Teu coração precisa de repouso,
Pois palpita de um modo extraordinario.

Não farei nunca um juizo temerario,
Mas o que penso formular não ouso.
De tal modo és sensivel e nervoso,
Que não devo augmentar o teu calvario.

O amor te mata, lentamente. Amigo,
Presta attenção ás cousas que te digo,
Por affecto e segundo o meu dever."

— Obrigado, doutor! Bem reconheço
Que, para suavizar quanto padeço,
Resta apenas o allivio de morrer.

Digitized by Google

XI

Deus, num dia de sol e bom humor,
Colheu no azul a mais doirada argilla,
A agua mais pura que no céu scintilla,
A luz da aurora, as conchas do equador...

Ao modelar o seu maior primor,
O claro tom das venulas anila,
O rosado das ondulas burila,
Numa obra-prima de doçura e côr!

E contemplou-te, apaixonadamente!
Realizando o meu sonho, de repente,
Deante da propria perfeição, sorriu!

— Ha maior gloria? poderão oppor-m'a?
E, depois que te fez, quebrou a fôrma
Da flor mais linda, que jamais se viu!

Digitized by Google

XII

SI J'ÉTAIS DIEU...

Sully Prudhomme

Se eu fosse Deus, seria a vida um sonho,
Nossa existencia um jubilo perenne!
Nenhum pesar que o espirito envenene
Empanaria a luz do céu risonho!

Não haveria mais: o adeus solenne,
A vingança, a maldade, o odio medonho,
E o maior mal, que a todos anteponho,
A sede, a fome da cubiça infrene!

Eu exterminaria a enfermidade,
Todas as dores da senilidade,
E os peccados mortaes seriam dez...

A criação inteira alteraria,
Porêm, se eu fosse Deus, te deixaria
Exactamenfe a mesma que tu és!

Digitized by Google

XIII

Na idade-media, em goticos lavores,
Nos velhos Livros de Horas, os copistas,
Com a pericia de eximios coloristas,
Caprichavam nas letras dos teores.

Eram canções de antigos trovadores,
Trasladadas por monges humanistas,
Que as offertavam, deslumbrando as vistas
Das claras castellans, dos gran-senhores.

Hoje em dia, taes quaes esses puristas,
Nós, no Brasil, não temos editores,
Escrevemos á mão, como os chronistas.

E assim eu, neste Livro dos Amores,
Por tua causa, para alguns artistas,
Bordo sonetos, rendilhando flores.

Digitized by Google

XIV

Rosa! teu corpo é roseo! e tua boca,
De onde se exala a musica olorosa,
Tem a fórma, a apparencia primorosa
De uma ardente e festiva rosa-louca!

Tal qual a aurora, que as montanhas touca,
E' a tua pelle clara e luminosa!
Tens na cutis a tinta côr-de-rosa
Que ha na flor da paineira ou da muxoca.

De unhas rosadas, tuas mãos pequenas
São duas lindas rosas damascenas,
Não só na maciez, como no alvor!

Mas a tua alma representa um lirio,
Doce, alvissimo, puro como um cirio
Que, ao mesmo tempo, fosse estrella e flor!

Digitized by Google

XV

Anima mea corpus tuum concupiscit,
Cor meum tecum uniri desiderat.
Imit. Liv. IV. Cap. III

Que a tua mão á minha mão conceda
O dom de desvendar o que adivinha
Quando, calidamente, presa á minha,
Faz o amor que ella, timida, se exceda.

Lembrando-me o veludo e a labareda,
Com leveza e doçura me acarinha,
E, ao alisar-me a palma linha a linha,
Assim me fala a tua mão de seda:

Olha: — eu não devo confessar que te amo,
Eu não posso dizer que te desejo,
Porem, mais do que tu, ardo e me inflammo.

De raro em raro, num furtivo ensejo,
Pelo aroma epidermico eu te chamo,
Pelo calor dos dedos eu te beijo.

Digitized by Google

XVI

Sim, eu só te amei.
— Ella me dizia —
Triste, noite e dia,
Sempre te esperei.

A viver que lei
Me condemnaria,
Sem a companhia
De quem sempre amei?

— Sim, eu só te amei,
Mas, por ironia,
Tarde te encontrei...

E hoje me injuria
A maldade fria
De quem nunca amei.

Digitized by Google

XVII

Era uma vez um Cavalleiro...
Tralalalá, tralalalá...
Que percorrera um mundo inteiro,
Do Extremo-Sul ao Gran-Pará...

Suppunha o louco ventureiro,
Tralalalá, tralalalá...
Achar na terra o verdadeiro
Ideal do amor numa Eloá...

Sonhando sempre, finalmente,
Já quasi velho, com surpresa,
Viu a Princesa Branca-Flor...

E o seu prazer foi tão fremente,
Que, ao ver os olhos da Princesa,
Tralalalá... morreu de amor.

Digitized by Google

XVIII

E que o menor dos males seja a morte...

É pior que a morte, ainda pior que a morte,
Este ciume futuro que me mata,
E me arrasta, num tragico transporte,
Á desesperação mais insensata.

É impossivel que exista quem supporte
A tortura que, aos poucos, me maltrata.
A ira, como um cyclone, me arrebata,
Negra, ululante, cada vez mais forte.

Rio. Remordo os pulsos. Vocifero.
Experimento a colera de Ahsvero,
E da extrema penuria tenho dó.

Dentro da treva echoa-me o rugido,
E supponho-me então Satan vencido,
Com saudades do Céu, mordendo o pó.

Digitized by Google

XIX

Sómente a mocidade tem pureza,
É ingenuamente desperdiçadora:
Sacrifiquei-me, por amor, Senhora;
E a minha força me illudiu, Princesa.

As seivas immortaes da natureza,
Venci-as na ascensão deslumbradora.
Dominei-me a mim mesmo, qual se fôra
Um deus ebrio da propria fortaleza.

Ora, assim me louvava, quando escuto
Um ulular feroz, mas resoluto,
Vindo do alêm dos antros infernaes:

— "Mentira! Odeio a juventude fria
Que a delicia da carne repudia...
Athanael, Thais não vive mais!"

Digitized by Google

XX

Pela primeira vez, quem numa igreja
Entrar, terá direito a tres pedidos,
Que num só poderão ser resumidos,
Conforme o nosso coração deseja.

Soavam da tarde os ultimos gemidos,
Quando entrei a capella sertaneja,
Que, muito branca, lirial, viceja
Dando consolo aos noivos desvalidos.

E rezei: Virgem Mãi dos sonhadores,
São amargas de mais as minhas dores.
Já me sinto cansado de soffrer.

Ouvi a minha voz do Paraiso,
Acolhei minha supplica: eu preciso
Morrer, devo morrer, quero morrer.

Digitized by Google

XXI

O amor! O amor é uma virtude rara,
Quasi lendaria, por ser tão antiga:
Nenhuma religião se lhe compara,
Nem ha tortura igual, formosa amiga.

Já ninguem mais, na sociedade avara,
Que a transigir continuamente obriga,
Crê na minha affeição profunda e clara,
Nem na tua, perdoa que t'o diga.

Riem de nós: ingenuos parecemos,
Porque, fóra do tempo em que vivemos,
Fomos capazes de sentir o amor.

Mas, de repente, o brilho da verdade,
A luz sagrada da sinceridade
Deixa-os surpresos, a tremer de horror!

Digitized by Google

XXII

Ouço, quando ia ao tumulo descendo,
Uma sagrada voz, jamais ouvida,
Bem melhor que a Belleza benquerida,
Causadora do mal que estou soffrendo.

Misericordia! — lhe disse eu, tremendo,
Quem serás tu, consolação da vida,
Extraterrestre imagem commovida,
Que comprehendeste meu supplicio horrendo?

E respondeu-me a voz: — «Ó pobre, ó triste,
Acima da Belleza, o Amor existe
Na santificação da humanidade.

Eu sou apenas o Dever, inicio
Da Ternura, que leva ao Sacrificio,
Da Renuncia, maior do que a Piedade.»

Digitized by Google

XXIII

Junto á alampada verde do jardim,
O phantasma do Amor me appareceu.
Era o seu vulto exactamente o meu,
Como se acaso se espelhasse em mim.

O romanesco traje de Romeu,
Desde o sombreiro ao manto de cetim,
Dava-lhe a seducção, a graça, em fim,
De um sonhador que ha seculos morreu.

Triste, o Noivo da Morte me falou.
Disse-me: — «Eu sou o Amor, o antigo Amor,
Que o coração dos homens consolou.

Acreditaste em mim, devaneador,
Poeta! e a saudade me resuscitou,
Porque a saudade ainda é maior que a dor.»

Digitized by Google

XXIV

O luar do sonho, sobre o Campo-Santo,
Em prata fosca envolve os roseiraes,
Dando ás cousas da terra o vago encanto
Das maravilhas sobrenaturaes.

Do alvor dos lirios, do pallor do pranto,
Evaporam-se imagens virginaes.
Nas sepulturas, de um brancor de amianto,
Fenecem goivos, desabrocham ais.

Paz. O silencio não produz espanto.
Nenhum suspiro se ouvirá jamais.
Dorme a saudade, que amargava tanto.

Nas transfigurações universaes,
Em cada alvura minha voz levanto,
Mudamente rezando: — Nunca mais.

Digitized by Google

PAS DE TRIOMPHE QUI VAILLE UN BAISER!

Por que assim me sorris, com ternura e malicia?
Por que me olhas assim, ennevoando o desejo?
Teu sorriso me causa o languor da caricia,
Teu olhar me promette a doçura do beijo...

Quando, pensando em ti, por acaso, te vejo,
Essa hora azul jamais me parece propicia...
Teu olhar me promette a doçura do beijo...
Teu sorriso me causa o languor da caricia...

Não me deixes cair em tentação, Maria!
Foge. Meu desespero a tudo renuncia...
Tão infeliz eu sou, que nada mais almejo...

Soffro. Nem mesmo quero a suprema delicia...
Teu sorriso me causa o languor da caricia...
Teu olhar me promette a doçura do beijo...

Digitized by Google

POMBO-CORREIO

Ontem, deante do mar, vendo o céu estrellado,
No seio da montanha, entre os bosques em flor,
Mudo de commoção, eu sentia, ao teu lado,
O infinito do espaço e o infinito do amor !

Digitized by Google

A CANÇÃO DOS POETAS BEBEDOS

Pela sede da Chimera,
Que nos tenta e desespera,
Bebemos !

Livres de odios e peccados,
Somos nós os rebellados
Supremos !

Entre as lagrimas sorrimos,
Ironistas, pantomimos,
Em bando !

Por sobre as mesas, de bruços,
Abafamos os soluços,
Cantando !

Porque pensamos, possessos,
Chegamos a estes excessos,
Extremos !

Ao ver que a vida consiste,
Sendo lucido, em ser triste,
Bebemos.

Digitized by Google

Gloria ao Vinho! Nossa prece
Seja ao Vinho que adormece,
De sorte

Que nos concede a esperança,
A esmola da delivrança,
Na morte!

Tendo as mãos cheias de rosas,
De flores maravilhosas,
Sonhamos!

E, com os olhos nas estrellas,
Enamorados ao ve-las,
Choramos!

Digitized by Google

TECHNICA

De Raymundo Correia, em tantos versos,
A factura, a meticulosidade,
Faz que entre os decassyllabos, dispersos,
Haja rebrilhos de electricidade!

Nos recortes mais raros e diversos,
Ao retramar da metrica, em verdade,
Esses fios elasticos, inversos,
Doem nos olhos pela claridade!

Ha coruscancias de rubis, scentelhas
De borboletas, fúlguros, abelhas,
Virtuosismos vivissimos, nervosos!

Reluzir de minusculas agulhas,
Estrellecer de minimas fagulhas,
Rebrasilhar de insectos luminosos!

Digitized by Google

HOMO UNIUS LIBRI

L'œuvre d'art doit être une chose rare
Gustave Moreau
L'art est dehors de la vie
Fantin Latour,
lettre à Whistler

Na minha geração, todos os Mestres,
Pela fórma, a rigor, benedictina,
Praticaram a estricta disciplina
Dos Lecontes, Mendès, Sullys, Silvestres.

Magos, occultos em mansões alpestres,
Cinzelando uma joia superfina,
Conforme a liturgia determina,
Calaram dores e ambições terrestres.

Ser autor de um só livro! — obra impeccavel!
Relicario de um Papa ou Condestavel,
Possuidor do maior dos mausoléus!

E ter este epitaphio, por exemplo,
Lapidar como a epigraphe de um templo:
— Aqui jaz o trapista dos — "Troféus".

Digitized by Google

SOUVENIR DU BON VIEUX TEMPS

A Luis Paulino Soares de Sousa

Ó musica! Ó Perfume! A cinza em flor! Poesia!
Caem as folhas. Dobra um sino. É o fim do dia.
Hora do Sacrificio. Hora do Juramento.
A tristeza do outono amortalha o convento.

ROXANE

— Sim, era a tua voz, através do arvoredo.
Soluçavas na sombra. Amavas em segredo.
Rimando, entre os jasmins, sob o luar que deslumbra,
Desfolhavas o beijo, aromando a penumbra...

CYRANO

— Roxane, meu Amor, meu Amor, minha vida,
Nunca, nunca eu te amei! Nunca eu te amei, Querida!

ROXANE

— Viuva, se nada fiz pela tua ventura,
Sempre a mesma serei, virginalmente pura.
E a Castidade e o Sonho, — anjos de asas espalmas,
Celebram, nesta tarde, o noivado das almas.

CYRANO

— Morro! Não sei mentir! Enlouqueço e me inflammo!
Roxane, eu não te amei! Eu, meu Amor, não te amo!

Digitized by Google

CLANGOR ANARCHISTA

Non, ce n'est pas un rève, une folle pensèe;
Non, Demain, c'est la vie heureuse commencée;
C'est le vin toujors pur, c'est le pain toujours frais;
C'est l'amour au foyer, des baisers toujours vrais;
C'est l'enfant engendré librement, sans entraves...
Demain! l'Humanité na fera plus d'esclaves.

Victor Hugo.

Sonho escutar a tuba de ouro
Da liberdade! e ouvir, em côro,
A multidão!
Na orchestra viva do planeta
Retroar a rutila trombeta
Da redempção!

Cantai, clarins, rufai, tambores!
Symphonizai os mil rumores,
Fundindo os sons!
A longitroar, como cyclones,
Reboe o cobre dos trombones
E dos clarons!

Claras e calidas clarinas,
Entoai as musicas divinas,
Clangorejai!
Sonoros sinos da Alegria,
Dobrai ás glorias da Anarchia,
Tãobadalai!

Digitized by Google

Louvai, em fim, o homem sem peias,
Sem preconceitos ou cadeias,
Liberto, incréu!
Na communhão da humanidade
Tornando a terra, na verdade,
Melhor que o céu!

A unica vida, alegre ou triste,
E' esta, pois outra não existe,
Outra não ha.
Façamos por torna-la boa,
E ella, que em nós se aperfeiçoa,
Melhor será!

A baixo o medo e a hypocrisia!
Para os nihilistas a Anarchia,
Supremo Ideal,
E' a aspiração da Humanidade
Livre, no seio da Irmandade
Universal!

O pão e o tecto para todos,
Mas sem mentiras, sem engodos,
Nem odio algum!
Que a terra seja, a terra inteira,
A immensa, a eterna, a verdadeira
Patria commum!

E, alêm do pão, alêm do tecto,
Radiosamente brilhe o affecto
Abençoador!
Para que, em suas semelhanças,
Nasçam as flores e as crianças,
Ao sol do amor!

Digitized by Google

Poetas, philosophos, artistas,
Nós todos somos anarchistas
Como Platão,
Porque a Belleza é a Liberdade,
Urania, filha da Verdade,
Mãi da Razão!

Digitized by Google

CANÇÃO DOS TANTALOS DO AZUL

A ARTE E' O AZUL

Se a via-lactea atravessamos,
Rasgando os céus de norte a sul,
Ante o zodiaco bradamos:
O azul! O azul! O azul! O azul!

O azul é a nossa sede infinda!
O azul resume todo o amor!
Subir, pairar, mais alto ainda,
Ainda mais alto, Aguia ou Condor!

Cada um de nós, novos templarios,
Seja na altura o paladim
Dos sonhos ultraplanetarios,
Nos fervedouros do ar sem fim!

Diga-se, ao ver luzir as brasas
Que taes velivolos contêm:
— Serão estrellas ou são asas,
Esses pharoes que ardem alêm?

E que, asa e luz, nossa bandeira,
Maravilhoso gonfalão,
Tremule ao vento, alviçareira,
Vela-latina da amplidão!

Digitized by Google

Voar é o supremo anseio humano!
Dentro do cosmos refulgir!
No ether buscando, a todo o pano,
O seio de ouro de Altair!

— O Azul! O Azul! E nosso grito
Não cessará jamais, jamais!
O' Cavalleiros do Infinito!
O' Paladins Zodiacaes!

Eternamente incontentados,
Sondando os céus, de norte a sul,
Clamamos nós, tantalizados:
— O Azul! O Azul! O Azul! O Azul!

Digitized by Google

SOL

Jamais te maguarei, maguer tanta dobreza,
Bella e impura mulher, linda desventurada:
Porque possues realmente o esplendor da Belleza,
E, venha de onde vier, a Belleza é sagrada.

Para o Artista a Belleza é o mysterio profundo!
Indifferente ao mal, desprezando o decoro,
Apiedada de nós, na miseria do mundo,
Ella é que nos seduz, rindo em teus olhos de ouro!

Digitized by Google

A CANÇÃO DOS PIRATAS

A Ibrahim Nobre

No mar da vida, ao vento do destino,
O homem, seja qual for o seu mister,
Fere, torna-se heroe, faz-se assassino,
Para cobrir de joias a mulher.

Roubar, pilhar, matar, louco sublime,
Se necessario for, se Ella o quiser,
Não trepidamos ante o horror do crime,
Para cobrir de joias a mulher.

Sempre, através de dores e perigos,
Dando o nosso batel por onde der,
Afrontaremos todos os castigos,
Para cobrir de joias a mulher.

Canta, guitarra, doce favorita,
Geme, soluça, como eu bem puder...
Tal como tu meu coração palpita,
Para cobrir de joias a mulher.

Vamos a Escocia, a Argelia, a Cochinchina,
A Martinica, a Malta, a Mompilher,
Da ardente Espanha ás costas da Argentina,
Para cobrir de joias a mulher.

Digitized by Google

No Golfo Persio, sob a areia branca,
Onde o coral é negro ou rosicler,
O mandaçarre as perolas arranca,
Para cobrir de joias a mulher.

O indio as floresta do Brasil devassa,
Buscando a pluma, a essencia, o vetiver,
O ouro, a esmeralda magica e sem jaça,
Para cobrir de joias a mulher.

Mahomet, por Ella, se erriçou, sanhudo,
Como um demente misero qualquer...
Tudo fizemos, realizámos tudo,
Para cobrir de joias a mulher.

Nuvens, estrellas, rutilantes rosas,
Quantos thesouros a amplidão tiver,
Conquistaremos, entre as nebulosas,
Para cobrir de joias a mulher.

E a vaga ulula, despedaça os remos,
De popa a proa, parte-se o escaler:
Nós, sem soccorro, no alto mar, soffremos,
Para cobrir de joias a mulher.

Ai, quando a forca nos matar, um dia,
Que alguem nos chore, ao menos, se souber
Que praticamos a pirataria
Para cobrir de joias a mulher.

Digitized by Google

GUITARRA

Ingenuo é quem neste mundo,
Donjuanesco, suppuser
Que ha muito conhece, a fundo,
O coração da mulher.

Ingenuo, sim, sem criterio,
Inexperiente amador,
Porque a mulher é o mysterio,
E o mysterio é todo o amor.

Sem o segredo do affecto,
Perde o desejo seu dom.
E quanto mais é secreto,
Tanto mais o beijo é bom.

Ha quem, na extrema velhice,
Julgue a mentira feroz.
Mas, se a mulher não mentisse,
Que é que seria de nós?

O mundo seria triste,
Sem esta consolação.
A verdade não existe,
Porque a vida é uma illusão.

Digitized by Google

Por isso, querida amante,
Mente-me assim, sempre assim.
Tens a piedade constante,
E mentes pensando em mim.

A mulher merece o apreço
Dos mais finos madrigaes.
E é porque não a conheço
Que a adoro cada vez mais.

Digitized by Google

VARIAÇÃO DE ALAUDE

Por que, doce amiga,
Queres que te eu conte
Minha dor antiga?

Minha dor antiga,
Que me abate a fronte
Cheia de fadiga?

Deixa ao pobre poeta
Conservar, ao menos,
Esta dor secreta...

Esta dor secreta
Que, entre seus venenos,
Me desinquieta.

Todos têm na vida
Qualquer velha magua
Incomprehendida.

Incomprehendida
Seja a gota d'agua
Desta dor contida.

Digitized by Google

Dize, doce amiga,
A de antigamente
Virginal cantiga...

Virginal cantiga,
Variação tremente
Que a chorar me obriga.

Sem que te eu confesse
A paixão que sinto,
Reza-me essa prece...

Reza-me essa prece:
Nella, nunca extincto,
Meu amor padece.

Doce amiga, fala!
Do alaude ardente
A canção se exhala.

A canção se exhala:
Carinhosamente
Sua voz me embala.

E a doçura é tanta
Que a febril cantiga
A tristeza espanta.

A tristeza espanta
E a saudade antiga
No alaude canta.

Digitized by Google

OS CONTINENTES

Imaginai que os Continentes falam.
Nos abysmos do espaço, nas cavernas
Do tempo, cinco vozes sempiternas
Os contrafortes do planeta abalam.

Azul, o manto da sabedoria,
Sob a coroa de astros da belleza,
Envolvendo a europeia brilhanteza,
Philosophal, sacerdotal, fulgia.

Escarlate, mas como o sangue em lava,
Tendo a côr dos vulcões e do deserto,
Aos quatro ventos do equador aberto,
O albornós africano fulvejava.

Vivo, desde o verdor vivaz do oceano,
Ao das versas, que o sol doira e reseca,
Verdete incaico, verderol azteca,
Verdejava o cendal americano.

Rubis, opalas, perolas, granadas,
Soltava a Oceania os véus, as escumilhas
Das suas mil e novecentas ilhas,
Polychromicas, multicoloradas.

Digitized by Google

Da Asia folgava a tunica amarela,
A purava ritual da mãi dos povos,
Em cujos céus, nos horizontes novos,
Relampagueia a proxima procella.

Em conclave, estudavam, discutiam
O destino dos homens descontentes,
E, com piedade humana, os Continentes
Davam razão áquelles que soffriam.

E é quando, ao relembrar tanta amargura,
A Asia, brava e nemesica, promete
Que do planalto ariano do Tibete
Ha de vir para os homens a ventura.

Disse: — "Um vento de fogo, formidando,
"Revolução ou Redempção, — que importa?
"Em catadupas tragicas transporta
"A dor que sinto dentro em vós clamando.

"Meu rebramido asiatico, iracundo,
"Já sobre as Russias, colere, galopa,
"E, brevemente, ha de invadir a Europa,
"Mas, desta vez, para salvar o mundo!"

Digitized by Google

INTER ARTES ET NATURAM

Dia virá, dia virá,
Em que a bonança esplenderá,

Aberta em flor, tendo raizes
No coração dos infelizes!

Pela confraternização,
Todos os homens terão pão,

Carinho, paz, tecto, agasalho,
Frutos e bençams do trabalho.

Fico, em silencio, a idealizar
Que a terra toda é um grande lar...

E, enquanto as lagrimas estanco,
Vejo, em meu sonho, tudo branco...

Vejo a agua, branca, em torvelins,
Cercando os bosques e os jardins...

Marmores claros, esculpturas
Rindo entre flores e verduras...

Mas branco tudo, alvo, tal qual
Um luar de neve lirial...

Digitized by Google

Será de alvor puro e perenne
O templo erguido á Deusa Hygiene...

Então o mundo será bom,
Como prediz Benoît Malon...

Ah! não nascer eu nessa idade,
Em que a belleza e a liberdade,

Maximas creanças do porvir,
Hão de cantar, juntas sorrir!

Como na Grecia haverá rosas
Cobrindo as frontes luminosas,

Inspiradoras, como soes,
Dos pensadores, dos heroes!

Hão de se dar as entrevistas
Dos namorados, dos artistas,

Pelos vergeis, entre os rosaes,
Em confidencias fraternaes!

Tudo será graça, harmonia,
Serenidade, amor, poesia!

O ar, só por si, dará prazer,
Causando o encanto de viver!

E cerro os olhos encantado,
Esqueço os males do passado,

Tanta tortura e tanto afan,
Pela ventura do amanhan.

Digitized by Google

Seja chimera, seja um sonho,
Mas é tão bello e tão risonho

O devanear que me entretem,
Que essa utopia me faz bem.

Cantai, ó poetas palinuros,
Os espectaculos futuros!

Chalrai, ó passaros do amor,
Sob os loureiros sempre em flor!

E ouço, vibrando, a symphonia
Deslumbradora da Anarchia!

E meu clarim de caporal
Tinir na orchestra fraternal!

Digitized by Google

BAYARD

O' Pierre Du Terrail Bayard!
Morreu na Russia o teu herdeiro,
Quem, neste seculo vulgar,
Do preconceito e do dinheiro,
Foi, sessenta annos, o guerreiro
Que as velhas formulas destroe,
De modo a ser o verdadeiro
Bayard moderno, Poeta, Heroe!

Nelle sentimos chammejar
O coração hospitaleiro
Do Paladino de Allevard.
Pugnou, soffreu o excelso obreiro,
Como ninguem no mundo inteiro,
Porque a injustiça que mais doe,
E' ver o leão contra o cordeiro,
Bayard moderno, Poeta, Heroe!

Digo o teu nome oracular,
Meu protector, meu padroeiro,
O' Kropotkine, alma sem par,
Irreprochavel pioneiro,
Pai de Guillaume e Cafieiro,
Que, do teu claustro, em Chering-Roy,
Foste o vidente e o alviçareiro
Bayard moderno, Poeta, Heroe!

Digitized by Google

OFFERTA

Principe, Archanjo, Companheiro
De Bakunine e de Tolstoi,
Gloria ao teu Sonho, ó Cavalleiro,
Bayard moderno, Poeta, Heroe!

Digitized by Google

JEAN RICHEPIN FALA AOS FAMINTOS

O primeiro tem fome. O segundo tem fome.
O terceiro tem fome. E assim outros, milhares!
Mas em tantas legiões, que é melhor não contares
Quantos são os que a dor da miseria consome!

Um idiota qualquer, de illustre sobrenome,
Prova, serenamente, os mais finos manjares,
E ao ver a multidão, que uiva aos seus calcanhares,
Faz um discurso á Homais, tal qual Monsieur Prudhomme.

"Mendigos, se soffreis, conforme a nossa crença,
"Deus vos guarda no céu a doce recompensa,
"Premio ao vosso penar, balsamo ao vosso choro".

E os pobres, engulindo esta peta rançosa,
Sentem o ventre a impar de pasteis côr de rosa,
E deliciosos pães feitos de nuvens de ouro.

Digitized by Google

FUTURA

ELEVAÇÃO

A tristeza mais profunda
De pranto os olhos me inunda,
Afoga-me o coração:
Eu, por toda a humanidade,
Sinto uma enorme piedade,
Infinita compaixão.

A' noite, ás vezes, insomne,
Ouço ulular o cyclone
Das dores universaes;
Escuto os soluços roucos
Dos miseraveis, dos loucos,
Dos velhos nos hospitaes.

Uivam os gritos agudos
Dos cegos, dos surdos-mudos,
Encarcerados na dor.
Provando a horrenda amarugem
Os paralyticos rugem
Nas contorsões do terror.

Que angustia! que desespero!
E jamais esse exaggero,
Essa afflição terá fim!
Por que assim penamos tanto?
E a magua, vencendo o pranto,
Blasphema dentro de mim.

Digitized by Google

Por que gemem as crianças?
E os doentes, sem esperanças,
Padecem tanto tambem?
Por que somos sepulturas,
Nós, humildes criaturas,
Que desejamos o bem?

Quem haverá que ainda creia
Nas promessas da sereia
De uma outra vida melhor?
Vê-se em tudo o preconceito,
E a ambição, no mundo estreito,
E' dia a dia pior.

Viver — é soffrer apenas:
São tuas as minhas penas,
E os meus pesares são teus.
Fóra da dor nada existe.
E a dor humana mais triste
Provêm da ideia de deus.

Vimos de um tumulo — o ventre,
Para que em nós se concentre
O que o tumulo contêm.
Somos tumulos na vida,
E a campa, em nós resumida,
É um outro ventre tambem.

Viver—provir da impureza,
Provar a propria vileza,
Matar, consumir, comer,
Para depois, destruido,
Repenetrar, transfundido,
Na unidade do não-ser.

Digitized by Google

Amar! — tortura sem nome!
Saber que é tal qual a fome
Esse sonho, esse ideal!
Reduzir a lodo a estrella!
Senti-la, adora-la e ve-la
Apodrecer afinal!

E, alêm desse mal eterno,
Notar que o mundo moderno
Se tornou cruel, sem dó;
Que a vida é hoje somente
Ganancia, avidez crescente,
Miseria, miseria só.

Soffro. Escancaro a janela.
A noite negra regela,
O céu mudo causa horror.
Na febre que me devora,
Vejo estorcer-se lá fóra
A imagem da minha dor.

Mas dentro da noite escura
Diviso a miragem pura
De uma visão a brilhar:
A Musa, deusa amorosa,
Tendo na mão uma rosa,
Surge á luz de almo luar.

E, sorrindo-se, me fala.
E sua voz, que me embala,
Produz-me tanto prazer,
Que sinto, ouvindo-a falar-me,
A cantilena de um carme,
Que fizesse adormecer.

Digitized by Google

A MUSA

Irmão, eu sou a esperança,
Sou a bemaventurança,
Luz do proximo arrebol.
Levo a minha bençam de ouro,
Até mesmo ao podredouro,
No symbolismo do sol.

Espera! Em breve, a bondade,
Pela solidariedade,
Será cada vez maior.
A dor ha de ser vencida,
Tornando mais doce a vida,
O homem tornando melhor.

A sociedade futura,
Que tua fé conjectura,
A todos amparará.
E essa suprema alegria,
Aurora que preludia,
Virá breve, será já.

Por ora, sê generoso,
Compassivo, carinhoso:
Ao pobre, ao dizer-lhe adeus,
Ao dar-lhe esmola, agradece:
Dirigiu-te elle uma prece,
Como se foras um deus.

Mas amanhan, meu amigo,
Hão de todos ter abrigo,
Ar e luz, amor e pão,
Para que nunca mais haja
A caridade que ultraja,
Nem ninguem estenda a mão.

Digitized by Google

O teu coração de poeta,
Urna de pranto repleta,
De tanto penar, ferveu.
Bendita seja a piedade
Que extravasa da ansiedade
De um coração como o teu.

E a voz da Musa me embala.
Consolado, ao escuta-la,
Espero a Aurora, ao Luar.
E a essa musica tão doce,
Que tanto alivio me trouxe,
Desperto, para sonhar!

Digitized by Google

A JEAN LAHOR

Liberdade! Igualdade! Fraternidade!

Bateram tres horas. A morte não cansa
De raspar as cordas do seu rabecão.
Saem os defuntos para a grande dança,
Baile da suprema fraternização.

O vento, entre ululos, as frondes balança.
E o rico, entre risos, enlaça o villão.
Mas que sarabanda, fraterna folgança!
— Gozemos, amigo, brinquemos, irmão!

Sentindo as delicias de tal liberdade,
Dos negros fantasmas augmenta o zum-zum,
Na festa irrisoria da fraternidade.

E o rei e o mendigo, sem odio nenhum,
Dançando, se abraçam, em plena igualdade,
Confraternizados na valla commum.

Digitized by Google

AS ILHAS DE OURO

Ilhas de ambar, ilhas
Sem par,
Claras maravilhas
Do mar!

Mar, tu que és, ás vezes,
Feroz,
Tens tambem dulcezes
Na voz.

Barathros vorazes
Possues,
Mas tambem oasis
Azues.

Ilhas de ouro, filhas
Do amor!
Fulgidas Antilhas
Em flor!

Preste João, dizei-nos,
Jasão,
Onde os vossos reinos
Estão!

Digitized by Google

Diz que é um céu aberto
A fé,
Sem saber, ao certo,
Onde é.

Dez são essas bellas!
Mas eis
Que outros juram que ellas
São seis...

Mas basta ser uma,
E só,
Essa flor de espuma
E pó.

Flor de devaneio
E luz,
E que tanto anseio
Produz.

Ilha dos Amores,
Pomar,
Fazem tuas flores
Sonhar!

Amo-te, ilha de Ouro,
Porque
Nunca o teu thesouro
Se vê.

E's visão apenas,
E, assim,
A um vogar condemnas
Sem fim.

Digitized by Google

Lembras o nirvana
Indú:
A illusão humana
E's tu.

E eu, que tanto pranto
Verti,
Nunca achei encanto
Sem ti.

Porque todo poeta
Mantem
A ambição secreta
Do além.

Mais que um raja mouro
Serei,
Pois das Ilhas de Ouro
Sou rei!

Sonho e me commovo,
Sem paz.
Tudo quanto é novo
Me apraz.

Poetas, companheiros,
Remai!
Bravos marinheiros,
Cantai!

Na agua que esfervilha,
A flux,
A inefavel ilha
Reluz!

Digitized by Google

Fulva, no horizoute,
Fulgiu!
Funde, mal defronte
Surgiu!

Foge-nos, se a vemos,
Das mãos:
Não desanimemos,
Irmãos!

Ide ao infinito
Buscar
O Pais do mytho
Solar!

Porque este é o destino
De quem
Se fez paladino
Do alêm!

Ilhas de Ouro! filhas
Do sul!
Rutilas Manilhas
Do azul!

Bravos bateleiros,
Vagai!
Poetas ventureiros,
Sonhai!

Gloria ás lindas ilhas
Sem par!
Claras maravilhas
Do mar!

Digitized by Google

ROMEU E JULIETA

Que doida serenata!
Que baile original!
Nessa nephelibata
Festa de carnaval!

Quanta excentricidade
Por entre os dominós!
Nos rostos de alvaiade,
Nas vestes rococós!

Bambás, banzés, bailatas,
Continuo batecum!
Gaiatas bambochatas!
Ponches de ether e rum!

Sob o balcão de rosas,
Na sombra do jardim,
Beijei-te as mãos sedosas,
Mais alvas que o jasmim.

Todo de seda preta
Era o teu traje, e o meu,
Já que eras tu Julieta,
Fingia o de Romeu.

Digitized by Google

Ambos, que extravagancia!
Quisemos, a rigor,
Reproduzir a estancia
Da romanzeira em flor.

— Quem canta é a cotovia...
— Quem canta é o rouxinol...
— Ainda vem longe o dia...
— Ainda vem longe o sol...

Durante a noite inteira,
Frementes de paixão,
Tornámos verdadeira
A scena do balcão.

(Enquanto no planeta
Houver quem saiba amar,
A historia de Julieta
Ha de fazer chorar).

Em torno de nós ambos
Fervia o carnaval:
Cantigas, dithyrambos,
Rumor descommunal!

Mas nós, indifferentes
A' festa em de redór,
Os versos eloquentes
Diziamos de cór.

Até que, á madrugada,
Ao me afastar de ti,
A boca regelada,
Sem o querer, senti.

Digitized by Google

Perdia-se lá fóra
Uma canção fatal...
Cínzas... Raiava a aurora...
Cousas do carnaval...

Digitized by Google

ESTELLA E FAUSTO

Aspiração!
Inspiração!

Sepulto em vida, o eximio asceta,
Domando o instincto universal,
Soffre e se apura e desinquieta,
Sonda as virtudes da moral.

Noite profunda. No silencio,
Mais do que externamente, em si
Ouve um clamor continuo, e vence-o
O desvario, o frenesi.

E o anachoreta escuta: — "A vida,
"Meu velho irmão, meu pobre pai,
"Passa veloz, a toda brida,
"Quasi instantanea como um ai!

"Fecha este in-fólio inutil, e ama!
"Ella te espera. Ella te quer.
"Attende á boca que te chama.
"Bendize o beijo da mulher."

E, por Thais ou por Zoraida,
Dobrando os joelhos, com fervor,
No desamparo da thebaida,
O monge reza ao Deus Amor!

Digitized by Google

II

Só, no seu negro e humilde quarto,
Na mais completa solidão,
Se esfalfa o sabio, ainda não farto
De dominar o coração.

Inutilmente, observa e teima.
Tressua, e sangra, e, com pesar,
Quanto mais busca e mais se afreima,
Consegue menos conquistar.

Entre retortas e alfarrabios,
Mago infeliz, triste doutor,
Sente extinguir-se á flor dos labios
O ultimo beijo embriagador.

E, enquanto estuda, ouve, entre os ramos,
Uma ave azul dizer-lhe assim:
— "Esquece Orate e Nostradamus,
"Senão teu mal não terá fim.

"Ama. Não ha mais nada. A sciencia,
"Com o seu poder enganador,
"Te envenenou toda a existencia.
"Perdeste tempo. Adora o Amor."

Digitized by Google

III

Ao luar e ao sol, sempre cantando,
Cantando sempre, ao luar e ao sol.
O Poeta sonha, improvisando,
Lyrico irmão do rouxinol.

E quem ouvir tanta harmonia,
Doce verdade universal,
Esquece toda a theologia,
Toda a mentira da moral...

Porque elle diz as deliciosas
Ingenuidades naturaes,
Interpretando a alma das rosas,
Trovando os cantos dos pardaes.

Em lindos versos, que são beijos,
A' luz de esplendidas manhans,
Por entre rimas e galrejos,
Entoa as musicas pagans:

— "Amai. A vida é curta e triste...
"O tempo, celere, se esvai...
"E, se outra vida não existe,
"Não percais tempo: — Amai! Amai!"

Digitized by Google

MUSICA

Cada qual, conservando a mais doce lembrança
Da musica do amor, que os embalara outrora,
Quis, em dueto, cantar a esquecida romança.

Sobre o papel pautado a solfa já descora.
— Do, re, mi, sol, la, la,... E ambos, com voz brilhante,
Repetiram, de cór, a mazurca sonora.

Mas, nova, na aria antiga, ha uma fuga inconstante...
Subito, erram os dois a melodia rara:
Tinham perdido o tempo, o compasso do andante...

E cada qual suppôs que o outro desafinara.

Digitized by Google

CHUVA DE ESTRELLAS

A Oswaldo Portugal

Relumbra o céu, fulvo de estrellas!
Aos turbilhões supponho ve-las
Em cada nucleo nebular!
E fico, extatico, sonhando,
Ante o mysterio formidando
Que enche de assombro o meu olhar.

Tal qual o pollen cai das rosas,
Nevam das amplas nebulosas
As poalhas de oiro sideraes!
Sementes férvidas de mundos,
Germes a arder nos céus profundos,
Plasmas, embryões zodiacaes.

Na cathedral da noite immensa,
Minh'alma, em extase, suspensa,
Induz, deduz, reduz, traduz!
Ideando a orchestra dos planetas,
As vibrações ultravioletas,
Os coros magicos da luz!

Poeta, essa musica divina,
Que no silencio se origina,
Do teu espirito provêm!
Funde-se em ti toda a materia,
E és tu a noite, aurea e funerea,
A translumbrar, fulgindo alêm!

Digitized by Google

Ao comprehender o firmamento,
Se me astraliza o pensamento,
E sinto sêde, ansia, afflicção!
Sonho o infinito, a eternidade
Que immensifica a immensidade,
Enormizando a enormidão!

Contemplo. Estudo. A astronomia
É a fórma, o numero, a harmonia
No illimitado, a auriferver!
A Musa Urania, ella somente,
Me acalma a angustia incandescente,
Febre incuravel de saber!

Em cada estrella ha um sol em brasa!
A luz, aos jorros, estravasa,
Cobre cem mil septentriões!
Faulham myriades de estrellas!
E abrem-se abysmos, ao conte-las,
Multiplicando as vastidões!

Quantas dezenas de milhares
Serão as ilhas estellares
Que a Via-Lactea tem na foz?
Quantas centenas de mil annos
Foram precisos para Uranos
Auriaccender-se sobre nós?

Como serão esses empyreos,
Onde os pharoes se chamam Sirius,
Aldebaram, ou Cruz do Sul?
A sciencia prova, a astronomia
Demonstra, em plena allegoria,
Que a Arte é uma synthese do Azul!

Digitized by Google

E os mundos pendem como flores,
Ou como frutos multicores,
Da fronde excelsa de Iggdrasill,
A arvore astral escandinava,
Que os pomos de ouro agglomerava,
Em cachos, e aos seiscentos mil!

Taes maravilhas revivia,
A' ardente luz da fantasia,
Quando, pelo ether, vi chover
Ascuas de phosphoro e de enxofre,
Subito extinctas e, de xofre,
Refulgurando, a referver!

Faiscas electricas, favillas,
Fopas, fagulhas, rescintillas,
Gotas de luz, bolhas de gás!
O ouro a esfuziar no precipicio!
Candente fogo de artificio!
Aureo espectaculo fugaz!

Era um chuveiro irial de estrellas!
De pedrarias soltas pelas
Regiões dos flavos arreboes!
Vendo essa chromica orvalhada,
Minh' alma, impavida, exaltada,
Pôs-se a sonhar, falando aos soes!

Sonhei que as almas são cadentes
Estrellas multirefulgentes,
Embora ephemeras tambem:
Nascem, transfulgem e se apagam,
Mas noutros seres se propagam,
Como essas bólides no alêm.

Digitized by Google

Sei que a sciencia, a cada passo,
Diz que a materia, em todo o espaço,
E' sempre a mesma; e, sendo assim,
Pode algum dia chover ouro!
E, ao rutilar desse thesouro,
A fome do ouro terá fim!

Tomba, em Urei, do firmamento,
Um meteorito de cimento,
Com varias grammas de ouro em pó:
Tinha outro, em Valle, alguns diamantes,
E o de Chandpur metaes flammantes,
Ferro, tal qual o Bendegó.

Pois se assim foi, por que não ha de
O ouro descer da immensidade,
Em oirichuva, em temporal,
Para, extinguindo-se a riqueza,
Na commuhão da natureza,
Sorrir a paz universal?

E o Poeta sonha, e os ares olha:
A cada estrella que se esfolha,
Faz um pedido, estende a mão:
Supplica o amparo da orphandade,
Para que, sem a caridade,
As crianças todas tenham pão.

As bençams de ouro das estrellas,
Havemos nós de, um dia, te-las,
Tal qual o biblico maná.
A realidade da anarchia,
Segundo affirma a astronomia,
Em fim no globo esplenderá.

Digitized by Google

O espaço é negro, o cemiterio
Do antro intercosmico é funereo,
E, sendo o nada, inspira horror;
Por isso, para o fantasista,
Ao coração mais do que á vista,
Cada meteoro é inspirador.

Todo o systema planetario,
Miraculoso alampadario,
Em chuva de ouro ha de findar.
E, como um fulgido asteroide,
O nosso minimo geoide
Ha de explodir no ardor solar.

A terra, em meio da magia,
Se incendiará na synergia
Dessa alvorada boreal!
E fecho os olhos para ve-las:
Rolam nos céus milhões de estrellas,
Em chuva azul, diluvio astral!

Digitized by Google

VOLUPIA

Digitized by Google

Digitized by Google

A

NELSON LIBERO,

COM FRATERNO AFFECTO,
ESTE RAMO DE ROSAS ESCARLATES.

Santos, 2 de Setembro de 1924

Digitized by Google

Digitized by Google

DIVISAS PALADINESCAS

A ce rouge soleil que l'on nomme l'amour!

BAUDELAIRE

Seul le silence est grand: tout le reste est faiblesse.

ALFRED DE VIGNY

C'est une volupté, mais terrible et sublime,
De jeter dans le vide un regard éperdu,
Et l'on s'étreint plus fort lorsque sur un abîme
On se voit suspendu.

MADAME ACKERMANN

Elle seule survit, immuable, éternelle.
La mort peut disperser les univers tremblants,
Mais la Beauté flamboie, et tout renaît en elle,
Et les mondes encor roulent sous ses pieds blancs!

LECONTE DE LISLE — Hypatie

Digitized by Google

Digitized by Google

PALADINAMENTE

Liberal, Cavalleiro Enamorado...

CAMÕES

Incomparavel!

Tudo, ou Nada.

A Arte é o Azul!

Digitized by Google

Digitized by Google

VOLUPIA

Morrer! mas nunca supportando o horror
Da velhice humilhante ou da doença:
Para um heroe não pode haver offensa
Mais desprezivel do que a propria dor.

Romantico inflammavel, sonhador
Impenitente, ao sol da minha crença,
Fulminado no ceu, na altura immensa,
Quero rolar do azul, como um condor!

Morrer! por um segredo, apaixonado!
E perdoar, ao ser assassinado,
Quem, a punhal, meu coração venceu.

Assim devo morrer, sorrindo á sorte!
Por um beijo mais forte do que a morte,
Por amor de um amor, serei Romeu!

Digitized by Google

LAGRIMA

Tels finirent Tiphaine et Komor de Kemper.
LECONTE DE LISLE, Poêmes Barbares, Le Jugement de Komor.

Ella era bella, ella era branca, ella era boa!
E o mundo a repelliu, como a um crime qualquer!
Sem o suppor, nem o querer, levada á toa,
Ella caiu, ella rolou, por ser mulher.

Sem remissão, a sociedade condemnou-a,
Como á esposa infeliz do Jarle de Kemper.
Mas, na minha piedade, a poesia perdoa,
Porque ninguem, nunca, jamais, faz o que quer.

Tremula e triste, pura e branca, boa e bella,
Sómente a lagrima a pudera definir,
Espelhar amplidão na desventura della:

Quem a fraqueza humana é capaz de medir,
Sabe quanta candura a lagrima revela,
E o destino da lagrima é cair.

Digitized by Google

O TUNG-WHANG-FUNG

LOUIS BOUILHET

Da flor Ing-Wha, humilde, e, entretanto, a mais bella,
Na China, em Ching-Tu-Fu, o perfume se evola.
E o passaro Tung-Whang, tendo o tamanho della,
Cobre-a completamente, ao beijar-lhe a corolla.

São vermelhos e iguaes o lirio e a philomela.
Canta o passaro e a flor ouve-lhe a barcarola.
Não se sabe se o olor provém da pastorela,
Se causa o effluir da flor a aria que rouxinola.

Tendo juntos nascido, ambos, no mesmo dia,
Emmurchecem tambem, resumindo a poesia
De viver por um beijo e morrer por amor.

Quem não ha de invejar esse breve noivado,
Nesse velho pais que abençôa, encantado,
O amor que apenas dura a idade de uma flor?

Digitized by Google

FLOREAL

Tudo em flor! Tudo em flor! Tudo em flor! Primavera!
Sente-se a ansia febril de quem sonhando espera!
Tudo parece ter vinte annos! Alegria!
Floreal! Floreal! Esplendor! Meio-dia!
O ar faz que a terra e o céu de ouro e azul se matizem...
E, no hymnario da luz, em côro, os poetas dizem:
—"Tudo conjuga o verbo Amar!"—murmura:—Amemos!
Amas? Amaste! Amei! Amarás! Amaremos!
Cochicham, pipilando, em subtis cantarejos,
Os bicos a abrochar; como quem rima os beijos,
Pintasilgos, sabiás, canarios, gaturamos:
— Amo-te... Amei-te... Amou-te... Amavamos... Amamos...
Vê-se que anda, em verdade, o tempo enamorado,
Como se diz na Italia, abençoando o Peccado...
Nota-se, a estremecer, sabe-se, em cada rosa,
Que é a propria Natureza a maior amorosa...
Chalram, a palpitar, os corações humanos:
—Tudo em flor, como nós, parece ter vinte annos!
Abrem-se as flores, a fremir! Unem-se as bocas!
E, em continuo trilar, em casquinadas loucas,
Restruge a voz do Amor! O' Primavera! O' Beijo,
"Flor de que os labios são as petalas"... adejo,
Espirito do sonho, halito, fluido, essencia
Que o infinito traduz na mais breve existencia!
Porque a palavra—Amor! é, na sua magia,
A voz sagrada, o Verbo, a suprema poesia!

Digitized by Google

Quando dois noivos vão beijar-se, a sós, e a medo,
Deus, do balcão do Azul, os protege, em segredo...
Não se idealizará nenhum quadro mais lindo,
Do que o da flor que se ama, a adormecer, sorrindo;
E, em sonho, ouvir-lhe a voz mussitar, num arquejo,
O nosso nome como quem aspira um beijo...
Em meio do fulgor deste ardente noivado,
Deslumbro-me a chorar, vejo, maravilhado,
Que, na sua amplidão, todo poeta condensa
A harmonia immortal da Natureza immensa!
E' de nós que irradia esta festa sonora!
Epithalamio ideal! apotheose da aurora!
Porque Deus, quando nasce um rimador, se expande
Em bençams, amparando esta criança grande...
Sabe quanto elle tem de padecer na vida,
Que estuario vai ser su'alma commovida,
E, em recompensa então do mais negro martyrio,
Faz que seu coração tenha a alvura do lirio...
Senhor! ante o fulgir da Natureza em festa,
A minha gratidão tambem se manifesta.
Attende ao meu fervor, acolhe a minha prece,
Permitte que a paixão do meu culto eu confesse.
Já mil vezes provei, e de joelhos, a lia
Do calix da amargura e da melancolia.
Mas, apesar de todo o meu supplicio intenso,
Bendigo a minha dor sem igual, quando penso
Na tua compaixão por minh'alma submissa,
Na piedade sem fim que ha na tua justiça,
Na graça, na mercê de me haveres poupado
A tortura maior, — que é amar, sem ser amado.

Digitized by Google

SENSITIVIDADE

Ao penetrar na sala silenciosa,
Tonteou-me a essencia de uma ardente flor...
E não havia alli nenhuma rosa,
Nenhuma brasa no perfumador!

Mas um livro de versos, por acaso,
Encontro aberto sobre o toucador...
E a explicação achei do estranho caso:
Eram delle esse aroma e esse calor.

Digitized by Google

NONDUM SATIATUS

Foi tão doce o teu beijo, mas tão doce
Que eu não posso esquecer essa caricia...
Foi bom como um peccado, qual se fosse
Dentre todas a maxima delicia!

Beijo de amor, ha tanto promettido!
Realização divina da esperança!
—Prefiro ao Céu, se elle concede o olvido,
O Inferno que promette esta lembrança!

Digitized by Google

EROTICA

O airoso modo de curvar a perna,
Volvendo o joelho para a face interna,
Pondo, de lado, o pé, mas de vagar,
Essa tímida graça feminina,
Toda a escala epidermica, em surdina,
A harpa da carne faz retremular.

Idealiza-se um cofre côr-de-rosa,
Uma concha, cerrando-se, medrosa,
Misto de seducção e de temor...
Accentua-se a imagem expressiva
Da pudicicia de uma sensitiva,
Do entrefechar-se de uma ardente flor.

Digitized by Google

CATULLEMENDÈSISMO

Por virtude de muita experiencia,
A Arte subtil! Arte impeccavel! Arte!
No teu seio, em jasminea florescencia,
Pude, quanto te quero, demonstrar-te.

Prendendo os labios, a sugar, de leve,
A lisura da pelle cetinosa,
Fiz, primorosamente, sobre a neve,
A maravilha de um botão de rosa!

Mais do que os meus rondeis, qualquer soneto,
De requintado e lyrico recamo,
Esta flor equivale a um amuleto,
E, lindamente, quer dizer: — Eu te amo!

Digitized by Google

AS PALMEIRAS

ARMAND RENAUD

Invejo as palmeiras, que amam,
Pelo vento, sem se verem.
E que, surpresas, se inflammam,
Sem nunca se conhecerem.

No irreal do seu desejo,
Não ha dores, nem resabios.
Pois têm a embriaguez do beijo,
Sem a amargura dos labios.

Digitized by Google

EVANESSENCIA

No jardim romanesco me debruço
Sobre as corollas, em silencio... Desce
A penumbra outonal, como uma prece;
Murcha o beijo da luz, como um soluço.

E, no ar morno e parado, de repente,
Calidos olhos, bocas fervorosas,
Desfolham-se, a fremir, todas as rosas,
Por se terem aberto avidamente!

Digitized by Google

O NOIVO DAS ESTRELLAS

Aquella a quem offerto o meu culto profundo,
A luz da Perfeição, a Belleza no Amor,
Tal perfume possue, que não é deste mundo,
Tanta graça contém, que é mulher, sendo flor!

Quando os meus olhos fecho, e continuo a ve-la,
Sinto-lhe o azul do olhar, sob o pallor do véu...
Amo-a, como se adora a uma longinqua estrella,
Sem jamais esquecer que ella é um lírio do céu.

Digitized by Google

AS CONCHAS

VERLAINE — VIII — *Fêtes Galantes.*

Na gruta em que te amei, certa vermelha
Concha, curva, incrustada, pequenina,
Fez-me sorrir, pensar na tua orelha.

Outra, de tons de opala e cornalina,
Mostrava a humana fórma, côr de rosa,
Dos teus calidos labios, Colombina.

Eram iguaes... Um nacar de mucosa
Tinha uma turbinada, cujo nome
Fez te eu beijasse a nuca cetinosa.

Porêm uma, entre todas, perturbou-me.

Digitized by Google

DEMONIACO

Amo-te. Escrevo. A estrophe commovida
Flue-me em lavas freneticas, vermelhas.
E te vês em meus versos reflectida,
Sobre meu ombro, no papel, te espelhas.

E ao te olhares, brilhando, em cada rima,
Tremes. Sorris. Para sonhar, desperto:
Da minha boca a tua se aproxima,
Fechando os labios, para um beijo aberto

Digitized by Google

RIMANCE TRISTE

Musica de I. Nobre

Tristre, que inspira e até commove as almas,
E' ver, numa solenne procissão,
Um bando de crianças, muito calmas,
Vestidas de anjo, carregando palmas
Na mão.

E' triste ver, em tardes silenciosas,
Um enterro de virgem alvejar
Entre outras virgens, que desfolham rosas,
Tendo cheio de lagrimas saudosas
O olhar.

Triste, é a mulher a quem se amou na vida,
Ver casar, esquecendo-se de nós.
E, no ultimo momento, á despedida,
Ouvir-lhe, musical e dolorida,
A voz.

Sim, é pior que tudo quanto existe
Esta tortura gelida, meu Deus!
Esta palavra, mortalmente triste,
Que disseste no instante em que partiste:
— Adeus.

Digitized by Google

MEIO-DIA, MEIA-NOITE!

MENDÈS — VI — *Les Amours de Juliette*

— Mas, meu amor, que horas serão?
— Deve ser tarde... Eu vou-me embora.
— E' meio-dia, ou meia-hora...
— Espera a noite... E irás então.

— Beija-me... E a febre da paixão,
Inextinguivel, nos devora!
— Mas, meu amor, que horas serão?
— Deve ser tarde... Eu vou-me embora.

A noite chega. Na amplidão
A via-lactea esplende agora...
E a noite passa! E rompe a aurora!
E nós na mesma adoração!
— Mas, meu amor, que horas serão?

Digitized by Google

VIAGEM PARA CYTHERA

— "Baldeação. Alcova. Almoço."
(Iamos nós para Cythera).
No coração, que se accelera,
Ai, que ventura! ai, que alvoroço!

Logo á estação descemos. E ouço
A mesma voz, que nos dissera:
— "Baldeação. Alcova. Almoço."
(Iamos nós para Cythera).

Com que appetite ardente e moço.
Durante aquelle breve espera,
Eu te provei, ó Primavera,
A face, os labios, o pescoço...
— "Baldeação. Alcova. Almoço."

Digitized by Google

MARIDO!

Todo marido é dorminhoco.
Ouves? E' o teu, a resonar!
Dando a impressão de que uiva o mar,
Cavo e feroz, profundo e rouco.

Além de ter o ouvido mouco,
E de jamais desconfiar,
Todo marido é dorminhoco.
Ouves? E' o teu, a resonar!

O beijo que me déste ha pouco,
Ao seu dormir familiar,
Parecerá o zunzunar
De um importuno bicharoco.
Todo marido é dorminhoco.

Digitized by Google

CANÇÃO AZUL

Ella me disse, um dia, uma estrophe tão bella
Que, ao ouvi-la, um jasmim se inclinou para nós...
E eu fiquei sem saber se o perfume era della,
Ou daquelle jasmim aquella doce voz.

Fino, um raio de sol, ao tocar-lhe o cabello,
Dourou-lhe, certa vez, o semblante espanhol...
E eu fiquei indeciso e enamorado ao ve-lo,
Sem saber se essa luz era delle ou do sol.

Mais foi um beijo della a sensação mais doce,
E mais rara talvez que já sentiu alguem:
Caricia azul, dir-se-ia uma illusão que fosse
Musica, aroma e sol e velludo tambem!

Digitized by Google

A GARGALHADA DO DIABO

A Pompeyo Gener

Ao contemplar a Criação,
O Diabo ri!
Obra que aspira á Perfeição
E é unicamente Podridão!
O Diabo ri!

Dentro da eterna escuridão,
O Diabo ri!
Ricto de rispida acridão,
Rascar da vociferação,
O Diabo ri!

Por ironia ou compaixão,
O Diabo ri!
Sente que, sem contestação,
O mundo prova a Negação!
O Diabo ri!

Deante de tanta humilhação,
O Diabo ri!
O homem, ó desesperação!
Vive sem ar, sem luz, sem pão!
O Diabo ri!

Digitized by Google

Do criador desta irrisão,
O Diabo ri!
Pobre, na sua excommunhão,
Justo, na sua execração,
O Diabo ri!

Quanto é sincera a Maldição!
O Diabo ri!
Ao menos Elle, a Tentação,
E' o Nada, é o Nunca, é sempre o Não!
O Diabo ri!

Cartas na mesa, sem paixão!
O Diabo ri!
Vaiemos nós o dramalhão!
A' scena o hypocrita, o ladrão!
O Diabo ri!

E eis que, no palco da amplidão,
Deus tambem ri!
Calmo, a zombar, chama-lhe Irmão...
O Diabo ri!
Pede-lhe a collaboração...
E o Diabo, leal, nega-lhe a mão,
Porêm não ri!

Digitized by Google

ANTE O ESPELHO DO LEITO EM QUE PECCAMOS

Das bellezas do Amor a que mais amo
Irradia em teus olhos, no momento
Do inexprimivel arrebatamento,
Quando deusa e mulher eu te proclamo:

Vejo em tuas pupillas o recamo
Do esparavel! E, sobre ti, violento,
Nas explosões do meu temperamento,
Ardo, e, no incendio da paixão, te inflammo!

Não ha viveza que se iguale áquella
Do olhar, no instante do supremo enlace,
Mal o sonho do instincto se revela!

Belleza sexual, flamma fugace,
Que, demonstrando quanto a vida é bella,
O Amor espelha no esplendor da face!

Digitized by Google

AFFINIDADES

Quantos esposos temos conhecido
Que se parecem como dois irmãos!
Tendo a mulher o genió do marido,
E os mesmos gestos no mover das mãos!

Mas não só no moral se identificam:
Chega o physico a ser-lhes similar.
E, em poucos annos, quasi todos ficam
Tendo o mesmo sentir e o mesmo andar!

Os casaes se confundem. Com certeza,
Sem nenhum parentesco, laço algum,
O habito é uma segunda Natureza,
E o tempo acaba por torna-los um.

Eu e tu, meu amor, vemos, contentes,
Que cada vez nos parecemos mais;
E pensam todos sermos nós parentes,
Porque os nossos sorrisos são iguaes.

Digitized by Google

FANTOCHADA

Le front serein de la Bêtise humaine!

Em São Paulo. Domingo. No arrabalde
Pesa a monotonia.
Embora a luz deslumbre, o sol escalde,
Custa a passar o dia.

Modorra estupida. O calor suffoca.
E, nós todos, por fim,
Resolvemos ir ver o "João-Minhoca",
No Theatro-Jardim.

São tres horas. A sala está repleta.
Rebrilha a gambiarra.
Enchente á cunha; lotação completa;
Incrivel algazarra.

Abre o pano. O espactaculo começa.
Triffaldin surge com
A mulher de Tartaglia, Tricotessa,
Filha de Pantaleon.

Nenhum enredo, nem sequencia alguma.
Para agradar ao povo
Não é preciso novidade, e, em summa,
Não ha nada de novo.

Digitized by Google

Pancadaria grossa: bofetadas,
Lé-com-lé, cré-com-cré;
Beliscões, cacholetas, cabeçadas;
Bolacha e pontapé.

Quando Pancracio surra a Magalona,
Faz tal bulha a assembleia,
Que vem abaixo o barracão de lona
Com o rumor da plateia.

E é contagioso o riso dos burgueses,
Sadios e lirós:
Porque a nossa alegria raras vezes
Provém mesmo de nós.

Esta imbecil, brutal fantochiaria
Talvez mostre e concentre
A adoração do pé, que a burguesia
Põe sempre junto ao ventre.

Releio o annuncio desta festa urbana:
No começo, Guignol;
Rinha; Tourada; Box; Luta-Romana;
E, no final, Foot-Ball.

Sem commentario. Os manequins dintonsos,
Perfeitos badamecos,
Pelos cacoetes, tiques, desengonços,
Nem parecem bonecos.

Nas caras de estupor, fantastiquices
Dos titeres reaes,
Ha, muitas vezes, menos bonequices
Do que em certos casaes.

Digitized by Google

Grande briga final. Com a bofetona
Quasi o theatro desaba!
Triffaldin esfaqueia a Magalona;
E a diversão acaba.

Applausos. Saem todos. Ao marido
Uma senhora diz:
— "Raras vezes, meu caro, temos tido
Um dia tão feliz"!

Digitized by Google

INTERMEZZO

Bem contra minha vontade,
A alguem inspirei paixão,
Que, ao fim de muita amizade,
Chegou a ter-me aversão.

Sem a menor crueldade,
Sem a minima intenção,
Muitas vezes a amizade
Termina pela aversão.

E aquella cuja saudade
Me tortura o coração,
Nunca me teve amizade,
Nem ao menos aversão.

Digitized by Google

MEXICANA

FABIO FIALHO

Musica de Francisco Escobar

Deslumbrante de graça e de belleza,
Ella no atrio da igreja appareceu.
E curvaram-se todos com surpresa...
Menos eu.

Cada qual mais amavel e encantado,
Numa phrase, uma flor lhe offereceu.
Mostraram todos um immenso agrado...
Menos eu.

E ella passou. A rir, indifferentes,
Sem nunca mais pensar no que se deu,
Ficaram todos, calmos e contentes...
Menos eu.

Digitized by Google

FLOR

Rouxinoleio de Saadi á favorita
PEMBÊ-HARÊ

Musica de Francisco Escobar

Flor! Teu corpo é tal qual uma rosea corolla!
E tu'alma subtil lembra um aroma azul!
De ti, filtro lendario, a poesia se evola,
Como o olor nos jardins da princesa Badrul!

A sombra, ao teu passar, toda se acatasola!
O solo, ao teu sentir, faz-se de paina e tul!
Para te adormecer, ouve-se a barcarola
Do passaro encantado, o divino bulbul!

Roseia-se, ao tocar-te, a caricia da brisa!
E, pelo teu perfume, a luz se saphiriza,
Ao sorrir da manhan, sob o orvalho do sol!

Flor! escuta a ballada, o - Era uma vez... do poeta,
Porque és, para o meu beijo, a ventura completa,
A rosa de Xirás, noiva do rouxinol!

Digitized by Google

EVA E AVE

"On sait que le prince des poètes décréta la suppression de l'hiatus et l'entrelacement régulier des rimes masculines et feminines; mais, par malheur, on a été plus royaliste que le roi en se privant de certains rhythmes exquis, ou composés seulement de rimes d'un seul sexe, ou offrant des rencontres de rtmes diverses du même sexe".

(Notice sur Ronsard)

Na floresta um rimador,
Ao sonoro resplendor
Do alvorar,
Viu uma fada subtil,
As canções do mês de abril
A cantar.

Coroada de jasmim,
E vestida de cetim
Azul-céu,
Ensinava o: — "Era uma vez...
Uma pastora e um princês..."
A um xéxéu.

Digitized by Google

Galrejante, sua voz,
Ora lenta, ora veloz,
De hydromel,
Amorosa como um ai,
Melodiava como um lai
Num vergel.

Os passarinhos, de pé,
Ouviam-lhe o lamiré,
A fremir,
E, com a vara de condão,
Ella marcava a lição,
A sorrir.

E eram, na aura matinal,
Do chopim, do cardeal,
Sons gazis,
Pipilos de pixoxós,
Ticoticos, curiós,
Siriris.

Mas se, a chilrar dó, ré, fá,
Commetia um sabiá
Um senão,
Ella, energica, o destom
Corrigia, dando o tom
Do refrão.

E, sem o riso conter,
Eu vibrava de prazer,
Vendo-a, assim,
A emendar, com tal rigor,
O falsete ou desprimor
De um japim.

Digitized by Google

Dó, ré, mi, fá, dó, ré, mi,
Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si...
E, em bemol,
O tireli, o zom-zom,
Tremulava em cada som,
Rindo ao sol!

Pelo bosque ouvia-se um
Interminavel rum-rum,
A zuir:
Trinar, trilar, tintinar,
Tritrilar, turturinar,
Tintinir...

Gorjeios de irapurús,
Gaturamos, sanhaçús,
Tietês,
Cambaxirras, juritis,
Patativas, bentevis,
E sofrês.

Mas um dia veio, em fim,
Em que a fada-cherubim
Dispersou
Seus discipulos gentis,
Pintasilgos, colibris,
E voou.

E eu, que suas musicaes
Bailatas e madrigaes
Sei de cór,
Fiz, a evocar-lhe um refrem,
Esta arieta amavel, e em
La menor.

Digitized by Google

A UMA VIOLETEIRA

Quasi no instante da partida,
Minuto negro, — a sorte o quis,
Em que, esfolhando minha vida,
A soluçar, deixei Paris,

Vi na estação uma florista,
Filha formosa do prazer,
Que a minha gratidão de artista,
Jamais, jamais ha de esquecer.

Olhei-a. Olhou-me. E, de repente,
Ella me disse: — "Eu já te vi!
Eu te conheço, certamente!
Tu me beijaste em Chantilly!"

Era um engano. Eu soluçava.
E ella tambem se commoveu.
— "Por que é que choras?" — preguntava.
— "Que mal, meu Deus, te aconteceu?"

— "Leva uma flor como lembrança...
Esta violeta de Paris...
Ella fará pensar na França,
Talvez, um dia, em teu país."

Digitized by Google

Sem responder, sempre chorando,
Ia, entre as lagrimas sorrir,
Comprar-lhe aquellas flores, quando
Chega o momento de partir.

Não tinha troco. Busco, afflicto,
Algum amigo, pelo caes.
Do trem de ferro escuto o apito.
Tento pagar-lhe muito mais.

Mas a florista diz: — "Tal preço
Não poderei nunca acceitar...
De coração, as offereço...
Ou pagarás logo, ao voltar..."

Formosa flor desconhecida!
Jamais, jamais te pagarei...
Sim, dei-te um beijo, á despedida,
Mas, até hoje, não voltei.

Digitized by Google

TRILADO

Como eu te beijasse,
Uma rosa-louca,
Presa em tua boca,
Me feriu a face.

E eu achei tão lindo
O ciume della
Que essa flor singela
Osculei, sorrindo.

E ao sentir-lhe o gosto,
Tu, porque és zelosa,
Sendo irman da rosa,
Me tocaste o rosto.

Digitized by Google

A LARANJEIRA

A Laranjeira se cobriu de flores,
Para o beijo do Sol, que a estremecia.
E noiva e moça e bella se atavia,
Aguardando a manhan dos seus amores.

Como um Deus, rebrilhando entre mil cores,
Heroe e Poeta, elle a desposaria.
E, ansiosa, á espera do raiar do dia,
A Laranjeira se cobriu de flores.

Porêm, durante a noite, de repente,
Ergue-se o Vento, criminosamente,
E a sacode e a maltrata, com furor!

Deixa, sozinha, a soluçar na estrada,
Nua, desfeita, louca, desprezada,
A Laranjeira, sem nenhuma flor.

Digitized by Google

HOMAÍS

Toda a verdade renego.
Toda a illusão sei de cór.
Quem viu a lux, nunca é cégo.
Se cegar, verá melhor.

O Poeta Hormuz entrou nos harens do Sultão!
E viu, nua, Homaís, da Circassia, a Sultana,
Que, surprehendida e só, ante a ousadia insana,
Logo se lhe entregou, louca de commoção.

Amaram-se. Eis que, um dia, o Rei Nudzer, do Irão,
Fez favorita Angel, outra flor muçulmana...
E, aos pés do Grão-Senhor, Homaís, sobrehumana,
Vai rojar-se, — e de Hormuz pede a condemnação.

—"Vingança! Este homem quis contemplar tua escrava".
—"Ceguem-no". Diz Nudzer. E a Homaís: — "A realeza
E' o premio á esposa fiel, a quem nada seduz".

E o Poeta, ao supportar o castigo, pensava:
— "Que me importa morrer, se eu beijei a Belleza
Quem não ha de invejar o destino de Hormuz?"

Digitized by Google

ROMANCE SEM PALAVRAS

Triste, tendo a doçura de um gemido,
Morre a luz, ao crepusculo magoado.
— Sabes quanto por ti tenho eu soffrido?
— Sabes quanto por ti tenho eu chorado?

Longe, pallida lagrima de opala,
Uma estrella, entre nevoas, tremeluz.
— Minha dor tu não podes consola-la.
— E a saudade de ti, quem a traduz?

Fria, a brisa do outono, cariciosa,
Lembra um manto de neve e de velludo.
— Sim, és flor, tens espinhos, como a rosa...
— Por que, afinal, não me disseste tudo?

Dando a impressão de quem recalca o pranto,
Ia a sombra em soluços explodir.
— Por que motivo tu tardaste tanto?
— Mas foste tu que demoraste a vir.

Cada vez mais a treva se adensava.
E a treva e a magua, juntas, se fundiam.
E elle, as mãos della, inertes, affagava,
E, nas mãos della, suas mãos tremiam.

Nisto, a lua se abriu no firmamento,
E os amantes quedaram-se a scismar
Se o perdão, para tanto soffrimento,
Provém dos corações ou do luar?

Digitized by Google

OS LABIOS E O SEGREDO

MAURICE MAGRE

Certa criança abandonada
Foi ao correio, um dia, e quis
Pôr uma carta endereçada
Sómente assim: — Mamãi, Paris.

Ingenuo, qual essa criança,
Rimo rondeis, faço canções;
Sou, pelo sonho da esperança,
O echo de varios corações.

Aquella a que amo com enlevo
Como se chama? onde estará?
Paris, Mamãi... tambem escrevo...
Porêm a carta chegará?

Digitized by Google

TENEBRARIO

Morreste para mim. Lugubre, espesso,
O odio, ao pensar em ti, torna-me tragico.
Mas, apesar de odiar-te, reconheço
Que o amor não morre, o amor é magico.

Sinto-o. E o recalco. Escondo-o, com despeito.
Confessa-lo, que horror! seria o cumulo
Da fraqueza... E uma luz arde em meu peito
Como uma alampada num tumulo.

Digitized by Google

LITANIA

Noite negra, tempestade,
Raios, trovões, ventania.
Que solidão! Que saudade,
Maria!

Relampeia, venta e chove.
E, dentro da noite fria,
Tua ausencia me commove.
Maria!

Digo as syllabas sonoras
Do teu nome, noite e dia.
Que farás tu a estas horas,
Maria?

E, enquanto a chuva extravasa,
Relembro a melancolia
Dos serões em tua casa,
Maria!

Sob a candeia dourada,
Na velha sala vazia,
Vejo-te a imagem sagrada,
Maria!

Digitized by Google

Essa doce claridade
E' a paixão que te alumia,
A luz da minha saudade,
Maria!

Alguem meu nome murmura,
Por acaso o pronuncia...
E tu erras a costura,
Maria!

Maria, Maria, eu te amo,
Como ninguem te amaria,
Ouve o amor com que eu te chamo,
Maria!

Minha Maria, até quando?
E, a chorar, em litania,
Digo o teu nome, rezando:
Maria!

Digitized by Google

CARTA A COLOMBINA

Será num dia de ouro, um dia lindo, um dia
Azul, cheio de sol, que, a chorar de alegria,
Eu irei visitar-te, em Petropolis. Penso,
Com que immenso prazer, com que jubilo immenso,
De joelhos, beijarei a tua mão divina,
A tua mão de fada, ó minha Colombina.
Sim, eu estive mal, muito mal, em estado
De commover os meus e de inspirar cuidado.
Porém tudo passou completamente. Agora,
Sempre, cada vez mais, se accentua a melhora.
Nunca imaginarás como a convalescença
E' poetica, depois de uma grave doença.
Tem-se a illusão de um sonho, ou de uma volta á vida.
Tudo nos faz chorar, Colombina querida!
A musica, o perfume, um passaro, uma rosa,
A seda, um doce, um verso, uma phrase formosa,
Qualquer cousa, afinal, nos faz voltar á infancia.
Ontem, certo realejo, a tocar, á distancia,
Emocionou-me tanto e tão poeticamente
Que eu, sem quasi o saber, solucei, de repente.
Estou bom, muito bom, porque a minha bondade
Não provém da esperança, é somente piedade,
Uma piedade infinda, um carinho profundo
Por tudo quanto vive e soffre neste mundo.

Digitized by Google

Oh! quando eu te encontrar, quando eu te vir, supponho
Que não resistirei ao prazer desse sonho.
Olha, ao fim desta carta, ha um circulo, desejo
Que nelle, com fervor, deposites um beijo,
Porque, tendo eu beijado esse signal sagrado,
Sem nos vermos, assim, nos teremos beijado.
Adeus, ó meu amor, unico amor! Escreve,
Mas responde-me logo. Até quando? Até breve.

Digitized by Google

SENSAÇÃO DA ITALIA

As mulheres de Volterra,
Durante o inverno apennino,
Usam uns vasos de terra
A que chamam de scaldino.

E, quando sopra da serra
O vento frigido e fino,
A mão que a invernia emperra,
Aquecem ao lanternino.

Assim, para o meu outono,
No meu gelido abandono,
E' a tua recordação:

Basta a ternura de outrora,
E a saudade me âcalora
As cinzas do coração.

Digitized by Google

RONDÓ FRANCÊS, CANTADO AO AO SOM DE AVENA

De amor eu vivo. Noite e dia,
Naquella idade em que se abria,
Ainda medroso, ainda em botão,
Como um rosal, meu coração,
Já por amor me enfebrecia.

Minha primeira poesia,
Quando nem ler sequer sabia,
Foi uma ardente confissão
De amor!

E o meu suspiro na agonia,
Quando murchar na tarde fria,
A ultima flor do meu "Verão".
Será tambem uma canção,
Um beijo, um ai, leve harmonia
De amor!

Digitized by Google

A ALMA ESPOSA DO CORPO

Flor do Espirito, Espelho da Pureza!
Na corolla do corpo, deslumbrante,
Concretizaste a Perfeição do Sonho!
E, ainda mais do que a Graça da Belleza,
A Piedade possues, o Amor constante,
O perfume que á rosa sobreponho!

Através dos mais intimos refolhos,
Sobre os resentimentos e os resabios,
A Alma, clarissima, esplendece, — e eu vejo
Teu olhar mais azul do que os teus olhos,
Teu sorriso melhor do que os teus labios,
Teu coração mais doce do que o beijo!

Digitized by Google

PETALAS SOLTAS DO ROSAL PENSANTE

Quando parti, disseste: — Aquella estrella
Confidente será do nosso amor.
Has de, pensando em mim, á noite, ve-la
Desabrochar no céu como uma flor.

Parti. A' linda estrella confidente
Disse a minha saudade... E ella vibrou,
Fulgiu, estremeceu... E, de repente,
Num soluço mais forte, se apagou.

Muitas mulheres passaram
Na minha vida incolor...
Mas, entre as que me encantaram,
Foste o meu maior amor.

Se houvesse Alguem que olhasse a altura,
Mas sem parar,
Asas teria a criatura,
De tanto olhar!

Digitized by Google

O' tu, que jamais repousas,
E soffres quanto imaginas,
Contempla o nada entre as cousas,
Sem fé nas causas divinas.

Flor da volupia! Sonho do meu Beijo!
Rosea pelle de petala sedosa!
Para te ver, os olhos fecho, e vejo
Tudo fulgir, na febre do desejo,
Como a tua epiderme, côr de rosa!

Tenho a paixão de todas as bellezas
Requintadas, bizarras, feminis:
Minh'alma é feita de delicadezas
Subtis.

A um contacto de seda côr de rosa,
Como ao sabor do vinho de Tokay,
Toda tristeza, vaga ou caprichosa,
Se esvai.

Amantes, perdoai aquellas
Que vos fizeram chorar.
O tempo torna-as mais bellas,
E as lagrimas são as velas
Que lhes aclaram o altar.

Digitized by Google

DOR

Bebe! O vinho do estilo te consola.
Para beber, não poupes sacrificios,
Que este tem, dentre todos os teus vicios,
A equivalencia da melhor esmola.

Enquanto o pranto de teus olhos rola,
E em teu rosto se notam os indicios
Dos mais negros e atrozes maleficios,
Teu coração, sobre o papel, immola!

Deu-te a Bruxa da Vida este destino.
Vens do Nada, e, no eterno torvelino,
Ao mesmo Nada tornarás, em breve.

Vamos, Fantoche, Titere de argilla,
Sob o peso da dor, que te aniquila,
Curva a cabeça, desgraçado, escreve!

Digitized by Google

A TESTEMUNHA

LÉON DIERX

Quando esse homem passou junto dessa mulher,
Caminhando na rua, em sentido contrario,
Subito estremeci, como o depositario
De um segredo, ao saber que o desvendou quemquer.

Entre elles tinha ardido a volupia infernal!
E eu fôra o confidente, a testemunha, o amigo
Que a ambos aconselhara, evitando o perigo,
Qualquer separação, rapida e radical.

Quando esse homem cruzou com a amante, suppuz
Que um cataclysma iria abalar as montanhas,
O coração da terra, a ignizar-lhe as entranhas,
Abrir-se-ia em vulcões, transformar-se-ia em luz!

Mas elle, sem mostrar a menor impressão,
Ella, sem se alterar, viram-se, frente a frente,
Entreolharam-se os dois indifferentemente,
Fingindo cada qual a maior distracção.

Passaram. Cambaleei, prestes a succumbir:
O horror que me abateu, nesse instante, comparo
A' sede, á cupidez, á angustia de um avaro
Que sentisse das mãos um thesouro fugir!

Digitized by Google

UNICOS VERSOS QUE RESTAM DO—DIVAN DE ABÚ-ISAAC, POETA PERSA

Não ha nada neste mundo,
Entre mil cousas preciosas,
De um encanto mais profundo,
Mais amavel do que as rosas.

O' mercador prazenteiro,
Por que vendes estas flores?
— E' para ganhar dinheiro,
E comprar outros primores.

Porêm, com o dinheiro dellas,
Entre mil cousas formosas,
Que joias terás mais bellas,
Ou mais uteis do que rosas?

Digitized by Google

PELO HORROR DA FÓRMA HUMANA

No espelho que certo mago
Me vendeu,
Vi um rosto triste e vago,
Que era o meu!

Tremi de espanto e desgosto,
Bem se vê.
Não era aquelle o meu rosto,
Qual o quê!

Procurei olhar com calma
E attenção:
Era o rosto da minh'alma!
Que afflicção!

O orgulho, a gula, a luxuria,
Todo o mal!
Vi seis peccados em furia
Bestial!

Observando com tristeza,
Com que dó!
Eu só não tinha a avareza,
Ella só!

Digitized by Google

Fiquei triste, olhando a esmo,
Quasi alvar.
Sim, tive o horror de mim mesmo,
Ao me olhar.

Resolvi mudar de norma
De viver...
Remoldar a minha fórma
Noutro ser.

E, deixando a carne abjecta,
Sempre vil,
Mesmo em vida, fui um poeta
Mas subtil.

E hoje sou perfume, a essencia
Que traduz
A evolução na existencia
Para a luz!

Digitized by Google

BEIJO ESCONDIDO ENTRE VIOLETAS DE PARMA

Ontem, durante o baile, á janela, e em surdina,
Com a tua voz divina,
Lunar,
Disseste uns versos meus, mas com tal melodia,
Que em extase eu te ouvia
Falar.

E, commovidamente, a musica do sonho
Ainda agora supponho
Sentir.
Aquella confissão, harmoniosa e discreta,
Fez-me a paixão de poeta
Fremir.

E, para agradecer-te o canto de um minuto,
Que a todo instante escuto,
Eu quis,
Logo cedo, dizer-te o prazer que me déste,
E quanto me fizeste
Feliz.

Digitized by Google

VENUS

Ao ver o Céu, sinto-me afflicto:
Tenho a impressão
De condensar todo o infinito
No coração.

Trevas, clarões, raios, miragens,
Sem fim, sem fim!
Julgo o esplendor dessas celagens
Conter em mim!

Doem-me os olhos, esgazeados
Pelo poder
De tantos soes multiplicados
Comprehender!

As incontaveis nebulosas,
De norte a sul,
São pollens de milhões de rosas,
A abrir no Azul!

A Lyra fulge! O Cysne arensa!
E ouço, ao luar,
Na cathedral da noite immensa,
O Céu cantar!

Digitized by Google

Choro, soluço, rezo, vibro,
Tento a ascensão.
Inutilmente me equilibro,
Vendo a amplidão!

O' Céus, o anseio em que me abrasas,
Não se contém:
Dentro de mim tatalam asas,
Sonhando o Além!

Uma nostalgica saudade
Faz-me infeliz.
Onde será, na immensidade,
O meu pais?

De onde virei, e vou aonde?
Dize, ó tabú!
E a eternidade me responde:
— O Nada és tu!

Nesse angustiar, nos Céus serenos
Se abre uma flor:
Vejo sorrir o olhar de Venus,
A Ilha do Amor!

Planeta ideal, astro do sonho,
Fulgido ilhéu!
Cythera do ar, que presupponho
Ser todo o Céu!

Viver em ti, na tua esphera
Ser Poeta e Rei!
E onde, afinal, a que me espera,
Encontrarei!

Digitized by Google

Sem labios, lá, nos beijaremos!
E me seduz
Fundir dois extases supremos
Na mesma luz!

Digitized by Google

FRAGMENTO DE UM POEMA ESCRIPTO AOS QUINZE ANNOS

E' noite. A terra dorme. Adormecem os mundos,
Como os seres depois dos espasmos profundos.
Mysterio. Solidão. As aguas e as montanhas,
As vidas vegetaes, existencias extranhas
Das selvas e paues, dos pantâmos e abysmos,
Todo o chaos da criação — minerios e organismos,
E o polyphono oceano, informe e multiforme,
Cessaram a campanha. E' noite. A terra dorme.
Repousa, em sommo fundo, a calma Nutureza

.....

Maravilhante, iriando a pedraria accesa,
Dos collares astraes, na escuridão fulgindo,
Pollen flavo da flor do firmamento infindo,
A via-lactea ferve, orpelando o estupendo
Refulgurar sem fim [redacted] ardendo.
Ora, em leques de argento, ora, em palhetas de aço,
Nitente, se abre o luar, no resplendor do espaço.
E, em luzentes caudaes, em fluvial fervedouro,
Rolam pela amplidão as nebulosas de ouro:

.....

Nas veigas, nos juncaes, nos caniços selvagens,
Assobiando, em surdina, os favonios e aragens,

Digitized by Google

Remodulando a toada, espertam para a festa,
Para o baile encantado, os genios da floresta.
A serenata, ao luar, canta como se fosse
A promessa de um sonho incomparavel, doce
Como um beijo de amor que encontrasse uma rima.
E, em nuvens, em minuete, em valsa, em pantomima,
Surgem, de toda a parte, as Sylphides das lendas,
Brancas, açucenaes e tenues como rendas.
Chromaticas visões, aureas allegorias,
Volitam, através de phantasmagorias.
Entre crespos çarçaes, tremeluzem, de chofre,
Phantasticos clarões de phosphoro e de enxofre,
Lividas gradações, cambiantes amarelas,
Effeitos picturaes de antigas aguarelas,
Hyperboreos paineis, scenas decorativas,
Paisagens musicaes, fugazes perspectivas
De um froixo e tibio luar feito de tintas fracas,
E véus revoluteando entre nevoas opacas.

.....

Sobre o mar de esmeralda e de saphira, a prata
Da espuma, alva e sonora, esfrola-se... E a cascata
Dos flocos, a esfazer-se em aljofres, se espraia
Sobre a argentea algidez das areias da praia,
Entre ardentias de oiro e perolas desfeitas,
Tal como um largo zaimph de opalas liquefeitas.

.....

Pulverizam-se, ao luar, as neblinas... A brisa
Affla de leve... O luar as cousas galvaniza.

.....

Voam as nevoas como os halitos das flores.
Esta é a hora do amor! de todos os amores!
Cariciosa, uma voz passa, de quando em quando,
No silencio da noite as almas despertando.

Digitized by Google

E' a Volupia, que esvoaça e os corações acorda.
No alaude do sonho a pulsar, corda a corda,
A sonata febril, o canto apaixonado,
Harmonia falaz das arias do Peccado.
Nos thalamos da sombra ha queixas e gemidos,
Musicas infernaes, incendiando os sentidos.
Amo. Na embriaguez dos deliquios suaves,
Tudo ama: a luz, o som, os aromas e as aves...
.....

Amo o teu corpo! a flor que a tu'alma perfuma!
Corpo feito de sol e brancuras de espuma!
Feito da pallidez de um vivido diamante!
Carne formosa e quente, argilla palpitante!
Da alampada suspensa, a luz, fulgida e fina,
Parasélene irial, aos poucos te illumina.
Começas a nadar, neste reflexo vago,
Como um lotus, um lirio, um nenúfar num lago..
Bella, em toda a nudez, dentre os linhos revoltos,
De seios tremulando e de cabellos soltos,
Como as deusas do mar e das fontes, as fadas
Que apparecem á flor das aguas encantadas...
E, radiosa, afinal, assomas, de repente,
Do brancor dos lençoes, nua completamente,
Pairando, alada e viva, acima dos meus olhos.
Emmoldura-te um véu de lucidos refolhos.
Fulvo, o intenso claror da alampada te veste
De um nimbo sideral, relumbrante e celeste!
Brocatel byzantino e de asterismo loiro,
Faulhando irisações, resplandecencias de oiro,
Entre aś quaes, aureolada, em fremitos, arfasses.
E a cabeça, o pescoço, o dorso, o flanco, as faces,
A corolla da boca, os pequenos artelhos,
De tintas rosicler, de meios tons vermelhos,
Os claros do perfil, as penumbras, o busto,

Digitized by Google

O hellenico fulgor do semblante venusto,
Os olhos de velludo, o manto dos cabellos,
Longos, louros, rolando em cachos e novellos,
O donaire lirial dos cysnes, o adoravel
E olympico esplendor da plastica impeccavel,
Os cilios, o nariz, as palpebras, o mento,
As veias do ante-braço e do collo opulento,
A epiderme da côr das scintillas de um astro,
A pelle de ouro e neve, o eburneo de alabastro
Dos dedos e da tez, os laivos, as centelhas
Roseo-perola-gris das conchas das orelhas,
O fuste da garganta, as espaduas, as ondas
Dos ombros e do ventre e das pomas redondas
E em taças conchoidaes, as pombas dos dois seios,
Firmes, rijos, em riste, e de ceruleos veios,
De marmore e coral e doirados, nas pontas
Sangrando em dois rubis, em duas rubras contas,
Cheios do filtro azul dos licores do beijo,
Do nectar do delirio, essencias do desejo!
E o concavo da axilla! os braços langues, mornos!
E os joelhos! o luar dos dentes! os contornos
Das coxas, dos quadris, das pernas e das ancas!
As unhas côr de rosa e as mãos finas e brancas!
A boca! flor que canta! as sobrancelhas pretas
E as orelhas de tons de agapantho e violetas!
A estatua do teu corpo á livre claridade,
Modelo esculptural da eterna mocidade,
Na apotheose pagan da suprema brancura.
Nua completamente, estremece e fulgura!
Arde, calida e clara, anima-se, irradia
Tal como um luar ao sol! plenilunio do dia!

.....

Insaciaveis. sentindo as insanias ardentes,
Elasticos, febris, flammivomas serpentes,

Digitized by Google

De innumeros aneis, de fortissimos laços,
Prendem-me estreitamente os teus divinos braços!
Ineffavel contacto! espasmo voluptuoso!
Delicia sensorial! inexprimivel gozo!
Na continua tensão dos musculos, as fibras
Da lyra do teu corpo, em que tu mesma vibras,
Cantam, por teu louvor, a força e a plenitude
Do bello e do prazer, da immortal juventude!
Avè, filha de Marte e da Venus marinha!
Avè, carne onde esplende a curva, o traço, a linha
Da estatuaria atheniense! A Grecia perpetúa
A gloria da volupia em tua fórma, em tua
Belleza triumphal de Aphrodite moderna!
Em teu supremo encanto, em tua graça eterna!
És o Amor! És o Sonho! Apenas pode amar-te
Quem, por ti, revelar as maravilhas da Arte!
O pincel, o buril, a penna, o camartelo
Que synthetize em ti a religião do bello!
Quem alcançar, em fim, o supremo milagre:
Vencendo a perfeição no exprimir, quem consagre
O teu profundo olhar! quem traduza e celebre
A poesia vernal da tua carne em febre!
O som da tua voz! o fluido da tu'alma!
A classica eloquencia e a majestade calma
Do teu egregio porte e impassivel entono!
E te erija um altar, levantando-te um throno!
E quem, por teu ideal, os poemas interpreta,
Sou eu, Artista humano, eu Criador, eu Poeta!

.....

Digitized by Google

Digitized by Google

A FADA BOMBOM

Digitized by Google

Digitized by Google

A Gulnara!

Damizela Primor! Damizela Bombom!

No Mês de Maio de 1927

Digitized by Google

Digitized by Google

A FADA BOMBOM

De Tshaikowsky

Tshaikowsky, Tshaikowsky,
Já se ouve no bosque
O timido som,
Cetineo sonido
Que faz o vestido
Da Fada Bombom!

Jamais houve ainda
Princesa mais linda,
Irman de Oberon!
Deslumbro-me, vendo-a!
Parece uma amendoa
A Fada Bombom!

A's crianças, dormindo,
Dá beijos, sorrindo,
Finissimos, com
Sabor de geleias...
Taes são as drageias
Da Fada Bombom!

Gluglú no clepsydro...
Calçado de vidro,
Sai da agua, bufon,
Cucuf, o anão gago,
Gran-Duque no lago
Da Fada Bombom!

Digitized by Google

Silencio... Surdina...
Poesia divina,
Só tu tens o dom,
O encanto risonho,
O açucar do sonho
Da Fada Bombom!

E os Poetas, dormindo,
Escutam, sorrindo,
O fino flon-flon,
Cetineo sonido
Que faz o vestido
Da Fada Bombom!

Digitized by Google

FIGULINAS

Bicolor, de preto e branco,
Arlequim
Surge, em relevo, num banco
Do jardim.

Romanesca, figulina
De biscuit,
Faz caricias Colombina
A um sagui.

E Pierrot, gemeo da lua.
Mudo, em pé,
E' tal qual um cacatua
Da Guiné.

Digitized by Google

EVANESSENCIA

Ao luar, o amor, em leve adejo,
Perfuma o som, e adoça-se o ar:
Prova-se a musica do beijo,
Sente-se o gosto do luar.

Ha paladares erradios,
Deliciosissimos, subtis...
Filtros de frescos amavios,
Halitos, sopros feminis...

Experimento esses confeitos,
E amarga a sua gustação...
Se nossos labios foram feitos
Para se unir, não se unirão?

Digitized by Google

VERSALHESCO

Duquesa,

Permitti que, ao beijar-Vos um dedo,
Maravilhoso dedo de condão,
Vos confesse tambem o meu maior segredo,
Flor da minha profunda e fremente affeição.

Eu, Duquesa, não sei se devera escrever-Vos,
Porêm sinto que já não posso mais
Conseguir dominar o furor dos meus nervos,
Que me dão a impressão de cordas musicaes.

Vibro! Contra a vontade, eu Vos juro, Duquesa,
Por Vós me apaixonei, sem o suppor!
E é tão vehemente e vivo o poder da Belleza,
Que, por Vos não beijar, hei de morrer de amor!

Ah! Duquesa, se a graça é gemea da bondade,
Tende pena, Duquesa, tende dó!
E é confiante na Vossa infinita piedade,
Que Vos supplico um beijo! um só, Duquesa! um só!

Digitized by Google

DULCE

Dulce vê, de leve,
De pela manhan,
Deslizar a neve
De alvos pés de lan.

Floco, á flor da brisa,
Feita de velludo,
Tudo platiniza,
Diamantiza tudo.

Dulce, vendo a rua,
Julga-a de alfenim.
E suppõe que a lua
Deve ser assim.

Deve ser um doce,
Grande, grande, grande,
Qual se, acaso, fosse
Todo açucar candi!

E, a sorrir, se enleia,
Prova quanto é bom
Ir á lua-cheia,
Se ella fôr bombom!

Digitized by Google

EDELWEISS

Pallidas e nuas,
Pelas grandes ruas,
Lá vão,
Quatro criancinhas,
Pobres andorinhas,
Sem pão.

Nenhum quadro existe,
Mais cruel e triste
Do que
Esta miniatura,
Que, na bruma escura,
Se vê.

Na melancolia
Que amortalha o dia,
Minaz,
Retransido fico.
Lembra o sol um bico
De gás.

Quanto sentimento
Meu padecimento
Contem!
Doi-me o dó. Piedade
Quem dessa orphandade
Não tem?

Digitized by Google

Dai-me a graça, minha
Lyrica madrinha,
O dom
De ir a essa calçada,
E ser hoje a Fada
Bombom !

Digitized by Google

O BEIJO AZUL, DE LA TOUCHE

A Reynaldo Hahn

São tres horas da tarde em Marne-la-Coquette.
O ar é azul em Paris. A paisagem reflecte
O prisma, o catasol, a surdina do outono.
Uma linda mulher, pela qual me apaixono,
Moderna, requintada, impeccavel, francesa,
Maravilha da moda e da antiga nobreza,
Vestida de ouro e azul, no espirito e na carne,
Como a pintou La Touche, o Tiepolo do Marne,
Num banco de jardim, reclinada no encosto,
Deixa ver, de perfil, a perfeição do rosto,
E ouve, sorrindo, a um poeta, a um philosopho artista,
Que, encantando-a, modula uma phrase imprevista...
E ella, escandindo o verso e realçando-lhe a rima,
Da boca musical os labios aproxima,
E ambos trocam, sonhando, um beijo azul, um beijo
Como em Versalhes só se poude ter o ensejo
De provar, de sentir, no tempo da etiqueta,
Entre rosaes, no Hameau de Maria Antonieta...
Porque esse beijo azul, no sabor, na fineza
E' o mais raro bombom da doçura francesa...
E para que elle, um dia, aos meus olhos florisse,
Através de Mendès, de Moreau, de Meurice,
Foram precisos seis, dez seculos, supponho,
De civilização, de sentimento e sonho,
Até desabrochar nessa flor que reflete
O ar azul de Paris, na Marne-la-Coquette!

Digitized by Google

O VINHO DE TOKAY

Ao tocar este Vinho, me concentro,
E analyso-lhe, estudo-lhe o flavor:
O Vinho de Tokay tem o sol dentro,
Tem de topazio liquido o sabor!

Arde-lhe o sol no coração, encerra,
Capitoso, doirado, sensorial,
A propria essencia cosmica da terra,
A sua quintessencia sideral...

Nimba-o a luz dos olhos, um perfume
De estrella, qualquer jalne ideal, qualquer
Espuma que, a ferver, no ouro reçume
A rosa, a fogo, a pessego, a mulher...

A Via Lactea beijo, boca a boca,
Nestas uvas da Hungria e do Tyrol...
Ha mil delicias na volupia louca
Do Vinho de Tokay, Sangue do Sol!

Digitized by Google

TODA PAISAGEM É UM ESTADO DE ALMA

A paisagem que mais me seduz, faz sonhar,
E' a de um velho jardim abandonado, ao luar...
Scenario de ballada em surdina, recanto
De ineffavel fluidez e indizivel encanto...
Nympheias alvejando entre a nevoa polar,
Sob os caramancheis, na quietez tumular...
Ninguem... Tem-se a illusão de estar fóra do mundo,
E descobrir do nada o mysterio profundo...
Caem as folhas, tremulando, de vagar...
As gotas lacrimaes enlunaram o olhar...
Maguas, aspirações, beijos mortos, saudade...
Reina o silencio azul, o véu da irrealidade...
Nunca mais te verei! Nunca mais! E, a chorar,
Sente-se a communhão da pureza lunar,
Que oura as fontes de uma agua encantada, platina,
Dá semitons de opala ao nivor da neblina...
Não é jamais á luz indiscreta, solar,
Que a um coração de poeta um jardim faz sonhar...
Porque tanto aluzir, se diverte e deslumbra,
Não possue a maciez invernal da penumbra...
O sol, vivaz, loquaz, rindo-se, a guizalhar,
E' clownesco, distrae, não permitte evocar...
Revela o desprimor dos marmores, desvenda
A magia da bruma, o lyrismo da lenda...

Digitized by Google

E o luar, o luar piedoso e namorado, o luar
Tudo veste de alvura e fineza sem par...
A' noite, luarizada, a paisagem parece
Uma aria em la menor que, esmorzando, adormece...
E se é um estado ideal, que seduz, faz sonhar,
Minh'alma é um parque antigo, abandonado, ao luar...

Digitized by Google

SEDA CHINESA

A José Paulo da Camara

Conta a historia levantina,
Entre chronicas lendarias,
Que existem sedas na China
Quatro vezes millenarias!

Sedas claras, amarelas,
Em velhos tons coloridas,
Simulando chammarelas,
Fulguraturas tecidas!

Nevoas, brisas redoiradas,
Sonhos da luz e do vento,
Vestes do reino das fadas,
Roupagens de encantamento!

Sedas lubricas aos dedos,
E cuja polpa macia
Retém, transmitte os segredos
Da mão que as acaricia!

A arte, ao trama-las, excelle,
Torna essas lindas alfaias
Só comparaveis á pelle
Das mulheres uruguaias!

Digitized by Google

Sedas de aroma de assucar,
Do olor que exhala a parreira
Da uva loura de San-Lucar,
De Xerez ou da Madeira!

Em seus calidos refolhos,
Dobras, lisuras, larguezas,
Pelos labios, pelos olhos,
Bebo estas sedas chinesas!

O brasume do contacto
Incandesce-me o desejo:
Faz-me, no gosto do tacto,
Fruir o fogo do beijo!

Só a seda, só a seda,
Doce e forte, quente e fina,
Tem o cheiro da reseda
Da epiderme feminina!

Digitized by Google

VELHA GAVOTA SECULO XVIII

A Baptista Pereira

Este airoso compasso, esta velha gavota,
— Ri, la, la, ri, la, la, la, la, ri, ri, la, ri . . .
Mais que um Diario, um Jornal, ou qualquer anecdota,
Faz-me evocar Buffon, faz-me lembrar Crétry . . .

Jélyotte, o tenor, junto do clavecino,
Cantarola, acompanha o voltejo de um par . . .
E, quem fere a espineta, é um menino divino,
De dez annos somente, e chamado Mozart . . .

A senhora Geoffrin, entre ourives, artistas,
Carmontelle, La Tour, Olivier, Natier,
Preside ao discursar dos encyclopedistas,
No seu theatro salão, pintado por Boucher . . .

Mais que um livro de historia, esta velha gavota,
Ri, la, la, ri, la, la, la, la, ri, ri, la, ri . . .
O oiro a rescintillar do seculo denota,
De Voltaire e Rousseau, da Conti, de Lulli . . .

— "Bravo, mil parabens! Linda flor da finura!"
Quem applaude? Caylus! Grimm! Gouthière! Duclos!
E o Senhor d'Alembert inicia a leitura
Do — Ensaio contra Deus, — por Satan-Diderot!

Digitized by Google

O TEMPO DE AMAR

A Graco Silveira

O tempo de amarmos, a idade do sonho,
Do beijo bombom,
Será oitenta annos, conforme eu supponho,
Ninette, Ninon?

Ninette, é aos oitenta, Ninon, oitenta annos,
Que temos o dom
De rir dos arrufos, traições, desenganos,
Ninette, Ninon!

Destilla-se, apura-se o extracto da vida,
Finor do bom-tom!
Sorri-me, deslumbra-me a neve florida,
Ninette, Ninon!

Assim como as cores suaves, o linho,
Ninette, Ninon!
O amor, muitas vezes, lembrando-me o vinho,
Bem velho é que é bom!

Digitized by Google

A ROMANÇA DE CHERUBIM

Faz annos hoje Mademoiselle Marie Leconte.
FIGARO.

Não existe primor na comedia galante,
No alto theatro francês,
Que se possa igualar a esse pagem pimpante,
De gracil timidez.

Ainda rosa em botão, vestido de azul claro,
Evocando Lindor,
Só a Jehan de Saintré e a Luzel o comparo,
Fantasiado de flor.

Oh! deslumbra-me o quadro em que ordena a Condessa:
— "Prohibo-o, Cherubim,
De ser lindo! e fazer que, outra vez, me enterneça,
Vendo-o feliz assim!"

Defender-lhe a belleza! o ser lindo! tão lindo
Que maravilhe o olhar
De uma fragil mulher que, sonhando e sorrindo,
Tem receio de amar.

Tudo quanto na vida ha de graça e ternura,
E adolescente, em fim,
Caron de Beaumarchais floreou nessa figura
Feita de ouro e cetim.

Digitized by Google

Elle é o Passaro Azul, lendariamente moço,
Lirio do mês de abril,
Que se roseia ao sol, no primeiro alvoroço
De um fremito subtil.

Quando, ingenuo, elle fala a Suzanne e a Fanchette,
Disfarsando o prazer,
Sem o suppor, seduz, sem o sentir, promette,
E ama, sem o saber.

Relembro a noite de arte em que vi, reincarnado,
Esse airoso donzel,
Em Maria Lenconte, ajoelhando-se ao lado
De Cecilia Sorel.

Com que ardor a applaudi, nessa noite de França,
De gala no — Français!
Ouço-lhe a doce voz, modulando a romança
De Caron Beaumarchais!

— "Minha cara Madrinha, espelhada na fonte,
Que ha no vosso jardim..."
E os olhos fecho e beijo a Maria Leconte,
Noiva de Cherubim!

Digitized by Google

A CONCHA E O LEQUE

Entre a concha e o leque existe
Opposto çalameleque:
A acusma da concha é triste,
E alegre o aroma do leque.

Conserva a concha a surdina
Do mar, cantando em oitava,
E o leque a ironia fina
Da boca em flor que afagava.

De um coração que chorasse
Guarda a concha o murmurejo...
E o leque o frescor da face
Que o perfumou, dando um beijo.

Digitized by Google

JOIA

A Alberto Sousa

Grand ange harmonieux da la Métaphysique —
Des Essarts — Poèmes de la Révolution.

Mostrou-me Jean Robiquet,
No Museu Carnavalet,
A modelagem de um pé,

Feito a escala, a petipé,
Tão primoroso que até
Suppuz ser o de Aglaé!

Não será, Jean Robiquet,
Esta joia o lindo pé
Da egypcia Rhodopié?

— Não, jamais, diz Robiquet,
Fóra de França, em Phylé,
Cendrillon teve este pé!

Sim, de facto, por quem é?
Se está no Carnavalet,
E' parisiense este pé!

Digitized by Google

Deffand? Aïssé? Montolet?
Conti? Sévigné? Segrais?
L'Espinasse? Imbault? Vernet?

Mas sorri, diz Robiquet:
— De nenhuma dellas é
Este irreprehensivel pé!

E, com ternura, com fé,
Lê o — Cartão-Carnavalet:
— Marquesa de Condorcet. —

Digitized by Google

SANDALO

Por que entre cem aromatas preferes
O sandalo oriental?
E, como tu, são todas as mulheres
De afinado requinte sensual?

— E' que apenas o sandalo indiano
Tem o carnal calor
Que vapora, [illegible] o corpo humano,
Durante o instante magico do amor.

Digitized by Google

DONA MYSTICA

A Jacques D'Avray

Soidade do nosso Alphonsus

A minha Amada, flor byzantina,
E' a imagem fina
De Santa Clara, Luz dos Vitraes!
Vejo-A inspirar-me, pallida e pura,
Na illuminura
Dos Livros de Horas e dos Missaes!

Quando A contemplo, Cheia de Graça,
Na alta rosaça
Que arde na Torre da nossa fé,
Qual São Bernardo, rezo, em dulia,
Mariolatria,
A' Virgem Santa de Nazareth!

Tende piedade dos meus cuidados,
Dos meus peccados,
Dai-me a certeza da salvação!
Que eu sinta aquelle mel ineffavel,
Oleo adoravel,
Que unge o sorriso de Santo Antão!

Digitized by Google

Santa Cecilia, Santa Constança,
Lirio-Esperança,
Estrella d'Alva do meu Amor!
O' Kyrialesca, Mystica Dona,
Branca Madona,
Casta Açucena de Neve em Flor!

Feita de cera, de agatha e prata,
Inviolata,
Tendes os olhos das nossas Mãis!
Senhora Minha! Senhora Minha!
Noiva e Rainha!
Do Mestre Alphonsus de Guimarães!

Tilintam sinos, tinem matinas,
Trilam surdinas,
Diling e ling, diling e len...
Misericordia! Monja Amorosa!
Miraculosa!
Livrai-me sempre do mal. Amen.

Digitized by Google

MANDOLINA

A lua loura
Reluz no lago...
As aguas doura
Timido afago...

Graça perenne,
Flebil volata,
O', de Verlaine,
Mandolinata!

Vago, tristonho,
Beijando a brisa,
O azul do sonho
Se evaporiza...

Digitized by Google

CRYSTAL

Maravilha-me a alvura do crystal:
Transparecendo na delicadeza,
A nitente frescura da pureza,
De tão branca, se torna musical!

Arcoirisado, seu rebrilho é tal
Que, alvo, á luz, toda cor nelle está presa,
Desde o azul verde-mar que ha na turquesa
Ao vermelho-cereja do crocal.

Fragil, se acaso, qualquer choque o fende
Embaciado, a chorar pela fissura,
Retrahe o aggravo, a colera contêm.

Somente o nosso coração entende
A paixão que ao crystal fere e tortura,
Porque elle é, ás vezes, de crystal tambem.

Digitized by Google

LILÁ

Respondo á carta galante
Que Lylante
Me escreveu, para saber
A côr, o gosto e o perfume
Que, presume,
Me darão maior prazer.

Lylante, eu adoro as cores,
Como as flores,
Desde o cinzento ao graná,
Mas a minha predilecta,
Côr de poeta,
Entre todas, é o lilá.

E' conhecido, supposto,
O bom gosto
Que revelei, defini,
Louvando os doces franceses,
Boisieses,
Sévigné, Caron, Marquis.

E o perfume? Amo o perfume
Que resume
A carne e o sonho da flor...
Mas, entre todos, desejo
O do beijo,
O bombom lilá do amor.

Digitized by Google

En éclatant
Tout bas, comme un bouton de rose . .

A Isa

Era uma vez uma acordina
Que, ao soar das horas, singular,
Remodulava a — Sonatina
Trianonesca, de Mozart.

Preciosidade! Relembrava
Certa marquesa rococó,
Vestida de ouro e seda flava,
Com laçarotes no bandó.

Obra de entalhe, caprichosa,
Dos claros tempos de Méhul
Que, em porcelana cor-de-rosa,
Repercutia um som azul.

Quando este lyrico presente
Chegou, sem mesmo o agradecer,
Toda a familia, de repente,
Vibrou de espanto e de prazer.

Todos, em torno dessa joia,
Não se cansavam de a applaudir,
Sem desconfiar da paranoia
Que iria o mimo produzir.

Digitized by Google

Airosa, antiga, volta e meia,
Davam-lhe corda: e ella, gazil,
Como um canario, regorjeia
A velha musica subtil.

Porêm, de leve, e a pouco e pouco,
Magicamente, a cada qual,
Na seducção, tornava louco
Aquelle fluido musical.

Modificou-se, inteiramente,
A vida placida no lar,
E eis que a familia, inconsequente,
Entrou de todo a delirar.

Tal o veneno de um perfume,
la o relogio encantador
Mudando os trajes e o costume,
Dando-lhes classico sabor.

A cada instante, a cada passo,
Cantarolando o Dó, Ré, Mi,
Andavam todos no compasso
Dos andantinos de Lulli.

Festivas, limpidas, sonoras,
Perturbadoramente, em vez
De um quarto, soavam as dez horas,
A meia noite e não as tres.

Assim, os habitos burgueses
Soffreram taes alterações
Que, em talvez menos de dois meses,
Se transformaram as feições.

Digitized by Google

E, hoje, em virtude da acordina,
Toda a familia tem o dom
De possuir a superfina
Graciosidade do bom-tom.

Fóra do nosso tempo, aquella
Gente, que a musica inspirou,
Reflecte, em vagos de aguarella,
As personagens de Watteau.

Digitized by Google

AS ABELHAS

Nos rosaledos do vergel, dispersa,
A companhia illustre discursava,
E, a quando e quando, em meio da conversa,
Uma abelha auritrémula passava.

Para fazer o mel, a abelha escrava,
Pousa nas flores, soffrega e perversa,
Mas a attrahe o perfume que exhalava
A palestra, por vezes controversa.

Busca os labios das lindas namoradas,
Tenta sugar as bocas odorantes,
Que mais parecem rosas encarnadas!

E de tal modo frescas e vermelhas
Que, eternamente, illudem os amantes,
Como, ás vezes, enganam as abelhas.

Digitized by Google

FLORISE

Quando, criança inspirada, eu sonhava Florise,
Verso a verso, desfiando as rimas, gemma a gemma,
Desvairava-me a crença, assaltava-me a crise
De praticar na vida esse impeccavel poema!

Conseguir, pela fé, que a Arte nos divinize!
A Arte acima do Amor! a Arte tórculo, algema!
A Arte capaz de obter que o trabalho realize
O absoluto na fórma, a perfeição suprema!

O' Florise! era assim que eu buscava a Belleza!
E é com o mesmo fervor e o mesmo paroxismo
Que recordo, ao beijar-te, essa ambição secreta!

Immarcescivel flor da poesia francesa,
Perpetuo e modelar lis do parnasianismo,
Bendita sejas tu, que me encantaste em Poeta!

Digitized by Google

LANTERNA MAGICA

Era uma vez...
Um jardim todo azul, todo em flor, muito lindo...
E, em meio de um canteiro, entre as flores, sorrindo,
Vi-te desabrochar como um lirio lyonês...

Era uma vez...
Um festivo vergel, todo verde e doirado...
E, a pender da alta fronde, aclarando o relvado,
Vi-te frutificar como um pomo camoez...

Era uma vez...
Um lago, côr de prata, uma agua crystallina...
Sobre a qual se espelhava uma estrella divina,
Menos bella que tu, de menor lucidez...

Era uma vez...
Um amante, que em tudo o que via e adorava,
A imagem da mulher se lhe representava,
Na magia do amor, desvendando a nudez...

Digitized by Google

BILITIS

O amor devia ser, — e era na Grecia, outrora,
Um fruto natural, o pomo do desejo...
Se, facilmente, nós apanhamos a amora,
Por que motivo, assim, não colhemos o beijo?

Provava-se, no ar doce, a caricia do vinho,
Sem se discriminar, — essencias capitosas,
Se vinha a exhalação, que aromava o caminho,
Das mulheres em flor, ou da carne das rosas...

Digitized by Google

A FESTA CÔR DE PEROLA

Jamais olvidarei a finura, a fineza
Com que, para encantar a Pierrot, Colombina
Reuniu em seus jardins, á maneira francesa,
Vinte amigos de escol, numa festa divina.

Oh! foi lindo esse baile! É impossivel sonhar-se
Mais pura distincção, requinte mais gentil!
Cada qual revestira o mais fino disfarse
De Arlequim ou Lindor, de Clitandro ou Myrtil.

Em contraste com a luz brasileira, radiosa,
E os verdes vegetaes, de vívidos vernizes,
Tintas tenues, em tons de opala côr de rosa,
Ou de perola gris, esmorzando os matizes.

Maravilha! Jamais esquecer poderia
O encanto dessa azul vesperal á Watteau,
Que começa, ainda ao sol, no resplendor do dia,
E que ao nascer do luar, como um sonho, acabou.

Casacas de cetim, de nobrezas preclaras,
Falvalás rococós, ruflos e ruge-ruges...
Sedas que deixam ver, nas transparencias raras,
Guipuras d'Alençon, de Malinas ou Bruges.

Digitized by Google

Oh! jamais, oh! jamais deslembrar-me eu pudera
Desse sarau num parque, essa azul vesperal
Dada por uma deusa, em plena primavera,
No seio de um jardim, numa tarde aromal...

Inspirando a Pierrot, seduzia, encantava,
Encantando, porêm, quanto mais seduzia,
O modo pelo qual Colombina falava,
A maneira por que Colombina sorria.

Princesa! sim, Princesa! adoravel Princesa!
Incomparavel flor, primorosa, subtil!
Colombina foi sempre a suprema belleza!
A mais linda mulher que já teve o Brasil!

Do, re, sol, mi, la, la ... Era a voz de Climène,
Deslumbrando a Lycás, conduzindo o desfile...
Pairava no ar o olor dos versos de Verlaine,
Julio Dantas, Goulart, Monsaraz e Banville.

E esse tremulo som remodulava, ao longe,
Sorrindo entre os rosaes, cantando ao seu galan
"Le Départ pour Cythère" e "Le Retour du Songe",
De Emmanuel Chabrier e de Reynaldo Hahn.

Sim, era espiritual, era ideal, superfina,
A musica, em surdina, a azular-se á distancia...
— Beijo-te as mãos liriaes, formosa Colombina,
Por esta sensação da mais alta elegancia! —

Brincavam pelo parque os canarios fidalgos,
Em torno de Va-Vite, o famoso corcel,
E dos alvos casaes de cysnes e de galgos
Que lhe trouxe de Nice o Almirante Martel.

Digitized by Google

Serviam-se os bombons e os sorvetes de alperche
Em crystaes de Veneza, ou de velha faiança.
E em calices Lalique e taças Delaherche
Os vinhos da Champagne, os licôres de França.

Junto aos caramancheis notava-se o tablado
De um minusculo palco, onde o poeta Pierrot,
Como no pavilhão de um theatro improvisado,
Diria, ao fim da festa, uma canção de Hugo.

A tarde começava a esfriar. Muito em breve
Iria o pôr do sol, beijo de ouro, aureola-la.
Esmaecendo, ia a luz diluindo-se, de leve,
Até pallidecer em semitons de opala.

Findava o serenim. Envolvendo a paisagem,
O crepusculo azul principiava a sombrear.
Na pelucia de nevoa uma flebil aragem,
Ainda medrosamente, annunciava o luar.

Mais ageis, na aspiral, os repuxos tremeram.
Pelo braço Pierrot conduziu Colombina.
E, de repente, em todo o parque, se accenderam
Os balões do Japão e as lanternas da China.

O que é fragil me inspira a maior sympathia,
O que é vago e fugaz sempre suggere amor.
A mais querida rosa apenas dura um dia,
E esse baile francês foi tal qual uma flor.

Adoremos o sonho, abençoemos a graça ...
Tudo se esfolha, tudo foge, tudo finda ...
Deliquescencia, evanescencia, fim de raça ...
Tu, só tu, puro amor, és cada vez mais linda!

Digitized by Google

QUELLA CHE IMPARADISA LA MIA MENTE!

Ogni basso pensier del cor m'avulse.

Amo-te! e é sempre a mesma, enamoradamente,
Minha deslumbradora, estrellada affeição!
Através do passado, em fulgencia fremente,
O sol do eterno amor doira-me o coração!

Ha quem diga que o amor é o desejo somente,
Flamma fulva e fugaz, fatua fascinação!
Mas quem descrê da luz, ou seu brilho não sente,
Só merece extranheza e tambem compaixão!

Adorar é melhor do que ser adorado:
O consolo mais grato, a suprema virtude,
E' para outrem viver, em continuo fervor!

Para te sempre amar, basta-me haver-te amado!
Amem-te mais a ti do que a mim, Celsitude!
E unicamente a mim, só por ti, meu Amor!

Digitized by Google

ROSICLER

Digitized by Google

Digitized by Google

A TRANSUBSTANCIAÇÃO

A Arthur Neiva

Para mim nenhum quadro é mais impressionante,
Nada me faz o riso aclarar-me o semblante,
Me dá tanto prazer, como esta illuminura:
A alampada do sonho abençoadora e pura,
Véla. Fulge, através da gelosia accesa,
Uma fronte a pender sobre o altar de uma mesa.
Em torno a bibliotheca, hieratica, esplendece.
Paira, no ar estrellado, o dulçor de uma prece.
Elle estuda. Glorial, feito de ouro, a irisa-lo,
Como a um deus, nimba-o todo a fulgencia de um halo.
Dormita a rua, ao luar, dentro da noite muda.
Abstracto, illuminado, elle escreve, elle estuda.
Contemplai-o. Adorai-o. Elle estuda. Elle escreve.
Passai, mas de vagar, em silencio, ao de leve.

Digitized by Google

Digitized by Google

Graça:

A DOM CID SILVEIRA,

Troveiro, Filho do Mestre Agenor!

Digitized by Google

Digitized by Google

Porque sempre, antes que as cousas aconteçam, o coração as suspeita; e mais quando é entre pessoas em que o amor tem muita parte: que então elle é o primeiro a quem este receio vem.

Francisco de Moraes,
Palmeirim de Inglaterra

Oriana, que via ali diante mais que a si propria amava, sorriu-lhe graciosa e respondeu de alvoroçado coração...

E com o aguçado sentido que torna adivinhos os corações das mulheres.

Do "Amadis de Gaula",
Dos Lobeiras

Não foi por affectação de estilo, nem por gosto de artista, que conservei, o mais que pude, o tom da epoca, e preferi, ás modernas, as fórmas archaicas da lingua, sempre que as suppuz intelligiveis; foi porque as ideias mudam, mudando as palavras e não se podem substituir termos antigos por termos de hoje, sem alterar sentimentos e caracteres.

Anatole France,
Prefacio da "Jeanne d'Arc"

Digitized by Google

Digitized by Google

Surtout pas de tons violents :
Un peu de blanc, un peu de blanc
Avec du rose...

Albert Mérat

Digitized by Google

Digitized by Google

ROSICLER

Nada de graus candentes: tudo
Fino, esbatendo-se o primor
Em macieza de velludo,
Ou suavidade mortecôr.

O claro, o pallido azulado,
O semiazul que ha no lilá;
O tenue tom arcoirisado
Do côr de rosa rosa-chá.

Nada de cores vivas, nada
De luzes fortes, mas, subtis,
Timidas tintas de alvorada,
Em gradações perola-gris.

O alvor do nacar, as doçuras
Das porcellanas do Japão;
O rosa secco das pinturas
Em velhos cofres de chãrão.

Sombra da côr, delicadeza
A se diluir em meio tom,
Como ha na seda lyonesa,
Ou na guipura d'Alençon.

A fantasia mal se atreve
A definir o rosicler,
O leve luar, a rosa e neve,
De certas cutis de mulher.

Digitized by Google

TRADUCÇÃO - ADAPTAÇÃO - EXERCICIO DO SEGUNDO ANNO DE ARTE POETICA

Um lirio azul, Senhôra minha,
Se enamorou de uma andorinha...

Era uma vez um lirio, um lirio azul, tristonho,
Flor que em si resumia a doçura do sonho.
Vendo no alto, trissar uma alegre andorinha,
Sem notar que era azul, mas que do chão provinha,
Por ella se encantou, apaixonadamente.
Mas alegre andorinha ao lirio indifferente,
Ou sem suppor, talvez, a paixão que inspirava,
Em vivido bailar, junto delle revoava,
Resaltitando voaz, a fugir, ia e vinha,
Era em tudo uma linda, uma alegre andorinha
Pela voz do perfume, alta e nobre Senhôra,
Supplicava-lhe a flor a graça inspiradora,
Enviando-lhe um olhar, em que um beijo sorria...
Amou-a, amou-a, amou-a! Até que, ao fim do dia,
A' hora em que a tarde esmaia, amoravel e doce,
Triste, a fronte pendeu, e murchou, e finou-se,
Sem que ella conhecesse o infinito martyrio
Que, em segredo, tortura o coração de um lirio...
Mas que? Curva a cabeça? Entristece? Adivinha?
Senhôra, um pobre lirio adora uma andorinha.

Digitized by Google

NA MEDIDA VELHA DA ENSINANÇA GALANTE E DA GAIA SCIENCIA DE BEM TROVAR

Menina Briolanja,
Das vestes tafues,
Parecem-me a hydranja
Teus olhos azues.

E's moça e formosa,
Tra, li, lá lá, rá...
Que linda esta rosa!
Colhamo-la já...

A' tarde, querida,
A flor vai murchar...
Não percas, na vida,
O tempo de amar...

Meu Deus, que desgosto
Seria essa dor
De ver o teu rosto
Murchar como a flor...

E' o tempo da hydranja,
E's moça e gentil:
A hydranja, Briolanja,
Se colhe em Abril.

Digitized by Google

CANÇÃO DO MEU CORAÇÃO

Meu Coração pôs-se a cantar
Pôs-se a cantar, com tal calor,
Mas com ardor tão singular,
Que, á clara voz do seu cantar,
Clara canção do seu amor,
Eu lhe fallei, a meu pesar,
Tentei traze-lo até á razão...
Mas qual! mas qual! meu Coração
Não deu ouvido ao meu falar...
Pôs-se a cantar, pôs-se a cantar...
— Ai, Coração, meu Coração,
Canta mais baixo, de vagar,
Porque é tão doida essa canção
Que o riso pode provocar...
Ella é tão moça e tem um ar
De ouvir, sorrindo, o teu cantar...
Pois tu não vês, pois tu não vês,
Que ella vinte annos tem, talves,
Menos que tu, meu Coração?
Que se lhe agrada o teu cantar,
Nada este agrado quer dizer...
E irá, mais tarde, torturar
A tua insana adoração?
Irás soffrer, irás soffrer,

Digitized by Google

Soffrer de amor, penar de amor...
Porque tu vais envelhecer,
E Ella, a brilhar, alveja em flor...
E o Coração me respondeu,
Sempre a cantar, sempre a cantar:
— O' Amor! o Amor! o Amor sou eu!
O' Primavera! ó Arrebol!
Manhan de sol! Manhan de sol!
Beijai! Amai! Sonhai! Sonhai!
Cantai! Cantai! Cantai! Cantai!
Nunca envelhece quem amar!
O Amor conserva o parecer
De um pagem lindo, a delirar!
De um astro de ouro a resplender!
E eu, em lugar, eu, em lugar
De, dia a dia, envelhecer,
Como os jasmins do teu solar,
Sinto-me rejuvenescer!
E, louco, assim, a gorjear,
Sem reflectir, sem descansar,
Meu Coração vive a cantar!

Digitized by Google

Ó LINDA Á MARAVILHA! Ó DAMIZELA!

Sempre amei a Damizela/
Muito, muito, ingenuamente...
Mas de fórma tão singela
Que, em verdade, era innocente...

Sim, sempre achei, sendo amavel,
Natural, predestinado,
Que todo lirio, adoravel,
Não tarde em ser adorado.

Riamos tanto, mas tanto,
De modo tal e tão lindo,
Que até nos causava espanto
A's vezes estarmos rindo...

Seus olhos eu conhecia,
E adivinhei-lhes segredos...
Senti-lhe a pelle macia
Pelo beijo dos meus dedos...

Eu descobri, ó surpresa!
Que a sua face formosa
Tinha no aroma a fineza
E o acetinado da rosa...

Digitized by Google

Ora, um dia, ella curvou-se,
Perto de mim, mas tão perto
Que... — uma roman talvez fosse —
Pelo decote entreaberto...

Eu vi, — delicia encantada!
Tu me tornaste poeta!
Eu entrevi... não vi nada:
Cala-te, boca indiscreta...

Ai, tentação! Alegria!
Convem não ser tagarela...
Tra, lá lá... Desde esse dia,
Mais ainda eu gostei della!

Digitized by Google

JOCZ - ENAMORATZ

Vermelhava na serra a primeira framboesa...

O automovel parou no caminho de Santos.
A algazarra no bosque era tal, e eram tantos
Os motivos de festa, as causas de surpresa,
Perfumando o arredor, florindo a redondeza,
Que havia sempre, e em tudo, imprevistos encantos.

E colhemos na serra a primeira framboesa...

Em torno o mar e o céu, scenario formidando,
No qual devem amar-se os artistas, cantando,
Rasgavam-se, fundindo a amplitude e a viveza,
Maravilha a tombar e a rolar, multiaccesa,
Dando a impressão de haver luz catadupejando!

E colhemos na serra a primeira framboesa...

E enquanto a selva esplende, arde a seiva, a agua espoca,
Ella, extatica, a olhar-me, apaixonada e louca,
Na moldura vivaz da nossa Natureza,
Resumindo na carne o viçor da belleza,
Deixou que lhe eu provasse o morango da boca...

E colhemos na serra a primeira framboesa...

Digitized by Google

SYLVA

Áquella que me não quer:
Rosicler!
E assi morrerei por quen
Nen quis meu mal, nen meu ben!

O amor, que em meu peito arde
E' como a sombra em redór:
Quanto vai sendo mais tarde,
Tanto vai sendo maior.

Meu coração soffre agruras,
Vive, na sua mudez,
A endorar penas bem duras,
Por peccados que não fez.

O meu mais longo desejo,
Mais forte, arrebatador,
E' ficar preso num beijo
A' boca de Lindamor!

Genevra, Inês, Namoradas,
Garridas dos meus segredos,
Beijo as vossas mãos de fadas,
No fino tacto dos dedos.

Digitized by Google

Tão diversa tens estado
Daquella que eu conheci,
Que, ontem, estando ao teu lado,
Tive saudades de ti.

A mais fremosa de quantas vejo,
E' a mi senhor!
Outras louçanas me dão desejo,
Mas não amor.

Por que assi tardaste na fontana fria?
Té que mo respondas, preguntartoey.
— Madre, perdoade pola Santa Iria:
Os amores ey.

Todalas aves de amor diziam,
Todalas flores me repetiam,
Todalas cousas, cantando ao sol,
Os verdes nomes de tres troveiros:
— Affonso Lopes, Ruy de Briteiros,
Nuno Fernandes de Torneol!

Violante, Brizida, Iseu:
Quem sou eu?
Brunéu, Arban,
Florestan,
Agrages ou Galaor?
Respondede, mi Senhor!

— Por que tardaste na fonte,
Maria, minha Maria?
Conversando alli de fronte,
Por uma tarde tão fria?

Digitized by Google

Com amigas conversava,
E a conversa me sorria...
E, entretida a hora passava,
Passava, e eu nem na sentia...

— Tuas palavras são falsas,
Maria, minha Maria!
Mulheres não usam calças,
E o conversado as vestia...

Cuidado, muito cuidado,
Maria, minha Maria!
Vê bem que o teu namorado
Só mentiras te diria...

— Pois que á verdade eu prefira
A mentira que me agrade,
Porque, ás vezes, a mentira
Vale mais do que a verdade.

Para seres sempre minha,
Sempre minha, meu amor,
Se tu fosses andorinha,
Eu seria caçador...

Se, acaso, fosses um lago,
Eu um salgueiro seria,
E o meu vulto, triste e vago,
Sobre ti reflectiria...

Quando taes cousas falava,
Dizia a Griselidis,
A sua voz, que encantava,
Em resposta assim me diz:

Digitized by Google

— Saluces, não precisamos,
Ser o sol e ser a lua,
Porque sempre nos amamos,
Porque sempre serei tua.

Adoro as flores, todas as flores,
Mas, dentre todas, o malmequer...
Como entre todos os meus amores,
Prefiro a boca de Rosicler!

— Dorme, dorme, meu filhinho...
Canta a Mamãi lacrimosa...
O berço é tal qual um ninho,
Tal qual uma grande rosa!

Balança o berço e soluça,
A gargalhar, pobre louca,
E, de joelhos, se debruça,
Para beijar uma touca...

E embala o berço vazio...
Seus olhos parecem brasas...
Sem ver, em tal desvario,
Que os anjos todos têm asas...

DO DIVAN DE — "AMAR-BEN-EL-FONTINS"

Jardim das **Caricias** —

— Que flor, da rosa á violeta,
E' a mais amada por ti?
E eu, em resposta, a Julieta,
Dei um espelho... e sorri.

Digitized by Google

Sensualmente, Isul bailava
A Dança do Encantamento.
E as serpentes imitava
E as flammas fervendo ao vento.

Volupia é, acaso, o teu nome?
Interroguei. Sem prazer,
Surpresa, Isul preguntou-me:
— Volupia que quer dizer?

As Cigarras cantam, cantam,
Cantam sempre, não se espantam,
Nem mesmo ao som das fanfarras,
Dos trovões, das zanguizarras!
Cantam sempre, sempre, absurdas,
Porque as Cigarras são surdas...

A chuva, ás flores nervosas,
Dá mais brilho, mais viçor.
Como a chuva sobre as rosas,
São as lagrimas no amor.

Beijei-a. A aurora esplendia.
Beijou-me. O sol purpureja.
Meia-noite, meio-dia,
E eu a beijo! Ella me beija!

Brahim, o Astronomo, é sabio.
Maneja a lente e o astrolabio,
Sabe tudo, tudo, em fim...
Porêm que a esposa, Zeinab,
E' amante de Eddin, não sabe!
E o sabem todos, Brahim!

Digitized by Google

LYRA

Deixa, querida, que te eu fale
Na mais secreta confiança:
Não ha belleza que se iguale
A face em flor de uma criança.

A arte, querida, é a natureza;
O grande artista é o Sol, querida:
O sonho eterno da belleza
E' a perfeição da propria vida.

Glorifiquemos a verdade,
Sem ambições maravilhosas:
Cantemos a simplicidade,
Olhando as nuvens, vendo as rosas.

Digitized by Google

LAI

TIROLI

Do, re, mi, fa, sol, la, si...
A primavera sorri!
Vamos ao bosque, até lá?
Re, mi, sol, do, re, mi, fa...
Ouvir cantar, em bemol,
Mi, re, do, do, re, mi, sol,
O pintasilgo e o tié,
Sol, mi, fa, sol, mi, do, re!
O sanhaço e o bentevi,
Re, do, sol, fa, la, do, mi?
O canario e o sabiá,
Do, re, mi, do, re, mi, la!
Mas quero contigo só:
Si, la, sol, fa, mi, re, do.

Digitized by Google

CLAMÓR

A Correia Junior

Vai ser tremendo, terrivel,
Quando eu lhe falar, tenace,
Do modo mais insensivel,
Face a face.

Calmamente, friamente,
Ante seu vulto adoravel,
Hei de mostrar-me inclemente,
Implacavel.

Porque as Princesas precisam
Saber das maguas secretas
Que nos matam, martyrizam,
Pobres poetas...

Por isso dir-lhe-ei: — Rainha,
Por quem desvairo e me inflammo,
Ai, Dona e Senhora rainha!
Eu Vos amo!

Digitized by Google

CANÇÃO FRANCESA

Quando eu fui ao Jardim,
Quando eu fui ao Jardim,
Amavioso, do Amor,
A uma Rosa um Jasmim,
A uma Rosa um Jasmim,
Confessava-se assim,
Na linguagem da flor:

— E's a Rosa gentil,
E's a Rosa gentil,
Maravilha do Amor!
Não floresce em Abril,
Não floresce em Abril
Perfeição mais subtil,
Nem mais fragil primor!

— Se vou breve morrer,
Se vás breve morrer,
Por que então, meu amor,
Não terás o prazer,
Não me dás o prazer
De sonhar, de sorver
O teu beijo de flor?

Digitized by Google

— Tudo passa veloz,
Tudo foge veloz,
Sim, a vida é uma flor...
Pois se assim somos nós,
Pois se assim somos nós,
Já que estamos a sós,
Dá-me um beijo de amor...

Quando eu fui ao Jardim,
Quando eu fui ao Jardim,
Amavioso, do Amor,
A uma rosa um Jasmim,
A uma rosa um Jasmim
Confessava-se assim,
Na linguagem da flor...

Digitized by Google

TENÇÃO DE MAL-DIZER

Se eu podesse desamar,
Quem me sempre desamou,
Não na fizera penar
Do mal que penando estou.

Assim me vingara eu
De quem por mim não soffreu.

Mas não posso eu desamar,
Quem me sempre desamou,
Por isso quero poupar
Quem a mim nunca poupou:

Rogo a Deus não faça amar,
Quem me sempre desamou.

Digitized by Google

SOLAU

Fez umas trovas de amor
Para mim, o meu amigo,
Que, com franqueza, vos digo
Que não sei de trovador
Capaz de maior primor!

Fez umas liras no son
Que sacon mi coraçon.

Muito bem soube trovar
As desventuras que sinto,
Que eu, certo, melhor não pinto,
Com as tintas do meu pesar,
A dor que me faz chorar.

Fez umas liras no son
Que sacon mi coraçon.

Agenor, folgo em dizer
O bem que tu me fizeste,
O consolo que me deste
Loando o meu padecer,
Que me dá mágua e prazer,

Com as liras que no teu son
Mi sacon o coraçon.

Digitized by Google

TONADILHA

Musica de Julieta Telles de Menezes

La, li, lon, la, li, lon, la...
Aonde vais tu, rapariga,
Andando assim, linda amiga,
Nessa estrada longa e má?

Longe, longe que haverá
Naquelle esfumado monte,
Que apparece no horizonte,
La, li, lon, la, li, lon, la?

Ouve, espera, dize já,
Que desejas ou procuras,
Por entre selvas escuras,
La, li, lon, la, li, lon, la?

A gloria te tentará?
Queres, acaso a riqueza?
Ai, é o amor com certeza...
La, li, lon, la, li, lon, la...

— Sim, é o Amor! Onde está
O país em que os amantes,
Hão de ser sempre constantes,
La, li, lon, la, li, lon, la?

Andas, filha, ao Deus-dará...
Menina, não fiques triste:
Essa terra não existe...
La, li, lon, la, li, lon, la.

Digitized by Google

ROMANCE PARA SEDUZIR JULIETA

A aragem troca o pollen de ouro,
De flor em flor, de flor em flor ...
A entretesser esse namoro,
Serva solicita do Amor!

A ave estremece, seduzida
Pelo cantar, galantizar
De uma outra voz, jamais ouvida,
Feita de aroma e de luar!

A agua se encrespa, e freme, e vibra,
Desfiando perolas, coraes ...
Nas transparencias equilibra
Milhões de essencias germinaes!

Amam-se as pedras, os minerios,
Talvez, talvez sem o saber ...
Fundem-se multiplos mysterios
Para a perpetuação do Ser!

Amam-se os entes, como as cousas,
Sentindo identicas paixões ...
E a luz attrahe as mariposas,
E cega os nossos corações!

Digitized by Google

Só tu, Julieta, indifferente,
Longe de mim, longe de mim,
Dormes, enquanto o luar pallente
Casa os rosaes no teu jardim!

Que noite noiva! O alvor da prata
E' um cortinado de hymeneu!
Julieta, escuta a serenata,
Ouve o rimance de Romeu!

Da balaustrada argentizada,
Alguem, que attende aos meus solaus,
Deixa rolar a estreita escada
Feita de fragiles degraus.

Digitized by Google

XACARA

Triste sorte, a minha sorte:
Vivo aqui, desilludida,
Sem esperança na vida,
Chorando e pedindo a morte.

Não pode haver quem supporte
A agrura deste convento,
Onde não tenho um momento,
Da mais fugaz alegria.

Minha Mãi bem me dizia,
Que é muito triste o ser freira,
Ficar a gente solteira,
Sem a ninguem ter affecto.

Aqui desvivo, vegeto.
Em vez de embalar meninos,
Vivemos a tocar sinos,
Bem contra a nossa vontade.

Já o disse ao Dom Abbade,
Mas elle, sem dar-me ouvido,
Fica logo enfurecido
E castiga os meus peccados.

Digitized by Google

E eu, tão cheia de cuidados,
A's vezes, rezando o terço,
Começo a embalar um berço,
Entretida, distrahida...

Não nasci para esta vida...
Sou moça, forte, formosa...
Não é justo ver a rosa,
Murchar occulta na sombra...

A' noite, o que mais me assombra,
Ao contemplar as estrellas,
E', subitamente, vê-las
Fugindo no firmamento!

Fogem... E eu, neste convento,
Pobre freira, velha freira,
Passarei a vida inteira,
Misera flor, passiflora...

.....

Ding, dong! Matinas! Lá fóra,
Os sinos bailam nos ares,
E ha borboletas, aos pares,
Noivando ao claror da aurora!

Digitized by Google

CANTARCILHO EM FORMA DE VILLANCICO

A Afonso **Lopes Vieira**

Leonoreta, Leonoreta,
Bela sobre toda fror,
Leonoreta, fin roseta!

Senhor genta, non me meta
Em tal coita voss' amor,
Leonoreta, Leonoreta,

Fremosura, perla neta,
Non desejo outra Senhor!
Leonoreta, fin roseta!

Das que vejo, tan branqueta,
Nenhua ten tal brancor,
Leonoreta, Leonoreta!

E' loucura que eu prometa
Non quitar a mia dor,
Leonoreta, fin roseta?

Em tal guisa nhun se meta,
No mal que me dá sabor,
Leonoreta, Leonoreta,
Leonoreta, fin roseta,
Bela sobre toda fror.

Digitized by Google

DOM GALAOR

A Jaime Franco

Sonho que sou Lisuarte!
Sinto que sou Galaor!
Um Gran Cavalleiro da Arte
E Gran Principe do Amor!
A gloria do meu bravor
Pelo mundo se reparte!
Sonho que sou Lisuarte!
Sinto que sou Galaor!

Flammeja o meu estandarte!
Fulge a minha Escalibor!
Que, a pender do talabarte,
Lembra um raio furta-côr!
E, por Vós, clara Senhor!
Irman de Iseu e de Isarte,
Sonho que sou Lisuarte!
Sinto que sou Galaor!

O tristor de Dom Duarte,
Se espelha no meu tristor,
Mas a paz, em toda a parte,
Meu olhar consegue impor!
E, heroico, seja onde for,
Chantando a Cruz-Baluarte,
Sonho que sou Lisuarte,
Sinto que sou Galaor!

Digitized by Google

OFFERTA!

Brancaflor! para adorar-te
E servir-te, Brancaflor!
Sonho que sou Lisuarte!
Sinto que sou Galaor!

Digitized by Google

DIZERES

Dizede, flores do prado,
Se, acaso, a vistes passar,
Se ha passo mais delicado,
Se ha mais amavel andar!

Dizede, ó agua da fonte,
Se a pudestes espelhar,
Se existe corça no monte
Que possua o seu olhar!

Dizede, brisas aladas,
Que a beijastes, de vagar,
Se as boninas perfumadas
Se lhe podem comparar!

Dizede vós, lindas aves,
Se algum fruto ha no pomar
De fragrancias mais suaves,
De mais fresco paladar!

Aves, aguas, brisas, flores,
Se ella é, de facto, a Sem-Par,
Dizede, entre mil louvores:
— Bendita sejas, Guiomar!

Digitized by Google

O CAVALLEIRO AMOR

Eurives, Eurives,
Por que choras tanto,
Por que é que assim vives
Com as faces em pranto?

E Eurives dizia,
Eurives falava,
E o pranto corria,
Dos olhos rolava:

— Ha tempos, estando
Num sonho entretida,
Não sei se velando,
Não sei se dormida,

Vi um Cavalleiro,
Que a lua refracta,
Montando um fouveiro,
De arreios de prata!

Elle era tão lindo,
Tão moço e risonho,
Que eu choro sorrindo,
Lembrando o meu sonho.

O brilho da lua,
Alvissima e cheia,
Seu vulto debrua,
Seu rosto argenteia.

Digitized by Google

Domava o cavallo,
Brioso e vermelho!
E eu julgo ainda olha-lo,
Tal qual num espelho!

Com os olhos falava,
Com os olhos sorria:
Não sei se eu sonhava,
Não sei si dormia.

Só sei que é terrivel
O meu pesadelo;
Só sei que é impossivel
Viver sem revê-lo.

Ai, Nossa Senhora,
Se em dor vos commovo,
Fazei sem demora,
Que o veja de novo.

— Eurives, descança,
Que o teu Cavalleiro,
Em breve a esperança
Fará verdadeiro.

E então, benquerida,
Tal qual o supponho,
De branco vestida,
Verás o teu sonho.

Digitized by Google

RIMANCE

A Eugenio de Castro

Meia-noite, meia-noite,
(Noite negra, noite fria),
Na torre do campanario,
Longe e lugubre, batia.
E, no mysterio profundo,
Todo o castello jazia.
Das filhas de Dom Brandoivas,
A que mais elle queria!
A' espera do seu amado,
Não dormia, não dormia...

(E a filha de Dom Brandoivas,
Censuras não merecia,
Pois fazem, todas as noivas,
O que Floranjo fazia.)

Lá pela sexta pancada,
Um Cavalleiro surgia,
Vindo da treva do bosque,
Pisando a relva macia.
Tal uma nuvem na sombra,
Todo de claro vestia:
Fino gibão de damasco,
Largo sombreiro trazia,
Guantes de pelle de lontra,
Manta de tela alvadia!

Digitized by Google

Em leve andar cauteloso,
Se acerca da gelosia.
E a filha de Dom Brandoivas
Ao seu amado corria.
E, presa nos braços delle,
Se enroscava, estremecia.
Um ruge-rugir de abraços,
Forte e continuo, se ouvia,
Farfalhando como folhas,
Ou seda de Andaluzia.

(E a filha de Dom Bandoivas
Censuras não merecia,
Pois fazem, todas as noivas,
O que Floranjo fazia.)

Ouvindo rumor de abraços,
Dom Brandoivas desconfia.
E, em voz dormente e soturna,
Repreguntava, insistia:
— Quem estará dando abraços,
Por esta noite sombria?
E fingindo que acordava,
Floranjo lhe respondia:
— Pai, sonhaveis, com certeza,
E o sonho vos illudia...

(E a filha de Dom Brandoivas
Censuras não merecia,
Pois fazem, todas as noivas,
O que Floranjo fazia.)

Digitized by Google

Ouvindo falar Floranjo,
A filha que mais queria!
Dom Brandoivas, novamente,
Resmungando, adormecia.
E Floranjo ao seu amado,
Mordendo os labios, sorria...
E, á sêde dos beijos della,
Louco de amor e alegria,
Com tal freima elle a beijava,
Que ter fome parecia!

(E a filha de Dom Brandoivas
Censuras não merecia,
Pois fazem, todas as noivas,
O que Floranjo fazia.)

Ouvindo o cantar dos beijos,
Dom Brandoivas se arrepia,
E, em voz dormente e soturna,
Repreguntava, insistia:
— Quem estará dando beijos,
Por esta noite tão fria?
E, fingindo que acordava,
Floranjo lhe respondia:
— Pai, sonhaveis, com certeza,
E o sonho vos illudia...

Digitized by Google

Quem tem amores não dorme...
Diz o povo; todavia,
Quem tem filha casadoira,
Tambem dormir não devia...
Porque a palha, ao pé do fogo...
Flon, flon, flon... um bello dia...
(E a filha de Dom Brandoivas
Censuras não merecia,
Pois fazem, todas as noivas,
O que Floranjo fazia!)

Digitized by Google

VAGA

Alvo Monarcha encantado,
No alto mar, placido e amplo,
Passeava o Luar de Prata...
E a vaga, branca, beijando,
Cantava-lhe a serenata,
A enamorada ballada
Tão grata ao Luar e á Vaga...
E a Vaga, pallida, abraça,
Regelante, clara e casta...
A carne de agatha e nacar,
Brancacenta, de alabastro,
A Vaga, branca, velava
Com a espumarada capa,
A faixa astral de cambraia
Da larga chapa argentada,
Aberta entre as esmeraldas...
Pelas aguas se desmancha
A gaza daquella cauda...
E o Luar, alvo, de opala,
As romanças sem palavras,
A' Vaga, algente, cantava...
E a Vaga, branca, desmaia,
Nos braços do Luar de Prata,
No mar alto...

Digitized by Google

PLANH POR EL REY DON DENIS

Joham, jogral, morador em Leon.
Cancioneiro, 708.

Os mil trobadores, que trobam de amor.
— Gran dó e gran coita deviam haver —
Por terem perdido seu Rey Trobador,
Que acaba, trobando, dó agora morrer.

Cantares d'Amigo, Mansobres, Canções,
Donaires, Rimances do Grande Amadis!
E' morto o Troveiro das velhas Tenções!
Em planh vo-lo eu conto: morreu Dom Denis!

Garridas, louçanas, fremosas, chorai!
— Oriana, Genevra, Guimar, Brancafrôl!
Em prantos e rimas soltai vosso guay:
E' morto o Troveiro do tempo da frôl!

— "Amigos, Amigos, eu morro de Amor" —
— Ay, flores! Ay, flores! dos pinos gentis!" —
Assim celebrastes a Terra Gensor!
Assim vós trovaveis, El Rey Dom Denis!

Os metros galantes dos bons provençaes,
— Balleta, Descordo, Rondel, Sirventês, —
Embora digades que são sem rivaes,
Melhor os fazedes em bom português!

Digitized by Google

Devemos, carpindo, fazer o louvor
Do Pai piadoso do meu Portugal,
Cantando as soidades do Dom Lavrador,
De quem ninguem poude dizer nenhum mal.

Aquelle que troba, sabendo trobar,
Aquelle que troba, sabendo o que diz,
A planh tôe agora, pranteie o Sem-Par,
De todolos homens, — El Rey Dom Denis!

Digitized by Google

ESCARLATE

Digitized by Google

Digitized by Google

Para

OSCAR SANTOS

a minha floração na
Primavera de 1926.

Digitized by Google

Digitized by Google

Au fond de l'Inconnu pour trouver du nouveau !

Baudelaire

Digitized by Google

Digitized by Google

OFFERTA

Não é somente meu este livro: escrevi-o
Em collaboração com Satanás.
Delle provêm o lyrico amavio
Que na flor de alguns versos acharás.

Apenas me pertence a polidura da arte,
O trabalho do artifice vulgar,
Sendo obra do Demonio a melhor parte,
A surpresa phantastica do azar.

Satan me appareceu e em radiosas palestras,
Sabio, subtil, sem ter nada de algôs,
Suas ideias e invenções mais destras,
Da maneira mais limpida me expôs.

Venho pois, com saudade e ardor, conforme acabo
De confessar, tendo o maior prazer,
Restituir meu coração ao Diabo,
Pelo muito que devo ao seu saber.

Digitized by Google

CREDENCIAES

Amo o exotismo, a bizarrice,
Todo o invulgar:
Tenho a paixão da exquisitice,
Do irregular.

Possuo o desvario incrivel
De quem, talvez,
Para de facto ser possivel,
Fosse chinês.

O unico, o insolito, o imprevisto
Sempre me apraz:
Sou eu a essencia de Melphisto,
De Satanás.

Saracoteio a gambia fragil;
Toco flautim;
E, no espavento, mostro-me agil
Como Arlequim.

Minha estrambotica figura
Tem a feição
De uma infernal caricatura
Feita a zarcão.

Digitized by Google

As extranhezas me consomem,
Dão frenesi.
Idealizei um gentilhomem,
Em travesti.

Louco varrido, sim, perdido,
De causar dó,
Todo de purpura vestido,
Mas rococó.

Typo de excentrico, de accordo
Com o proprio esgar,
Que odiasse tudo quanto é gordo,
Ou que é vulgar.

E que entre finos disparates,
Poeta e paxá,
Usasse meias escarlates,
Seda graná.

Um sensitivo, um requintado,
Tal como tu,
Trajando á moda do micado,
Ao gosto indú.

Oh! a elegancia, a extravagancia,
O perrexil
Da espiritual mirabolancia,
Hypersubtil!

Ha rouxinoes que desafinam,
Mas, nos finaes,
Tornam as notas que imaginam
Originaes.

Digitized by Google

Pela pericia na leveza,
Pelo primor,
A Arte supéra a Natureza,
Sonhando a flor.

Assim, arguto nos remates,
Eu, mandarim,
Pinto obras-primas escarlates
Sobre cetim.

Digitized by Google

ALLEGORIA

Viuvez. Inverno. O vento rufa.
A chuva chora na janela.
Pela avenida, em lufa-lufa,
Rola a folhagem amarela.

Nisto, no quadro de uma adufa,
Cobaltizando os vidros della,
Brasilha a forja de uma estufa,
Miraculosamente bella.

Dahlias, chrysânthemos dispersos...
Uivam lá fóra os meus martyrios...
E a estufa és tu, Livro de Versos...

Os poemas são escaparates,
Dentro dos quaes plumejam lirios,
Coruscam lotus escarlates.

Digitized by Google

NOSSA SENHORA DOS SONHADORES

A Galeão Coutinho

A Lua branca, branca, vestida
De musselinas de azul e argento,
Arrasta a sua cauda comprida
No firmamento.

Sai de um palacio feito de opala,
De nuvens fofas como algodão.
E os Poetas todos vêm adora-la,
Beijar-lhe a mão.

Os Decadentes, os Hydropathas,
Os Truculentos, os Symbolistas,
Legiões de Hirsutos, Nephelibatas,
Madrigalistas...

Todos, figuras extravagantes,
Sob a morphina da luz lunar,
Cantam balladas, pobres amantes,
A delirar.

— Nossa Senhora dos Sonhadores,
Branca Madona da Fantasia,
Tende piedade das nossas dores,
Virgem Maria!

Digitized by Google

Somos crianças, velhas crianças
Desventuradas, sem directriz...
Nossos peccados, nossas mudanças
São infantis.

Avó dos Poetas, conta-nos lendas,
Leva-nos longe, no azul tristonho,
A essas paragens que nos desvendas
No opio do sonho...

Vamos ás Terras da Theosophia,
Claras Paragens do Gran-Mogol,
Onde ha florestas que, ao meio-dia,
Rezam ao Sol!

Pedras que riem, aves que falam,
E psalmodiam, beijando as rosas...
Luzes que espelham corpos que exhalam
Flammas cheirosas!

E a Lua-Cheia, na immensidade,
Rola, embalada pelos anões,
Nos seus castellos feitos do jade
Das illusões...

Nos seus conventos, amplos solares
Onde branquejam, narra a legenda,
Jardins de neve, vergeis polares,
Todos de renda...

É lá que os Poetas, em mil duetos,
Tangendo a tiorba dos menestreis,
Desfolham silvas, solaus, sonetos,
Rondós, rondeis...

Digitized by Google

Enquanto, em finas flautas de prata,
Pagens antigos, velhos mordomos,
Servem licores, ponches, orchata,
Trezentos gnomos...

E alva, da alvura de Colombina,
A Lua dá-lhes, mas de um em um,
Açucarilhos com canabina,
Bombons de rhum.

E Elles psalmeam: — Quando nos feres,
Tua hysteria não nos tortura:
Bendita sejas entre as Mulheres,
Mãi da Loucura!

Digitized by Google

ABRIL

Gloria á Primavera,
Gloria á Mocidade,
Que nos retempera
Como a claridade!

Esta manhan calma,
Que me maravilha,
Nasce da minh'alma,
Ou nos céus rebrilha?

Qual a causa desta
Luz deslumbradora,
Que irradia em festa,
Qual se minha fôra?

Não serei, acaso,
Na fulguratura,
Eu o Chimborazo
Desta illuminura?

Que manhan formosa!
Que manhan querida!
Toda côr de rosa
Como a nossa vida!

Digitized by Google

Riem namorados
Fogem passarinhos,
Como electrizados,
Procurando os ninhos:

Porque nós que amamos,
Somos, nos amores,
Como os gaturamos,
Como os beija-flores.

Lyricas amantes
Não percais o ensejo
De inspirar-nos antes
De colher o beijo.

Livres de embaraços,
Languidas e loucas,
Não prendais os braços,
Sem unir as bocas.

Que manhan divina!
Que contentamento!
O que se origina
Do meu pensamento!

Um rubi fulgura,
Treme, de repente,
Dentro da verdura,
Caprichosamente . . .

E eu, sorrindo, anseio,
Cheio de incerteza,
Sem saber se é um seio,
Se uma framboesa.

Digitized by Google

Ha pelo ar, dispersos,
Multiplos arpejos:
Syllabas de versos,
Tremulos de beijos.

Estes perfumados
Halitos fagueiros
Vêm dos beijos dados,
Ou dos jasmineiros?

Não ha nada, nada
Que igualar-se possa
A essa luz doirada
Que suppomos nossa!

Primavera da alma,
Que nos extasia,
Sobre nós se espalma
No esplendor do dia!

Digitized by Google

AMOR

Ó Poetas, corações estrellados, Artistas!
Releio, a estremecer, vossos versos de amor!
Ouço, em cada soluço, expressões imprevistas,
Sinto o vosso poder sempre deslumbrador!

Magos, sabeis graduar, eximios analystas,
A cambiante precisa, o effeito enganador!
E o cerebro consegue extrahumanas conquistas,
Simula o coração chammejando na dor!

São suspiros talvez tantas palavras tristes;
O tumulto é sincero; a confissão, exacta;
No que dizeis não ha nada exaggerador.

Sim, cantastes o amor, mas o amor não sentistes:
Porque o amor não se exprime; é veneno que mata;
E, quem realmente amar, vem a morrer de amor.

Digitized by Google

PRINCESAS

Mendès

A Zita Coelho Netto

No fundo azul dos devaneios,
Vemo-las nós, maravilhados,
Sonhando todos os enleios
Dos paraisos estrellados!

Victoriosos lirios de ouro,
Por entre purpuras surgindo,
Transfulgurescem no thesouro
Immaterial do céu infindo!

Curvam-se as nuvens deante dellas,
Nnma ajoelhada idolatria!
Parecem roseas chammarelas,
Faulhando á luz do meio-dia!

E nosso olhar, abstracto, ao ve-las,
No resplendor do eterno encanto,
Suppõe talvez serem estrellas,
E são mulheres, entretanto!

Digitized by Google

BEIJO

Aos vinte annos, meu beijo era um lirio escarlate!
Mas de tal fogo de granate,
Mas de tão rutilo rubor,
Que lembrava um clarim a alvorar em combate,
Quando o rebate
E' triumphador!

Foi mais tarde meu beijo uma flor côr de rosa,
Ainda de essencia capitosa,
Sendo, entretanto, espiritual!
Nas petalas continha a doçura radiosa
Da tuberosa
E do coral!

Ha beijos verdes, beijos roxos, amarelos;
Ha beijos brancos e singelos;
Beijos violaceos, de um matiz
Que perceber nos faz reconditos desvelos,
Tanto mais bellos,
Quanto subtis.

Hoje o meu beijo é azul: tem a côr dos abysmos
Do céu, dos largos idealismos,
Côr da esperança e da amplidão!
Fundem-se nos seus tons todos os symbolismos,
Entre os baptismos
Da Iniciação!

Digitized by Google

ABISMO

HUGO

O Homem

O' Terra! Eu sou teu Rei! O espirito divino
Me insuffla: a natureza entremostra: Eu termino.

A Terra

Homem, és cinza, és poeira, és vérmina, sómente.
Eu, sim! concentro a vida, a energia immanente!

Saturno

Cala-te, grão de areia. As vanidades tuas
Fazem rir o esplendor das minhas Sete Luas!

O Sol

Silencio! Eu sou pastor! Poderei desfazer-vos,
Todos, com meu clarão e o furor dos meus nervos!

Sirius

Atomo, não és nada. Olha-me, considera
O flammejo immortal que arfa em minha cratera!

Aldebaran

Mas que és tu comparada, ó fagulha, á potencia
Dos tres pharoes iriaes da minha refulgencia?

Digitized by Google

Arcturus

Ante os meus quatro soes, são apenas scentelhas,
Bruxoleando, essas tres almenaras vermelhas...

O Cometa

Eu caminho! Tremei! Eu sou luz! Eu sou asa!
No meu pyrilampear todo o espaço se abrasa!

O Septentrião

Se Eu, por acaso, andasse, Eu, candelabro acceso,
Esmagaria o céu com o fulgor do meu peso!

O Zodiaco

Que és tu, equiparado ao que Eu sou? Fuljo e vibro!
Toda a gloria do azul nos ombros equilibro!

A Via-Lactea

Pollens, plasmas astraes, germes multidoirados!
Milhões! Milhões! Milhões! Milhões! multiplicados!

As Nebulosas

O desmarcado, o sem limite, o inabordavel!
O inaccessivel completando o inexplicavel!

O Infinito

O ser multiplo em mim unifico e transmudo.

Deus

Bastar-me-ia soprar: sombra seria tudo.

Digitized by Google

GLORIA

O Homem que amou, pela primeira vez,
Mas de maneira terna e apaixonada,
Divinizando, na mulher amada,
A pureza em perpetua esplendidez!

Esse a fraqueza original desfez,
Chegou á Perfeição, vindo do nada!
E a Humanidade toda, illuminada,
Redimiu pela propria intrepidez!

Esse é o maior dos Homens, verdadeiro
Poeta, Homem-Sol que, no planeta inteiro,
Fez o beijo cantar, sorrindo em flor!

A civilização, o sentimento
Alvorejara no deslumbramento
Incomparavel do Primeiro Amor!

Digitized by Google

PANGENESE

O Amor é sempre uma ascensão:
Mesmo feroz, mesmo brutal,
O que julgamos ser um mal,
Aperfeiçoa o coração.

A argilla torna-se ideal,
Se a fórma encerra a perfeição!
E, na materialização,
Sente-se o sobrenatural!

Amai! Amai! Culpado é só
Quem nunca amou, tendo o pesar
De ver que tudo é fumo e pó.

Crime nenhum causa desar,
Todo peccado inspira dó,
Menos um só! — que é não amar!

Digitized by Google

EM SIRIUS

Mas que ridiculo, a Moral!
A tal moral de latitude
Que faz na China ser virtude
O que é no Chile irracional.

Entre os zulús do Senegal,
Os pobres velhos sem saude
São devorados, a miude,
Do modo mais sacramental.

A Europa inteira é fratricida.
A Asia horroriza-se, perdida,
Ante o progresso occidental.

E os Poetas sonham a Belleza,
A Arte que, sobre a Natureza,
E' indefinivel e amoral.

Digitized by Google

MADAME, VOUS LIRIEZ MA LETTRE AVEC LES LÈVRES

Tua boca é sem par, porque treslouca!
Não ha flor, por mais bella, não ha rosa,
Por mais fina e aromal, fresca e formosa,
Que se possa igualar á tua boca.

Qualquer imagem, por melhor, se apouca,
Torna-se, embora seja primorosa,
Inferior á doçura cetinosa
Da tua linda, incomparavel boca!

A tua boca é unica, supponho!
E' a mais pura de todas quantas vejo,
A de labio mais lyrico e risonho!

Beijar-te a boca é o meu maior desejo:
Quero, no amor, ao realizar o sonho,
Sentir a dupla perfeição do beijo!

Digitized by Google

SUBTILEZA

Ao provarmos o aroma, evocamos o frasco:
Ao sentirmos a essencia, a imagem se permuta:
Confundo, quando leio a palavra — damasco,
A quentura da seda e o macio da fruta.

Digitized by Google

EVOÉCHERET

O GOVERNO FRANCÊS CONDECOROU CHERÉT
HAVAS

A Oscar Santos

Gloria ao Satan da allegoria,
Ao Satanás gaulês! Quem é
O Trismegisto da Alegria?
Jules Chéret! Jules Chéret!
Tictundomblé!

Ri-se o amarelo! o ouro referve!
Todo o painel a catasol!
Chéret é o Vinho, é a Vida, é a Verve!
A guizalhar, fulgindo ao sol!
Digdongdondol!

Gloria a Chéret, á apotheose
Dos claros tons, do verde cré!
Nota-se na metamorphose:
Watteau, Frago, Laucret, Chéret!
Landariré!

Suas fantasticas figuras,
Feitas com febre, á luz do gás,
Têm o flavor de illuminuras
Que se incendiassem no cartaz!
Tumbumzastrás!

Digitized by Google

Pintor de moveis e scenarios
Maior não ha, nunca haverá!
Decorador de alampadarios
Como os do harem de Abbass-Paxá!
Tralalalá!

Panos muraes, jarros, janelas,
Portas, postigos, ou tremós,
Guachos, sanguinas, aguarelas,
Gregas, cubistas, rococós!
Cocoricós!

Tudo Chéret pinta, requinta,
Com tal fervor, com tanta fé,
Que, num só traço e uma só tinta,
Fulgura o genio de Chéret!
Digdongdondé!

Ide, ao acaso, andando, e vede
Chéret fulgir, vermelho ou gris,
Ao alto de qualquer parede,
No pandemonio de Paris!
Quiquiriquis!

Um andaluz, um Paco, um Pepo
Fuma; e a fumaça, em espiral,
Faz, com o tabaco aureo de Alepo,
Um chamariz original!
Pingpongdondal!

Agora é a Lua de Willette
Que, a um Pierrot sceptico, a um Pierrot
Negro, offerece um anisete
Marie Brizard, Roger, Pernod!
Bambumbambô!

Digitized by Google

Sonhai a ardencia de uma sala,
O estrepitar de um cabaré,
Onde ha mil fogos de Bengala,
Entre mil lampadas Gallé!
Charabié!

Imaginai a vozearia
Dessa infernal Capharnaum,
Antro do Gozo e da Ironia,
A illuminar-se a whisky e rhum!
Turumtumtum!

Senti que, pela refulgencia,
São cerebraes os frenesis,
E, no primor, na quintessencia,
Isto é Montmartre, isto é Paris!
Pirimpimpis!

E então vereis, junto á ribalta,
A Bohemia transfulgurescer!
Vereis a Musa em que se exalta
A effervescencia do prazer!
Bembombeber!

Ante essa flor peccaminosa,
Bravo! — direis! — Urra! — Evoé!
E' a Colombina Côr de Rosa!
E' a Colombina de Chéret!
Eviabacché!

Quando ella surge, a Primavera
Vemos sorrir no ardor solar!
E o nosso sangue se accelera!
O coração põe-se a cantar!
Zingbungdindar!

Digitized by Google

Toda a plateia, electrizada,
Para a applaudir, fica de pé!
E bate as palmas, berra e brada:
Gloria a Chéret! Gloria a Chéret!
Chérévoé!

Digitized by Google

O BEIJO Á DISTANCIA

Amargo, exanime, exhausto,
Atheu,
Na minha cella de Fausto
O diabo me appareceu.

— Avè, Principe! — Bom-dia,
Senhor!
— Mas ha quanto eu o não via!
— Nen eu, meu caro Doutor!

— Vim hoje dar-te um conselho,
Contar
Que inventei um apparelho
Que, ao longe, permitte amar.

E' um telephilium perfeito,
Normal,
Que aniquila o preconceito,
Dando cabo da moral.

Tendo o radio e o xilophonio
A' mão,
Pude unir o telephonio,
Sem fio, á televisão.

Digitized by Google

Tal qual a voz, a sonancia
Nos vem,
A vista e o tacto, á distancia,
Poderemos ter tambem.

— Que me diz! A cada instante,
Assim,
Beijarei a minha amante,
Embora longe de mim?

Sentirei o seu contacto,
A sós?
E provarei, pelo olphacto,
O aroma de sua voz?

Oh! com ella! a ouvir-lhe a fala.
Dormir!
Presa em meus braços beija-la!
Seu corpo em flôr possuir!

Então já não ha marido
Capaz
De imaginar-se traido,
Por mais solerte, sagaz?

Eis o Amor Livre, a victoria
Final!
Satan, conseguiste a gloria
Do que é bello e natural!

— Perdão, tudo o meu amigo
Terá:
Ella dormirá contigo,
Contigo ella dormirá;

Digitized by Google

Mas se ella, por seu agrado,
O quer,
Porque o desejo é sagrado
No coração da mulher.

Contra a santa Natureza,
O Amor,
Por interesse ou fraqueza.
Perdeu todo o pundonor.

O dinheiro, a burguesia,
A lei
Forjaram a hypocrisia,
Mas eu a destruirei.

— Com a sua descoberta,
Então,
A mulher fica liberta,
Corta a communicação ?

E' assim o seu instrumento ?
Pois bem:
Receba o agradecimento
Do meu melhor parabem.

Tem este invento, em verdade,
O dom
De mostrar, á saciedade,
Quanto o Diabo é justo e bom.

Digitized by Google

TU SÓ, TU!

Ha quanto tempo não te vejo!
Ha quantos meses não te beijo!
Meu doce amor!
Sim, bem o sei, que sou, de facto,
Alêm de injusto e muito ingrato,
Namorador.

Mas tu, que esqueces e perdoas,
Quando me encontras, abençoas
A occasião
Que permittiu fosse possivel,
Ao teu amante incorrigivel,
Beijar-te a mão.

Jamais fizeste uma censura.
Soffres, mas calas a amargura,
Quando me vês.
E eu, porque nunca me castigas,
Já namorei tuas amigas
Todas, talvez!

Ainda ha dez meses, de repente,
Apaixonei-me loucamente,
Endoideci.
Mas tu, que nunca me condemnas,
Tiveste dó das minhas penas
Longe de ti.

Digitized by Google

Quantas paixões, quantos amores
Desillusões e dissabores,
Já supportei!
Entre alegrias e torturas,
Beijei trezentas criaturas,
E a ti amei.

Eramos nós duas crianças,
Cheias de sonhos e esperanças,
Quando, a sorrir,
Aproveitando um teu gracejo,
Trocámos o primeiro beijo,
Sem o sentir.

E nossas bocas se colaram,
E os nossos sangues se trocaram,
Na transfusão!
Em torno o Rio de Janeiro,
A candentear, fulvo braseiro,
Era um vulcão!

Nada quizeste, nada, nada.
E te cravei, sacrificada,
Sete punhaes!
E foste sempre linda, linda,
Como outra igual não vi ainda,
Nem verei mais.

Tens a finura, a intelligencia,
A distincção, a quintessencia,
E's um primor!
Bendita seja a tua graça,
Maravilhante ave de raça,
Fulgida flor!

Digitized by Google

Fico, a evocar, sorrindo deante
Da perfeição do teu semblante,
Do teu perfil!
Tu, que me estimas e me queres,
E's a mais nobre entre as mulheres
Que ha no Brasil!

Perdão, perdão, perdão mil vezes,
Como supplicam os franceses
Do grande tom...
Mil, cem mil vezes obrigado,
Pelo teu beijo perfumado,
Flor e bombom...

Pelas violetas que te dava,
Quando, alta noite, penetrava
No teu jardim...
Pelas estrellas refulgentes
Que foram nossas confidentes
No azul sem fim...

E, antes de tudo, por aquella
Trova que ouvimos, tão singela,
A um trovador,
Que nos dizia, em voz sentida,
Ser o primeiro amor na vida
O unico amor.

Digitized by Google

A AGUA PROFUNDA

Revolta, amor, piedade, instincto,
Desillusões sentimentaes...
Todas as duvidas que sinto,
Vejo-as no olhar dos animaes.

Digitized by Google

O ESPIRITO DA LEI

O espirito da lei será a essencia
ou a pilheria da lei ?

Não deve, seja o marido
Quem fôr,
Considerar-se traido
No amor.

O que o esposo á esposa pede,
E tem,
Differe do que ella cede
A alguem.

Na vida entre os esplendores
Reaes,
Não existem dois amores
Iguaes.

Sendo diverso, e, entretanto,
Commum,
Não deve causar espanto
Nenhum.

Se assim é, por que um marido
Se vê
Ludibriado ou traido ?
Por que ?

Digitized by Google

Se a mulher cedesse aquillo,
Que é seu,
Qualquer prazer que, em sigillo,
Lhe deu,

Comprehende-se, em verdade,
Vá lá!
Ou mesmo leviandade
Será;

Mas, sendo tão differente,
Qual é,
Só mesmo por evidente
Má fé.

Toda mulher acha o amante
Sem par!
E o marido fatigante,
Vulgar...

Util, de sobrecasaca,
Chinó,
E' um guarda-chuva de alpaca,
E só.

Qual é a rima do marido,
Banal?
Sempre a palavra — traido,
Legal.

E assim, sem incoherencia,
Achei
O espirito, a supraessencia
Da Lei!

Digitized by Google

SOLUÇO

Se eu tiver de cumprir alguma pena,
Sentir a agrura de um castigo atroz,
Se a ficar o destino me condemna,
A vida inteira, immovel e sem voz;

Entre as urzes, os cardos e os abrolhos,
Todas as dores saberei soffrer:
Só peço a Deus que me conserve os olhos,
Para que eu possa ver-te até morrer.

Digitized by Google

DELICADEZA

Tranco-me, quando soffro, a sete chaves,
Fujo dos seres o infernal tumulto,
E tanto as dores physicas occulto,
Quanto as outras mais intimas e graves.

Alegremente me comparo ás aves,
Carinhosas amigas do meu culto,
Que vão morrer, longe do mundo estulto,
Nos bosque ermos, de sonoras naves.

Tendo o brilho e a belleza da saude,
A elegancia do traje e da maneiras,
Quado appareço, meu aspecto illude.

O pudor torna as horas prazenteiras,
E a gentileza, maxima virtude,
Em mim roseia a sombra das olheiras.

Digitized by Google

TIMIDA

Não é preciso olharmos, para vermos
Aquillo em que pensamos...
Não é preciso olharmos, para termos
A visão do que amamos.

A flor que se reclina, humilde e bella,
Em levissimo affago,
Acaso sonha ser a imagem della
A adoração do lago?

A Irman Clarice entrou na enfermaria
Qual se uma sombra fosse,
E para vêr, bondosa, se eu dormia,
Sobre mim debruçou-se.

E eu, com os olhos fechados, sem disfarse,
Immovel sobre o leito,
Vi seu vulto purissimo espelhar-se
No lago do meu peito.

Digitized by Google

VIOLETA A WILLETTE

Morreu Willette

Um beijo
Desejo
Suavize este debuxo, aclare este basquejo.

Willette
Reflecte
O que em França ha de mais seculo XVII.

A renda
E a lenda
Fundem-se no primor de uma joia-offerenda.

Willette
E' a — «Fête
Galante» de Watteau, na Marne-la-Coquette.

A graça
Perpassa,
Ambreia a seducção deste poeta de raça.

A vista
Conquista
A elegancia de tons deste preclaro artista.

Digitized by Google

Willette
Repete
As canções de Mimi, de Manon, de Musette.

E' fino
Divino,
O que Willette fez no ultimo figurino.

Wiliette,
Compete
Á Butte dar teu nome ao «Bal-de-la-Galette».

Olhar-se
O — «Parce,
Domine! » — é amar Willette em macabro disfarce.

Franzina
Traquina
E viuva de Pierrot, surge-nos Colombina.

De preto
Á Hamleto,
Sob o manto, Arlequim faz-nos ver o esqueleto!

Pierrette,
Lorette,
Pula em cada pompom, ri-se em cada confete.

A tela
Mais bella
Que Willette pintou, é o — «Pardal Tagarela».

Digitized by Google

Fineza,
De Altesa,
Que o Mestre me enviou, para ornar minha mesa

Que gloria,
Victoria,
Poderei comparar a esta dedicatoria:

— «Herança!
Lembrança
De Willette, ao melhor dos amigos da França!»

— «Remette:
Willette,
Paris, Chez Plon, 21, Rue de la Marquisette».

Eu te amo!
E tramo
Estas rimas floraes, semelhantes a um ramo...

Dispersos,
Diversos,
Violetas sem valor, eis o que são meus versos...

Sem preço,
Conheço,
Mas é tudo o que eu tenho e a Willette offereço.

Amigo,
Bendigo
Esta pallida flor que deixo em teu jazigo.

Digitized by Google

Violeta,
Faceta,
Que, ó Willette, a chorar, collo á tua paleta.

Saudade,
Confrade,
De adoravel affecto e encantada amizade.

E, pura,
Ternura,
Uma lagrima cai sobre esta sepultura.

Digitized by Google

A CANÇÃO DO PONCHE AZUL

Sou a flammula azulada,
Resplendencia etherizada,
Ellipsoidal, incommum!
Luciferam, em destaque,
Meus topazios de cognac
E rum!

Nas linguas da labaréda
A auriflammancia arremeda
O ardor do charivari!
E me assemelho a uma cobra
Que se entortilha, desdobra,
E ri!

Flammeia o ponche, fulgura,
E arcoirisa, remistura
Os fermentos do alcool!
E eu, multicôr ou ruivaço,
Dou a ideia de um palhaço,
Ao sol!

Toca-se ϕ — Dança Macabra,
Walpurgis. Abracadabra.
Comparam-me ao boitatá,
Livor que, no cemiterio,
Se accende para o funereo
Sabbat,

Digitized by Google

A missa negra se reza.
Todo pudor se despreza.
Belial sobe á curul.
Ergue a taça o mistagogo,
Repleta de ponche e fogo
Azul!

E blasphemo: — Embriagados,
Cada vez mais abraçados,
Sem rei, nem roque, nem lei,
Saboreai-me, boca a boca,
Minha essencia, ardente e louca,
Bebei!

Torno a vida galhofeira!
Se fôr de prata a poncheira,
Requinta-se o meu sabor:
Escalda, e não se descreve,
Meu beijo, que sabe a neve
E flor!

Gargalhemos! Mascarada!
A vida não vale nada,
Nem, ao menos, um tangul...
Cada qual se desenconche,
Trague de um sorvo o seu ponche
Azul!

Digitized by Google

PAPÁ NOEL

O meu melhor presente de Natal

Papá Noel, eu gosto muito della,
E, sem ella, não posso mais viver.
Dizem todos que eu sou tão tagarella
Que a poderei, talvez, comprometter.

Papá Noel, prometto ter cautela,
Cumprindo, assim, o meu maior dever,
Mas a lembraça de Natal, mais bella,
Papá Noel, não deixes de trazer.

Eu hei de ser, Papá Noel, bondoso,
Como ninguem será mais carinhoso,
Nem ao seu juramento mais fiel.

E, em recompensa de te ser tão grato,
Põe-me a Lili Biscuit no meu çapato,
Não te esqueças de mim, Papá Noel!

Digitized by Google

INTERASTRAL

Têm mudado de côr, ultimamente,
Varias estrellas do hemisphero austral...
E, para este phenomeno frequente,
Não se conhece explicação cabal.

Combustão? Vermelhez incandescente?
Ou, (quem o sabe?) sem pensar no mal,
Sairam, por acaso, á luz do poente,
Antes da hora astronomica legal?

Eram brancas, ficaram encarnadas!
Escarlates, purpureas, carminadas!
Rubras como o — Bâton-Lyly-Perrault!

Por terem visto o banho na Piscina
Da Urca, no instante em que, da Lavolina,
As moças, dentro d'agua, ululam: — Goal!

Digitized by Google

A QUEIMADA

Viste a Terra, depois de uma queimada?
Viste de que maneira o solo fica?
Sob a mascara atroz, vitriolizada,
Da cinza escura que a recalcifica?

Só depois de soffrer, carbonizada,
E' que a Terra floresce e frutifica:
Torna-se, em cada proxima florada,
Mais fecunda, mais bella, ainda mais rica!

Quando, depois dessa cegueira immensa,
Terei a bençam da convalescença,
No Cemiterio da Consolação?

Deus, eu sou como a Terra, após a queima:
A alva manhan da paz reaccendei-m'a,
Dai-me o Domingo da Resurreição!

Digitized by Google

RONDEL PARA UM LINDO LEQUE

— Ah! na verdade, não é caro.
Disse eu á lyrica florista
Que, por dez réis, a um pobre artista,
Vendia um lirio enorme e raro!

— "Por um vintem, não seja avaro,
Dou-lhe um rainunculo-amethysta..."
— Ah! na verdade, não é caro.
Disse eu á lyrica florista.

— E este botão formoso e claro?
— "Cem mil milhões, pagos á vista!"
— Caramba! — "E' que esta flor paulista
A' Rosa-Carmen equiparo!"
— Ah! na verdade, não é caro.

Digitized by Google

O PERFUME LUZ

Porque eu não creio em Deus, noto a estranheza
Que nos teus olhos garços se traduz.
Deus, para mim, é a propria Natureza,
E' uma abstracção, como um Perfume-Luz!

Digitized by Google

INVEROSIMIL

Conta o jornal que um jovem annamita,
(Não devem ser taes cousas publicadas,
Porque nellas ninguem mais acredita,
E causam gargalhadas).

Mas, em fim, um rapaz do Annan, coitado!
Quem haverá que não se compadeça?
Sentiu-se de tal modo enamorado,
Que perdeu a cabeça!

Por ser a moça muito pura e doce,
Mas tão pura e tão doce quanto bella,
O innocente annanita apaixonou-se
E casou-se com ella!

Digitized by Google

ESTUPEFACIENCIA

No começo uma fraqueza,
Molleza,
Deliciosa, me envolvia,
Macia.

Mas logo, em seguida, um peso,
Surpreso,
Sinto que me torna estreito
O peito.

Ouço as batidas do pulso,
Convulso.
E o coração dando botes,
Pinotes.

Senti a angustia da morte,
Tão forte,
Que quis saltar do ataude:
Não pude.

Nisto, um anão, verde fulo,
Num pulo,
Resaltou de um amarelo
Chinelo.

Digitized by Google

Tentei, rapido, pega-lo.
Resvalo
E isto faz que o diabo verde
Se esquerde.

E, em pé, no meio da sala,
Me fala:
Quererás voar commigo,
Amigo?

E eu vou, sereno, vogando,
Voando,
Sentindo um prazer immenso,
Suspenso.

Minha esplendida memoria,
Notoria,
Tornou todo o meu passado
Doirado.

E não esquecidas scenas,
Apenas,
Desvendei, mas aventuras
Futuras.

Viajei, estive no Congo
Vallongo,
Saboreei a doce inercia
Da Persia.

Fui paxá, tive odaliscas
Mouriscas,
Ergui na altura os castellos
Mais bellos!

Digitized by Google

Assim dormia, sonhava,
Pairava,
Quando alguem, nesse minuto,
Escuto.

Uma voz impertinente,
Frequente,
Repisava, repetia,
Dizia:

«—Effeitos da cocaina...
Morphina...
Ether... Vicios prohibidos,
Punidos...»

Digitized by Google

AGUA

A Cleomenes Campos

Numa fina aguadilha de ouro, ás vezes
Na aquatinta das rosas,
Conseguem os chineses
Reproduzir levezas vaporosas.

Á sombra em flor do pessegueiro aberto,
Que o silencio amacia,
Pintam versos, de certo,
Feitos com a nevoa da melancolia.

Todos nós, que as palavras colorimos,
Mandarins namorados,
Quantas vezes sentimos
O vago encanto que ha nos tons aguados...

Certas tristezas, timidas ternuras,
De paina solta ao vento,
Lembram essas pinturas
Aguareladas, sem acabamento.

Digitized by Google

TELEGRAMMAS PSYCHICOS

Vem da religiosidade
Das Indias mysteriosas
O culto da claridade,
A paixão da Humanidade
A's pedrarias preciosas!

Se o que sonhara ser, dobrando o joelho,
Fosse a alguem dada a graça de escolher,
Eu quereria ser o teu espelho,
O teu espelho desejara eu ser!

Digitized by Google

RADIO

Quando a flamma do amor, fogo sagrado,
Esfuzila e me aquece, de improviso,
Tenho a impressão de estar illuminado,
De que as pilhas do cerebro electrizo.

As feiticeiras ascuas do peccado
Acaloram-me os olhos e o sorriso:
Tão candente se torna o meu agrado
Que as mulheres deslumbro e fanatizo!

E' pathetico, tragico, medonho,
O aluzir da Volupia no meu sonho!
Resplandeço, rutilo, relampejo!

Rephosphoreja a minha mocidade!
A rèferver em radioactividade!
A relumbrar no radio do meu beijo!

Digitized by Google

TRANSAEREA

Sobre as cidades futuras,
Conjecturas,
Viverão as criaturas!

E das asas e do vento,
O' portento!
O ar será nosso elemento!

Redoirados, extrahumanos,
Sobre oceanos,
Voejarão os areoplanos!

Em revolteios suaves,
Como as aves,
Bailarão as aeronaves!

Alvos velivolos de aço,
Pelo espaço,
Cruzarão, a cada passo!

Veremos balões immensos,
Hypertensos,
A dez mil metros suspensos!

Digitized by Google

Tudo então terá mudado,
E o passado
Será um abysmo sagrado.

Estarão mortos, desfeitos,
Os preceitos
De todos os preconceitos.

Livre, sobre a Natureza,
A Pureza
Esplenderá na Belleza!

Teremos, na esphera immensa,
A presença
Da pessoa que em nós pensa!

O homem, pela concordancia
Da aeromancia,
Será senhor da distancia!

Provaremos a magia,
Nesse dia,
Da radiotelepathia!

Todos os climas faremos,
Gozaremos,
Nesses pincaros supremos!

Nesses claros hemispherios,
Phalansterios,
Haverá jardins aereos!

Roseiraes em que fulgura
A brancura
Da primavera na altura!

Digitized by Google

Entre clarões pavonaceos,
E violaceos,
Refulgirão os palacios!

Em cujas balaustradas,
Debruçadas,
As lindas enamoradas

Virão ouvir os troveiros,
Violeiros,
A' sombra dos jasmineiros...

Escutarão arias cautas,
Sons de flautas,
Dos paladins aeronautas...

Porque, sempre, a serenata,
Que arrebata,
Cantará ao luar de prata...

Sonho. Faço a transaerea
Ronda etherea,
Pela paragem siderea...

Vejo, no espaço deserto,
De mais perto,
O brancor do céu aberto...

Busco a Lua! Para ve-la,
Subo pela
Agua de ouro de uma estrella...

E aporta minha falua,
Que fluctua,
Em pleno Mundo da Lua!

Digitized by Google

PALHAÇO

Dizem que era muitissimo engraçado.
No collegio chamavam-lhe:—"Palhaço."
E, no entanto, seu todo, delicado,
Tinha um quê de amargura e de cansaço.

Em certo roubo, um imbecil soldado
O prendeu, sem razão, deu-lhe um trompaço.
E houve quem risse do desventurado,
Que, sem saber por que, caiu no laço.

Na prisão supportou varios horrores.
Zombavam todos, vendo aquellas dores,
Indifferentes á tortura alheia.

Ora, estas cousas me informavam, quando
Ouço um garoto de jornal, gritando:
— "Enforcou-se um menino na cadeia!"

Digitized by Google

CHIMICA

Chegará, um dia, a sciencia
A' perfeição, ao magismo
De, em fim, descobrir a essencia
Que nos compõe o organismo.

E, como vamos ao medico,
Consulta-lo, conhecer
O supposto, encyclopedico
Assombro do seu saber,

Assim iremos ao chimico,
Mestre em milagres supremos,
Ver no extracto parenchimico
O que somos e seremos!

E a maravilha scientifica
Vai demonstrar-nos, tambem,
Qual a materia especifica
Que nosso corpo contém/

Para que nós, com escrupulo,
Depois de mortos, possamos
Vir a ser jasmim ou lupulo,
Conforme assim desejamos/

Digitized by Google

O corpo humano, salitrico,
Sem a impureza fatal,
E' um carbureto oxynitrico
De hydrogenio colloidal.

Mas, por processos syntheticos,
Do mais altro transformismo,
Faremos, peripatheticos,
Mutar-se o nosso chimismo.

Aquelles que são leucanthemos,
Dentro dessa floração,
Em redoirados chrysanthemos,
Ao sol desabrocharão!

Haverá jardins magnificos,
Cheios de sombras secretas,
Nos quaes fulgirão, mirificos,
Os corações dos poetas!

Parques, aos nossos identicos,
Terão, florindo em rosaes,
Os encephalos authenticos
Dos artistas immortaes!

As lindas carnes satanicas,
As bocas das namoradas,
Entre as mutações organicas,
Serão rosas encarnadas!

Uns quererão ser glycinias,
Ou cravos de Aranjuez...
Porêm só serão gramineas,
Serão repolhos, talvez.

Digitized by Google

E, para não ser chicoria,
Ou para não ser pepino,
Soffrerão a expiatoria
Crueldade do destino.

Esses legumes miserrimos
Padecerão, a rigor,
Mil tratamentos acerrimos,
Pelo anseio de ser flor.

Os rabanetes fanaticos
Usarão, com afoiteza,
Os mais louvados e praticos
Elixires da belleza.

Porêm nada, nada, examines,
Hão de poder conseguir,
Porque os chimicos, unanimes,
Terão que os desilludir.

Moralidade ou martyrio:
Que a Natureza se louve,
Por nunca deixar ser lirio,
Quem nasceu para ser couve.

Digitized by Google

HYSTERIA

Uma vez, um senhor, allucinado,
Chamou-me para ver—o homem tremia!
Sua esposa que, em crises de ardentia,
A chispar, tinha o corpo aluminado!

Dos cabellos o fogo lhe saia,
Em fagulhas de um verde amarelado!
E eu expliquei, abrindo-lhe um tratado,
Ser tal facto um symptoma de hysteria.

Tal qual essa mulher, moça e doente,
Meu coração é de tal modo ardente
Que, de mim mesmo, ás vezes, me arreceio...

Por qualquer cousa, rubro demagogo,
Eu hystericamente pego fogo,
E escandalosamente me incendeio!

Digitized by Google

FOGO

Fogo! Chamem o Corpo de Bombeiros!
Pais de familia, a forja se alumbrou!
Acudam todos, abram-se os chuveiros!
Meu coração, a arder, se incendiou!

Assoleimam-me innumeros braseiros,
E, pouco a pouco, flammejando vou!
Os vulcões, os vesuvios verdadeiros,
No comburir, serão tal qual eu sou!

A luz plumbeia! Escuta-se o estalejo,
O explodir da materia incandescente,
Em gargalhadas de infernal furor!

Eis o poder do teu primeiro beijo!
Deste-me um só, e zás, in continenti,
Meu coração se insolarou de amor!

Digitized by Google

A FÓRMA DÁ SER ÁS COUSAS

Ordenações Affonsinas

Pela carne, a mulher se diviniza.
A forma feminina auge a virtude.
Tanto espirito esplende na saude,
Que a materia, a brilhar, se immortaliza!

A mais arguta analyse, a pesquisa
Mais subtil, ao prender-nos, não illude...
A' mulher o esplendor da juventude
Torna deusa e tambem sacerdotisa!

A alma e o corpo se beijam, confundidos...
Harmonizam-se os sonhos dos sentidos...
A adoração do mundo nos afasta...

A belleza angeliza a criatura:
A mulher, quando é linda, é sempre pura!
A nudez, quando é bella, é sempre casta!

Digitized by Google

DELIVRANÇA

Morre, unifica-te, integrado
Na eternidade radiosa!
Teu coração, sempre encantado,
Resurja ao sol, seja uma rosa!

Reviva á luz, fulja disperso
Na communhão da Natureza!
Cante, revibre como um verso
No Poema Verde da Belleza!

Tudo é illusão: soluça e soffre,
Porêm bendize, esquece, espera:
Abra-se a Terra, e nesse cofre
Te transfigure a Primavera!

A liberdade não consola,
Pois, sendo humana, é contingente:
Será mais grato ser corolla,
A embalsamar continuamente!

O' livrador sonho infinito!
Paz! Harmonia! Delivrança!
Por ti anseio, ardo e palpito,
No desespero da esperança!

Digitized by Google

J'AI LA FUREUR D'AIMER...

Quem declarar que amou, sem ter desejo,
Quem da volupia confessar pudor,
Por mera hypocrisia ou falso pejo,
Em vão terá desnaturado o amor.

Peccado algum em desejar não vejo:
Quem for sincero, quem humano fôr,
Bendiz a boca, desejando o beijo,
O aroma aspira, cubiçando a flor.

Quem ama, quer possuir, gloria e thesouro!
Avareza suprema! — a taça de ouro
Que o vinho do seu sonho contiver!

Embora affirmem ser a carne triste,
Fóra do amor dos corpos nada existe,
E o desejo é o perfume da mulher!

Digitized by Google

PRESTIDIGITAÇÃO

Acaba de fallecer o assombroso Poeta Jean Richepin.
SIC ITUR AD ASTRA!

—"Andar! Vagar! Ainda este anno, espero ir á verde America, percorrer o Brasil, semeado de ouro. provar, no vergel da amizade, o licor do teu café, nessa linda fazenda que se chama — JASMIM DA ARABIA!"

Carta de 4 de Abril de 1926

Bravo! Bravo! E' perfeita! Ultraphantastica!
Não pode haver trabalho igual! Não ha!
Tem-se a impressão, mirifica e sarcastica,
Da feiticeira Gunhanhumará!

Por seu poder, toda a materia, elastica,
Se transforma em prodigios de sabbat!
Este anno, a Terra, illusionista plastica,
Mutações pluriformes mostrará!

Hoje entrou para o elenco, supertragico,
Um poeta assombrosissimo, hypermagico,
Que o proprio coração transmuda em flor!

Primavera! descerra o tarbernaculo,
E annuncia, em teu proximo espectaculo,
Jean Richepin, Prestidigitador!

Digitized by Google

DECASYLLABOS FRANCESES

Shakespeare encanta, illumina a vida!
Das suas mulheres — Julieta, Ophelia,
Miranda! Miranda! eis a mais querida!
Mais do que a divina, immortal Cordelia!

Miranda enthesoura uma graça alada,
Mas de tal doçura e de tal fineza,
Que lembrasse um lirio, uma flor sonhada,
Pela suavidade e delicadeza!

Mas quem é Miranda? E que symboliza?
Que mysterio a faz minha predilecta?
— O perfume, a essencia aroma! da brisa,
A Alma da Poesia, a Illusão do Poeta!

Digitized by Google

Digitized by Google

O CÉU VERDE

Digitized by Google

Digitized by Google

O CÉU VERDE

Sobre as Campinas do Sul,
Nos pampas, a verdugar,
Em vez do céu ser azul,
E' verde! — mas verde-mar!

Reverdejam os vidraes,
Da fantazia, a fulgir,
Sonhando os brilhos vernaes
Da Terra a verdeluzir!

Pois não existe nenhum
Verde, assim, de tal viçor!
De tão calido verdum,
De tão rutillo verdor!

Vê-se o campo verdecer,
Esmeraldar-se a amplidão,
Em vulcanico encender,
Em selvagem verdidão!

Verde America, aliás
Verde Brasil, guarani!
Verde-gaio do ananás,
Verde-cré do bacuri!

Digitized by Google

O verdugal tem o dom,
Reverdeando, á luz do sol,
De reverdecer no tom,
Da safra ao verderol!

— O Céu Verde! E' sem rival
Este titulo febril!
Cante a epopeia verdeal
O Céu Verde do Brasil!

Digitized by Google

CARNAVAL

Protophonia! O incendio ensanguenta a cidade!
Ao fulvor auroreal se arcoirisa o Cruzeiro!
No escarlate da luz rasga-se a immensidade!
Relumbreia o verão no Rio de Janeiro!

Côres! Clarons! Clarins! Calidez! Claridade!
Festa! A floresta, em flor, a foguear! Fevereiro!
O beijo! O amor! A gloria! Apogeu! Mocidade!
Meio-dia de sol no Rio de Janeiro!

Fulge a tarde triumphal! No delirio do abraço,
Fundem-se as carnações, e a fremir, a accende-las,
Flammireferve a força, o furor feiticeiro!

Noite verde! Restruge a alleluia do espaço!
Sob o luar fadaresco ourichovem estrellas!
Clangoreja o hymeneu no Rio de Janeiro!

Digitized by Google

ITORORÓ

Quem um dia bebeu agua do Itororó,
Por artes do capeta, escraviza-se á Terra!
Como o Anhangabaú, dizem que a lympha encerra
Sortilegios diabris, tentações do coró!

A horas velhas da noite o saci, manquitó,
Põe nas fontes mandinga, as nascentes descerra,
Purifica o lençol que, descendo da Serra,
Inunda o Cubatão, rola no Saboó!

Que a agua possue, radiante, o milagre, a magia
De nos dar a saude e conter alegria,
Eu por mim vo-lo juro, — e não serei eu só!

E concentra feitiço, entre varios encantos,
Pois jamais poderá viver fóra de Santos,
Quem um dia bebeu agua do Itororó!

Digitized by Google

ANHANGOÉRA

Como estivesse a ler o Ecclesiaste,
Harpa de ferro que te desespera,
— Que quererá dizer, interrogaste:
Anhangoéra?

Anhangoéra, em tupi, é o Diabo Velho,
Incapaz de sentir qualquer paixão,
Tal qual esse do Tragico Evangelho:
Salomão!

Diabo immortal, porêm desencantado.
Quasi piedoso, á força de ironia.
E que, depois de muito ter amado,
Assobia!

Diabo triste, sem nada de sanhudo,
Que sarcasta e philosopho sorri:
Conhecedor de todos e de tudo,
E de si.

Tu, depois de me haveres entendido,
Como quem se concentra e considera,
Astuta, segredaste ao meu ouvido:
— Anhangoéra!

Digitized by Google

AS CACHOEIRAS DA PATRIA

Iguassú, Sete-Quedas, Paulo Affonso!
Poetas conheço que o destino absconso
A energia captou, de fórma tetrica!
Hoje, em lugar da espumarada, existe,
Unicamente, sobre o abysmo triste,
A utilidade da uma usina electrica!

Digitized by Google

GARAPOCAIA

Jamais hei de esquecer, Garapocaia,
Teu aspecto selvatico e reinol,
Quando ouvia os phonolithos na praia,
As itatengas badalando ao sol!

As pedras cantam nas areias de ouro,
Aos embates dos verdes vagalhões:
Ha sons de tintinnabulos, em côro,
Redobrar de bronteus e carrilhões!

Não se repinta a sensação de espanto
Dessas lithophonias ao luar:
A miragem, ao longe, é um campo-santo,
Onde soluça o canto-chão do mar!

Velhas casas, ruinas avoengas,
Moitas de brejauva e craguatá...
E, em perequê perenne, as itatengas
Troando desde o Zabumba ao Mangaguá!

Tem o sabor da barbara belleza,
Do cajú, do cajá, do cambuci,
Degustada na lingua portuguesa,
A acidez do vocabulo tupi.

Digitized by Google

Para impedir, em desespero horrendo,
A horda estrangeira, cada vez maior,
Nessas rochas os incolas batendo,
Convocavam as tribos de em redor!

Sagrada sejas tu, praia selvagem,
Cheia de orgulho, de pudor hostil,
Em que os calhaus symphonicos reagem
Contra a invasão nos templos do Brasil!

Digitized by Google

O COPIAR

A Arthur de Cerqueira Mendes

No extremo Norte, as casas, nas fazendas,
Mesmo em qualquer palhaço tijupar,
Têm, em torno, alpendrando-as, como tendas,
As varandas de um velho copiar.

O viajante, cansado da romagem,
Sem saber-se quem é, nem de onde vem,
Nellas encontra a bençam da hospedagem,
A qualquer hora, pela noite alêm.

Em fileiras, ao longo das paredes,
Sob as asas do tecto acolhedor,
Pendem, rendadas, as enormes redes,
Dando consolo e paz, seja a quem fôr.

E, em volta dellas, de compridas franjas,
A quem appetecer, em profusão,
O coco-verde, as mangas e as laranjas,
Os beijús, a umbuzada, a fruta-pão.

Digitized by Google

O viajante, ao chegar, solta o cavallo,
E, sem pedir licença, sem bater,
Deita-se e dorme até o cantar do gallo,
Sem ceremonias, a seu bel-prazer.

Essa hospedagem arabe, sagrada,
E' tradição apenas entre nós...
Mas nunca avisto um copiar na estrada,
Sem pensar no Brasil dos meus Avós.

Essa simplicidade na franqueza
Era o encanto do nosso copiar:
Não revejo a bondade da pobreza,
Sem descobrir-me em face desse altar.

Digitized by Google

OS NELUMBOS

A Theophilo Falcão

Surgem sobre as zonas
Dos letaes paues,
Certas do Amazonas
Florações azues!

Roxas, amarelas,
Côr de cambucá,
Entre as aguarellas
Do Tarauacá!

Abre-se o nelumbo,
Gloria do Brasil,
Bruno, como o chumbo,
Ou da côr do anil!

E' maravilhosa
A coloração
Do nelumbo-rosa,
Do asa-de-pavão!

Digitized by Google

Mas são os rubentes,
Pelo seu calor,
As mais refulgentes
Filhas da equador!

Multiplas ideias,
Suggestões astraes
Vêm-me das nympheias
Sobrenaturaes!

Entre os mil primores,
Que ha pelo Brasil,
Brilham essas flores
De doirado hastil.

A corolla enorme
Lembra o gyrasol,
Move-se, disforme,
Namorando o sol!

Na agua se balança,
Toda a estremecer;
Nella uma criança
Pode adormecer.

Qual um berço, ondúla,
Vibra, vem e vai,
Aos boléus tremula,
Languida descai.

Quando a tarde desce,
Fulvo fogaréu,
E' que a flor parece
Resumir o céu.

Digitized by Google

Rubido açafate,
Ella o é tal qual!
Calido e escarlate
Sonho tropical!

Pelo seu vermelho
Resplendor febril,
Esse ardente espelho
Chama-se — Brasil!

O Brasil que esplende
Nessas amplidões,
Onde o sol estende
Mil coruscações!

Onde as aves raras,
Garças, jacamins,
Luzem pelas claras
Sombras dos jardins!

Mostram as plumagens
Entre os mururés
Nas floraes paragens
Dos igarapés!

Ou desabrochadas,
Sobre um igapó,
Erguem-se aprumadas
Numa perna só!

Nessa immensa nave
Chega-se a suppor
Que o nelumbo é ave,
Que o pavô é flor!

Digitized by Google

E a corolla canta,
No silencio, a sós!
Foge da garganta
Do nelumbo a voz!

Terra da magia,
Ou do irapurú!
Quem melhor diria
Que o nelumbo és tu?

Digitized by Google

GAPARAÓ

Quem ascende, arroubando-se, ás montanhas,
Ante o horizonte, aberto em derredor,
Vê surpresas surgirem das entranhas
Da Terra Verde, cada vez maior!

Sobre amplitudes tantas e tamanhas,
Que a nossa adoração sabe de cór!
Em chapadões alongam-se as campanhas,
Desde o Serro da Estrella a Montemor!

Este é o Brasil, o Mar das Amazonas,
Pelo qual te deslumbras e apaixonas,
O país da esmeralda e do ouro em pó!

Ibotirama do sertão profundo,
Pindoretama, pincaro do mundo,
Imperio dos Pagés, Caparaó!

Digitized by Google

NAS AGULHAS NEGRAS

A Heitor de Moraes

Em abstracção, vencendo a serrania,
Começou a evocar a — Symphonia
Pathetica!
Tragedia do atheismo, trilogia
Das interrogações, hypermagia
Frenetica!

O echo; a miragem; o horizonte infindo;
Surtos; aspirações; o Heroe augindo!
O cumulo!
Mas, subitaneo, tudo destruindo,
O miserere da caveira rindo:
O tumulo.

De que é inutil viver, a fumarada
Da vanidade, em cinza transformada,
Convence-o.
Surdina o violoncello a ultima arcada:
O estertor; a algidez; a morte; o nada.
Silencio.

Digitized by Google

MIRITI

Beijei, na Ilha do Sol, a uma palmeira,
Que, ainda mais que o jasmim e o vetiver,
E a malva-rosa de São Paulo, cheira,
Cheira, em setembro, a carne de mulher!

Porêm trescala o odor, de tal maneira,
Que entontece e perturba a quem tiver
A volupia, a ventura brasileira
De provar esse effluvio rosicler.

Falei-lhe á noite, apaixonadamente,
No harem do bosque, perfumado e quente,
Ninho aromal, romantico aranhol...

Outros prazeres esqueci na vida,
Mas não te esqueço, Miriti florida,
A quem beijei, ao luar, na Ilha do Sol.

Digitized by Google

PARANAPIACABA

O MIRAMAR

Predestinação! — Jabaquara, corr. Yaba-Quara, n. t. c. **fugir**, esconder-se; recondito; esconderijo; **lugar de foragidos**; quilombo; **asylo**; **piedade**.

Na Serra, á noite, ha convulsões humanas,
Imprecações colericas, insanas!
Ohs! de pavor! ahs! de torturas! uivos!
Quando rechinam os coriscos ruivos,
Como chicotes de seiscentas pontas,
Hispidados de pregos e de contas,
Que, rasgando gilvazes e doblezes,
Doem, de uma só vez, seiscentas vezes!
A treva aterroriza, o frio corta.
Roncam as onças pela noite morta.
Ha por tudo avejões do captiveiro:
A gargantilha, o tronco, o formigueiro!
Roubam ladrões, sequazes, subalternos,
O ouro de amor dos corações maternos!
E, entre as chuvas, em bategas tombando,
O furacão refunga, formidando!
Nas allucinações dos elementos,
Estalam raios, estertoram ventos!
Escancaram-se abysmos, como gorjas!
Vermelhejam grotões, plumbeiam forjas!
Lutam, rolam no chão, de fragua em fragua,
A serpente de fogo e a tromba d'agua!

Digitized by Google

A floresta contorce-se, em novellos
Redesgrenhando os luridos cabellos!
E, aos arrancos, resfolga, investe, ulula!
E ao ver que a resistencia, em fim, se annulla,
Negra, louca, disforme, desvairada,
Principia a dobrar a gargalhada
Da desesperação e da loucura!
....
.....

Quando, a deshoras, cruzo a Selva Oscura,
Pelos atalhos e desvãos da Serra,
A negrura dramatica me aterra!
Evoco, em pranto, Paranapiacaba,
Aos heroicos irmãos da minha taba
Revelando a piedade entre rugidos,
A epopeia dos negros foragidos!
E beijo, além, sorrindo, sobre o monte,
Manumissora, á fimbria do horizonte,
Conduzindo o rebanho que enamora
Pelos caminhos rutilos da Aurora,
Nympheia a abrir, na antemanhan preclara,
Santos! A Estrella d'Alva, — o Jabaquara!

Digitized by Google

MELODIA EM LA MENOR

A Gilberto de Andrada

Todo de negro, junto á Fonte fria,
O Pinheiro romantico rezava.
E a Agua, na superficie, lhe sorria,
Mas, na profundidade, soluçava.

Noivos. Enfermos. A melancolia,
Do fim do outono, a tarde avelludava.
E, regelada, a Monja estremecia,
A ouvir, do Poeta pallido, a voz cava.

—Nunca mais? Para sempre? E, dentre a bruma,
Rolam as folhas, sobre o alvor da espuma,
Como lagrimas soltas, de vagar.

Veio a noite. O Pinheiro desfolhou-se.
Num suspiro, de todos o mais doce,
A alma da Agua se alou... Fez-se o luar.

Campos do Jordão,
Solar de Dom Roberto,
19 de Setembro de 1924

Digitized by Google

O VÉU DA NOIVA

O Poeta e a Terra noivavam.
Rescendia a mata em flor.
Ambos sorriam, sonhavam,
Transfigurados de amor.

E a Terra dizia: — O adejo
Do aroma, no mês de abril,
Nunca terá do teu beijo
A macieza subtil.

E o Poeta se maravilha.
Beija a terra com o olhar.
E o Véu da Noiva rebrilha,
Lembrando um tisso lunar.

Paranaguá, 11 de Junho de 1922

Digitized by Google

POPOCATEPETL

Dos altos céus, nas amplidões-oceanos,
Tendo ouvido um regougo,
Vimos nós os Vulcões Americanos
Do Circulo de Fogo.

Comburia na treva a enorme fragua,
Feroz, do Caiambó.
Escandeavam os bojos do Aconcagua
E do Copiapó.

O Cotopáxi, o Momotombo, o Antocho,
O Arequipa, o Jorullo,
Combustavam, bolhando o fogo roxo,
Fervendo o fumo fulo.

No mysterio do tempo, no profundo
Silencio equinoxial,
Trinta vulcões reuniram-se no mundo
Em tetro tribunal.

Centinelas da Patria Americana,
Apostadas lá em cima,
Aprumavam-se os vultos do Antisana,
Do Isalcó, do Colima.

Digitized by Google

— O' Vulcões, por que assim viveis em guerra,
Orizaba, Irazú,
Rugindo em convulsões, dentro da terra,
Do Mexico ao Perú?

E responderam os Vulcões augustos,
Em voz rouca e insubmissa:
— "Quando os homens se esquecem de ser justos,
Nós fazemos justiça".

Digitized by Google

GUAUHTÉMOC

O Vento, louco, sopra da montanha
Dos guatemós!
Que quer dizer a tua incrivel sanha,
Vento feroz?

Sacode, arranca, e parte, e despedaça,
A rebramir!
Como um possesso, berra, estardalhaça,
E põe-se a rir!

Dá gargalhadas de causar espanto,
Fazer horror!
Por entre os risos misturando o pranto,
Louco de amor!

Brada: — "Assassino, perfido, bandido,
Ladrão, ladrão!"
E é cada vez mais tragico o alarido
Do furacão!

Remorde os pulsos, cambalhota e uiva,
Põe-se a dançar!
Espalha no ar a cabelleira ruiva,
Côr de azamar!

Digitized by Google

— "Deixa-me a Terra, que ella é minha, é minha!
E' minha só!
Amo o esplendor da America, Rainha
Guatemaló!

Raios, retumbos, desesperos, tudo
Lhe vem á voz.
Pobre do Vento, carinhoso e rudo,
Doce e veloz!

Reagiu, lutou, soffreu inutilmente,
Louco de Amor,
Vendo o europeu de todo o Continente
Conquistador!

— "Antes a morte que a deshonra"! e louco,
E a se estorcer,
Teve que ao monte, em fim, e a pouco e pouco,
Retroceder.

Entrou por entre os socavões da serra,
No solo entrou.
No coração da sua propria Terra
Se sepultou.

Digitized by Google

CANTIGA BARBARA

Durante insanos pesadelos,
Me assalta, ás vezes, o furor
De remorder os teus cabellos,
De devorar-te o corpo em flor!

O Amor me exalta e me fascina,
Veneno ardente e embriagador!
Barbaramente me allucina
O vinho tragico do Amor!

Amor! Amor! Amor! Amor!
Escuta a supplica, o estridor
Do meu desejo encandeador!
Amor!

Mata-me! A febre me consome,
Requeima, assola o teu calor!
A sede arrasa, escalda a fome,
Sede de Amor, fome de Amor!

Flamma voraz, lava insoffrida,
Fogo fatal, desvairador!
Ninguem assim soffreu na vida,
Assim ninguem provou o Amor!

Digitized by Google

Amor! Amor! Amor! Amor!
Ouve a explosão do meu louvor,
Meu paroxystico fervor,
Amor!

Tu, para mim, tal qual a terra,
E's um prestidigitador:
Tudo o que um velho Amor encerra,
Fazes florir num outro Amor!

A carne humana transfiguras,
No teu poder transformador!
A luz e a treva remisturas,
E és como o Sol, candente Amor!

Amor! Amor! Amor! Amor!
Deus infernal, fantasiador!
O' Criador, Deslumbrador!
Amor!

Faze que, ao termo da batalha,
Ferido sim, mas vencedor,
Possa eu bradar, ante a metralha:
Vivi de Amor, morro de Amor!

E, ao fulminar-me a sorte amarga,
Meu coração, rouco tambor,
Rufe, batendo á extrema carga,
A' hora da morte: Amor! Amor!

E, abendiçoando minha dor,
Direi, num ultimo estertor,
Teu nome eterno e inspirador:
Amor!

Digitized by Google

CANTICO ENTRE OS CANTICOS

A Guilherme Gonçalves

Todo o ambiente satura a essencia da mangueira.
Ha pelo ar, dissolvido, o aroma do ananás.
Escandesce e tressua a terra brasileira,
Sob os sorvos do sol, cada vez mais voraz.

Em transes de volupia, infindaveis espasmos,
Tudo canta e rubeja, enlanguesce e sorri.
Por toda a natureza ha sanhas, enthusiasmos,
Ou crises de torpor, findas em frenesi.

Apparece uma rapariga á margem de um rio de ouro. Canta.

Viste, acaso, o meu amado,
Viste, acaso, o meu amor,
Cujo beijo perfumado
Lembra as murteiras em flor?

Sou eu a amante garbosa
Do madrigal pastoril...
Tenho o perfume de rosa
Das mulheres do Brasil.

Digitized by Google

Caricias, fremitos, beijos,
Gemidos, exaltações...
Interminaveis arquejos,
Inexprimiveis paixões...

E' a terra, sob a caricia
Do banho de ouro da luz,
Que me causa esta mollicia,
Este langor me produz.

Côro das enamoradas, escondidas no bosque.

A muito amada espera o muito amado...
A hora chegou da mutua embriaguez...
O nome delle é um oleo derramado,
Mas de aromatizante maciez.

O' virgens do Brasil, lindas morenas,
De pelle de ambar, côr do sol, cantai!
Toucai-vos de narcisos e açucenas,
E os seios, como jambos, offertai!

A enamorada, arrebatando-se

Com a tua mão esquerda ampara-me a cabeça,
Com a tua mão direita o meu dorso retem,
Com teu beijo febril faze que eu enloqueça,
Dá-me o espasmo na dor, soluçando tambem.

O' bem amado, ó muito amado, ó sempre amado!
Teu nome redirei mil vezes, meu amor!
Tal qual um templo indú, para o nosso noivado,
O bosque ardente, a selva immane esplende em flor!

Digitized by Google

O enamorado scisma

Ardo. O fogo do amor no coração espoca.
Vejo, os olhos fechando, o antro de ouro de Annah!
E ouço, em continuo alarme: —"Ella te illude e apouca.
Onde irás tu parar nesta voragem louca?"
— Pode enganar sua boca:
Seu beijo não mentirá.

"Mas se nunca te amou, se ao crime te propelle?
"Venceu-te, pela carne, esse polvo traidor!
"Foge de quem te arrasta e te opprime e repelle.
"De uma fragil mulher és a victima imbelle.
— Deslumbra-me a sua pelle,
Misto de estrella e de flor!

"Tibio, cada vez mais te prendes e impressionas.
"Seu poder seductor perturbou-te a razão.
"Quando, mas quando, em fim, refugir-lhe tencionas?
"Por que não te contens, por que assim te apaixonas?
— As enchentes do Amazonas
Me afogam o coração!

"Por ella, e só por ella, a alma sentirás morta.
"Vil escravo serás, tu que já foste um rei!
"Quando ella te expulsar, no liminar da porta,
"Has de ver quanto é negro o odio que se supporta!
— Amo-a. Beijo-a. Que me importa
O que depois soffrerei?

Podem todos rugir, maldizer-te, querida.
Se és de facto o veneno, és tambem o prazer.
Nada, deante de ti, me enfraquece e intimida.
Crava-me o teu punhal, adoro-te, homicida!
Glorifiquemos a vida,
Vendo o meu sangue correr.

Digitized by Google

Côro das virgens apaixonadas

Ao pensar nelle sinto estremecer-me o peito...
Começo, ansiosamente, a sonhar e a fremir...
Nardos espalharei sobre o alvor do meu leito,
Para quando, em meu seio, elle quiser dormir...

Côro dos moços maravilhados

Nas explosões do amor, quando me beija e abraça,
E' mais forte que a morte o feminio poder!
Dir-se-ia que ella fez de seu corpo uma taça,
Em que espuma a volupia e referve o prazer!

Os Echos

Não temes a minha força,
O fogo do meu amor?
Onde é que se viu a corça
Matar ao seu caçador?

O gume ao ferro a tecuma
Tira, depois que a cortou...
A laranjeira perfuma
A propria mão que a esfolhou.

Bella, em toda a natureza,
Outra igual nunca eu verei:
Se és o espelho da belleza,
A quem te compararei?

Digitized by Google

Amo-te. Quero-te. Anseio.
Pomba-rola, juriti...
A brancura do teu seio
Tem o olor do bogari.

Toquei-te a carne luzente:
Minha mão, mal te tocou,
Mysteriosissimamente,
Se imponderabilizou.

Unica, meiga, estremosa,
Como tu outra não ha:
E's a garça côr de rosa
Dos lagos do Juruá.

De tom glauco e de saphira,
Olhos assim só tens tu:
São garços como a saira,
Taes quaes os da cangussú.

O' buriti, no escampado,
O' palmeira, no alcantil!
Meu azul e redoirado
Pintasilgo do Brasil!

Uma voz perdida, dentro da noite

Durmo, porêm meu coração nunca repousa...
Ouço dizer-me: — "Abre-me a porta, linda irman...
"E's como a luz que atthrae ao longe a mariposa...
"Dos teus cabellos cai o orvalho da manhan..."

Digitized by Google

O' meu amado, onde andarás tu a estas horas?
Talvez nos braços de outro amor, num outro harem...
Por que a affeição que me tortura desadoras?
Ai, quanto punge, quanto doe o teu desdem...

O' meu amado, o teu olhar luz como um astro!
Os teus cabellos têm o cheiro do jasmim...
As tuas pernas são columnas de alabastro,
Que assentam sobre pedestaes de ouro e marfim...

Outra voz longinqua, desesperada

Lirio escarlate! flor do amor! vaso de incenso!
Nenhum thesouro é igual ao teu corpo desnú!
Mas, para mim, és uma torre, um muro immenso!
Como um exercito em batalha, assim és tu!

Ouve-se um suspiro, perto, abafado

De leve, de vagarinho,
Penetrámos no vergel...
E elle bebeu do meu vinho...
E eu lhe provei do seu mel...

Queima-me a carne odorosa...
Trescalo como um pomar...
Meu labio é o pessego-rosa,
Que perfuma o paladar...

De sanar todos os males,
Eu somente tenho o dom:
Quem cheira a cecem dos valles,
Do seu pesar fica bom.

Digitized by Google

Escuta-se um acalento

Deixai-a dormir agora,
Docemente repousar.
Silencio, brisas da aurora,
Claridades do luar.

Não ha nenhum quadro, nada
Mais lindo pode existir
Do que vermos nossa amada
Serenamente dormir.

Deixai-a sonhar... Segredo...
Sombras amigas, velai...
Acalentos do arvoredo,
O seu dormir embalai.

Arfa, suspira, estremece...
Todo esse esplendor é meu!
Deixai-a sonhar... Parece
Um anjo que adormeceu!

O epithalamio

O meu amado é meu e eu sou delle! A poesia
A fulgescer, canta no azul!
Dentro dos corações desabrocha a alegria,
Como os rosaes no mez de Elul!

O sabio

Adoro-te. Consente, ó tres vezes formosa,
Tu que és estrella e flor, tu que és mulher e rosa,
Que resumes na graça o triplice primor,

Digitized by Google

Transformado em mulher, sem deixar de ser flor,
Que na fórma perfeita humanizaste o sonho,
Já que a estrella, a mulher e a flor, trio risonho,
Concentram, refulgindo, o esplendor natural,
Animando a belleza e triplicando o ideal,
Permitte que, ajoelhado, eu te louve e bendiga,
Consoladora Irman, adoravel Amiga!
Unes a terra ao céu, és toda a perfeição,
Rosa do meu amor, sol do meu coração!

Digitized by Google

ESCARLATE

Cunhanpucá! O sol do meio-dia
Accende no alto as magicas vidraças,
Coruscações de pedras preciosas,
Labaredas, lambiões, relumbramentos.
A luz anda, o ar se move, o ether caminha.
Tão forte é a vibração que, no silencio,
Tudo, immovel, parece estar em marcha.
Doem os olhos. Vê-se tudo verde.
Cheiros loucos, bafejos delirantes
Saem do sangue sensual da terra.
A macaca-puranga, o cipó-junco,
As mangabas e uvaias fermentadas,
A alcoolatura dos jasmins silvestres,
Das feminias orchideas odorantes,
Enlanguescidas amorosamente,
Nos espasmos plutonicos do solo,
Misturam-se, confundem-se, fervendo,
Unificando todos os perfumes.
Ao balanço da rede, nua e moça,
Pela boca sorvendo o ar feito fogo,
Dilatando as narinas com volupia,
Semicerrando as palpebras dormentes.
Lascivia, a Flor dos Tropicos, repousa.
Ha na sua epiderme scintillancias
De tal maneira vivas e doiradas,
Que esta rosa de carne mais parece

Digitized by Google

Uma esplendida estrella humanizada,
Que fosse o nume arcano, a propria deusa
Do infernal paraiso da Amazonia.
Sonha. Em cachões, a espumejar, fulgindo,
A cachoeira despenha-se. Risonha,
Lascivia, nua, inteiramente nua,
A cabelleira ondeante aberta ao vento,
Estremece aos borrifos da agua clara,
Mira-se alegre, sobre o espelho mobil
Das incessantes vagas luminosas.
Ri. Felina, num salto, colhe flores,
E com ellas se touca e se atavia.
Sente-se fada, genio da floresta.
Vê-se, através de multiplos semblantes,
Transfigurada na amplidão do bosque,
Encarnação floral das plagas de ouro.
No mysterio sagrado, no silencio
Profundo, em grita, num trabalho insano,
A vida estua, a Natureza inteira
Procreia, a celebrar, por toda a parte,
As transfusões do Amor, gemeo da Morte.
Pelo espirito errante de Lascivia
Passa o desejo de tornar-se em agua.
E ei-la mudada em agua, de repente.
Corre leguas e leguas, reflectindo
As paragens mais ricas e secretas,
Até que, ao longo de um longinquo estuario,
Se transforma num passaro garrido,
De fino canto e fulgida plumagem.
Depois é planta, é uma arvore frondosa,
Cheia de ninhos, harpa eolia, em cuja
Altura immensa, a pompear, se abrisse
Uma enorme corolla, que cantasse.
E agora é fruto, raro e rescendente.
E, logo após, é borboleta, e brilha,

Digitized by Google

E é beija-flor, e é tudo quanto sonha,
Para voltar á forma feminina,
Ao descerrar das palpebras pesadas.
Bole a franja da rede, de mansinho.
Beija-lhe a pelle a brisa surrateira.
Na modorra do dia enebriante
Recomeça o sonhar interrompido,
Enquanto, em éstos de paixão, lá fóra,
Depois da posse, victoriosamente,
Seu noivo, o Sol, como os leões, ulula!

Digitized by Google

A REDE

Ao ronronar da rede preguiçosa
Ella, — morena de olhos de ouro, embala
A esbraseante volupia que se exhala
Dos seus vinte e dois annos côr de rosa.

Verão. O sol embriaga. Em plena orgia,
Fundem-se os cheiros calidos da terra.
E a moça abre o roupão, os olhos cerra,
E o que espera e deseja fantasia.

E a rede pára. A viração marinha
Beija-a, languida e longa, loucamente...
E ella, os olhos abrindo, de repente,
Fica surpresa, por se ver sosinha!

Digitized by Google

FANTASTIQUICE

Eu, para o encontro daquella noite,
Vesti-me todo de sedas roxas...
E, ao enjoiar-me, só de amethystas,
A opa violacea flori de opuncias...

Lilás e goivos e heliotropios,
Embalsamavam-me... E havia, em tudo,
A frigidice de cera-virgem,
Do almiscar fofo, do incenso velho...

Apaguei uma por uma as luzes...
Deitei-me, á espera da minha amada...
E, á meia-noite, precisamente,
Ella, de leve, bateu-me á porta...

Vinha gelada... Beijou-me a boca...
Ungiu-me os olhos... Cerrou-me os labios...
As mãos cruzou-me... Compôs-me o rosto...
E, para sempre, dormimos juntos...

No Cemiterio
de São Paulo,
sob um crepusculo azul.

Digitized by Google

FLAMMEJAMENTO

40 graus de febre

Nos corredores immensos
Refulguravam as sedas,
Que, nos espelhos suspensos,
Pareciam labaredas.

Dir-se-ia um incendio immovel,
Cada sala refulgente,
Sem adornos, sem um movel,
Cheias de sedas somente!

Estofos, preciosidades,
Sedarias de mil cores,
Confundindo as claridades,
Multiplicando os fulgores!

Eram clarões amarelos,
Tons de rutilos granates,
Dos chrysoprasos mais bellos,
Flavos, fulvos, escarlates!

E as peças de seda ardiam,
Pesadas, em colgaduras,
E, abertas, transrefulgiam,
Mesclando as fulguraturas!

Digitized by Google

Nababesca maravilha!
Gloria! Requinte! Riqueza!
E eis que uma sala rebrilha
Como uma enorme turquesa!

Outra dir-se-ia de opala!
Outra feita de diamante!
Cada seda, em cada sala,
Mudava o effeito flammante!

E eu caminhava encantado,
Quando vejo, ó fantasia!
Sobre um leito de brocado,
Uma deusa que dormia!

Nua e bella, qual se fôra
Uma apparição do oriente,
Fabulosamente loura,
Bella, fabulosamente!

Cae-lhe o cabello desfeito
Em ondas, como um thesouro!
Repousava sobre um leito
Fundo, fofo e todo de ouro!

Deslumbrado, com receio,
Achego-me e beijo-a, quando,
Ao beija-la, me incendeio,
Começo a arder, flammejando!

E, como um raio no espaço,
A iriar, durante um momento,
Todo em fogo me desfaço,
E finda o flammejamento.

Digitized by Google

OS ARAÇÁS

Lembro-me bem, foi num domingo,
Sim, num domingo,
A' beira-mar,
Que aos araçás nos fomos juntos,
Sim, fomos juntos,
Ao teu pomar.

Tua Mamãi não gostou muito,
Não gostou muito,
E' natural...
E disse: — "O sol está tão quente,
Mesmo tão quente,
Que até faz mal."

Mas qual! Mas qual! Nós lá nos fomos,
Nós lá nos fomos,
Aos araçás.
E ella a gritar: — "Já para dentro,
Já para dentro,
Senão, verás!"

Os araçás estavam verdes...
Estavam verdes...
E nós, então,
Aproveitamos o momento,
Sim, o momento,
A occasião.

Digitized by Google

E nos beijamos, nos beijamos,
Mas nos beijamos
Com tanto amor,
Que só o sol produziria,
Produziria
Tanto calor.

E tua Mãi: — "Olha o teu rosto!
Olha o teu rosto!
Vê como estás!
E tu: — "Mamãi, já estão bem doces,
Mesmo bem doces,
Os araçás."

Digitized by Google

O ABOIO

Eh! boi! Os vaqueiros
Lá vão prazenteiros...
Eh! boi!
Por entre espinheiros,
Saltando ligeiros...
Eh! boi!

Nem entre os pampeiros,
Achei cavalleiros...
Eh! boi!
Como esses marrueiros,
Bahianos, mineiros...
Eh! boi!

Em trajes roceiros,
De couros fouveiros...
Eh! boi!
Alegres campeiros,
Lá vão, forasteiros...
Eh! boi!

A' acção dos soalheiros,
Durante janeiros...
Eh! boi!
Percorrem lameiros
Estios inteiros...
Eh! boi!

Digitized by Google

Por montes fragueiros,
Paludes, mateiros...
Eh! boi!
Não temem nevoeiros,
Trovões, aguaceiros...
Eh! boi!

Heroes boiadeiros,
Sadios, palreiros...
Eh! boi!
São esses romeiros
Os bons brasileiros...
Eh! boi!

A' noite, em terreiros.
Descantam troveiros...
Eh! boi!
Não sei de violeiros
Como esses tropeiros!
Eh! boi!

Digitized by Google

MINHA TERRA, MINHA CASA E MINHA GENTE

A Carvalhal Filho

Foi junto ao Coliseu, á direita do Theatro,
No mais puro e feliz de todos os recantos,
Que, em junho, a 23, do anno de oitenta e quatro,
Desabrochei ao sol, na cidade de Santos.

Era a — "Chacara" um bosque, impenetravel e atro,
Sombredo de araçás, cambucás, amarantos . . .
E eu, que adoro o passado e que os meus idolatro,
Sinto, ao rever a infancia, o maior dos encantos.

Commovido, a evocar, muitas vezes contemplo,
Na Praça de José Bonifacio de Andrada,
O predio, hoje desfeito, onde vivemos nós...

Rezo. Em frente á Matriz, aberta como um templo,
Berço da Abolição, era, outrora, a morada
Da Familia Martins, Casa dos meus Avós.

Digitized by Google

JACATIRÃO,

O CHEIRO BRAVO, DEMASIADAMENTE FORTE

A Bias Bueno

Bravo, Jacatirão! Bons dias! Com mil demos!
Logo que, por acaso, eu te encontro e bendigo,
Sinto, encantadamente, a sorrir, mal nos vemos,
A impressão de que tu te pareces commigo!

Quando, moço e jovial, nos teus meses supremos,
E de noroeste a arder, pelas praias te sigo,
Sem saber a razão por que nos parecemos,
Principio a cantar, como tu, meu amigo!

Não tens orgulho, és sempre o mesmo, em toda a parte:
A folgar, todo em flor, poderão contemplar-te,
Na mata, ou nos vergeis, teus irmãos, os artistas!

Porque és alegre e bom, para todos, eu te amo!
E, ao sol do Jabaquara, em abril, te proclamo
O maior e o melhor entre os poetas santistas!

Digitized by Google

BARBARESCA

A Aristêo Seixas

Mas que perfume assanhador!
Não ha nenhum assim, nenhuma
Canela tem tanto queimor!
Não ha pimenta que resuma
Esse effluir de araticuma,
De sassafraz e manacá!
Gloria á mulher que se perfuma
A piprioca do Pará!

Sente-se o cheiro do Equador,
Que, em ondas fulvas, se avoluma,
Na effervescencia, no sabor,
Na trescalancia dessa espuma!
Nem a puranga, ardente, em summa,
Tanta acridez concentrará!
Gloria á mulher que se perfuma
A piprioca do Pará!

Digitized by Google

Quem desse beijo tonteador
A' aphrodisia se acostuma,
Bendiz o effeito esbraseador
Dessa serragem pipriuma,
Que, a vermelhar, referve e fuma
Como o cauim, o guaraná!
Gloria á mulher que se perfuma
A piprioca do Pará!

OFFERTA

Princesa! Fruto que reçuma!
Essencia de Eva marabá!
Gloria á mulher que se perfuma
A piprioca do Pará!

Digitized by Google

LIBERDADE

Mas que belleza de viagem!
E, para olhar a paisagem,
O amplo dossel da carruagem
Abro, descerro.
E, á luz purissima da aurora,
Que de ouro e rosa o céu colora,
Passa, veloz, estrada em fóra,
O trem de ferro.

Mil mulungús, piuvas, paineiras,
Jacarandás ou pitangueiras,
Tornam as matas brasileiras
Jardins sem par!
Em bosques, ilhas, avenidas,
Surgem, a rir, sempre floridas,
Arvores multicoloridas,
Como a cantar!

Que maravilha! Com certeza,
Nunca se viu tanta riqueza,
Como num céu de azul-turquesa,
Assim tão lindo!
E olho, encantado, a nevoa esparsa,
Toda de prata e telegarça,
Tal uma teia que se esgarça,
Tremeluzindo.

Digitized by Google

Fartos sertões da minha terra,
Que, em cada valle, em cada serra,
Mostram o orgulho em que se encerra
Nosso labor!
Terra que a graça evangeliza,
E tanto bem prodigaliza,
Que nella o pobre não precisa
De cobertor!

Fertil em pastos e culturas,
Hortas, pomares, espessuras,
Dando a milhões de criaturas
Sombras cheirosas...
E o trem galopa. A luz doureja
O campanario de uma igreja,
Que a casaria sertaneja
Cerca entre rosas...

O pão é a fruta, que a criança,
Se estende a mão, sorrindo, alcança,
Tal como um peixe que balança,
Preso no anzol.
E o cobertor, fino e felpudo,
Que, protegendo, aquece tudo,
Como se fosse de velludo,
E' o proprio sol!

Formosa terra da alegria!
Da promissão, da poesia,
Em que se canta, noite e dia,
Como quem ama...
E, ao longe, aponta uma fazenda,
Vê-se uma esplendida vivenda,
E outra, mais outra se desvenda,
No panorama.

Digitized by Google

E assim vou eu, embevecido,
Despreoccupado, distrahido,
Quando, cruel, como um gemido,
Sem o querer,
Do coração me vem, violento,
Um como atroz padecimento,
Que, a allucinar-me o sentimento,
Me faz soffrer.

Penso que, nestas explanadas,
Penam mulheres degredadas,
Dentro de torres encantadas,
Como nas lendas...
Vindas de todos os paises,
Cheias de magua e cicatrizes,
Existem donas infelizes
Nestas fazendas...

Quantas casaram sem affecto,
Tendo, em segredo, um predilecto,
E vivem, sob o mesmo tecto
Patriarchal,
Martyrizadas pela sorte,
Bebendo fel, pedindo a morte,
Curtindo o jugo de um consorte
Senhor feudal!

Oh! supportar a vida inteira,
Triste vassala prisioneira,
A dor de ser a companheira,
Inconsolavel,
De um homem rico e rude, cheio
De odio e ciume e de receio,
E ainda por cima velho e feio
E desamavel!

Digitized by Google

Ah! não poder eu libertar-las!
Para bem longe destas salas,
Num aeroplano, abrindo as alas,
As conduzir!
Em luta aberta, louca e rasa,
A cada uma, em cada casa,
Dar, entre jubilos, uma asa,
Para fugir!

Poetas, se andaes nestas estradas,
Pensai nas vossas namoradas,
Que além soluçam, desvairadas,
E sem defesa!
Lutai, morrei, batalhadores,
Pela Anarchia, campeadores,
Pelo amor livre, sonhadores,
Pela Belleza!

Poços de Caldas, 1922, 15 de Fevereiro

Digitized by Google

BEIJO A' TERRA

Beijo a Terra, que ao meu culto
Se descerra,
Quando me vejo sepulto
Sob a Terra.

O homem nasce, vive, morre
E se enterra:
Sua existencia transcorre
Sobre a Terra.

Não quero ao Mar iracundo,
Sempre em guerra;
Meu amor, grato e profundo,
E' o da Terra.

O Céu é a esphinge divina
Que me aterra!
Só a Terra é feminina!
Gloria á Terra!

Os primores do planeta
Ella encerra:
A ave, a flor e a borboleta
São da Terra!

Digitized by Google

A agua santa que bebemos
Sai da serra;
O pão e a fruta que temos
Vêm da Terra.

Ao patrio solo adorado,
Quem se aferra,
Julga-se identificado
Com a Terra!

E á praia, ao campo, á espessura
Que nos cerra,
Cada qual diz com ternura:
Minha Terra!

Ninguem, sinto-o quando estudo,
Jamais erra
Se lembrar que nós, em tudo,
Somos Terra!

Digitized by Google

GUANABARA

A Marcos de Sousa Dantas

Vi Guanabara, refolgando ao sol!

Ante a gloria, a esplender, tudo se obumbra!
Multiaccende-se a sobremaravilha!
O radiecer frenetico esfervilha!
A potencia vulcanica deslumbra!

Ouro! Sideração! Não ha penumbra!
O amarelo das arvores rebrilha!
A agua se achamalota e rebrasilha!
O topazio reconcavo relumbra!

Plenitude! Loureja o meio-dia!
Luciferando, a furia nos offusca!
Freme a terra, a efferver, fulge o flavor!

Apotheose! Ambreia-se a alegria!
A vida canta, a comburir corusca,
Ensolarando a Guanabara em flor!

Digitized by Google

BRASILEIRA

A Abrahão Netto

Quem és tu, que eu nem conheço?
Como te chamas? Quem és?
E estremeço, empallideço,
E me ajoelho a teus pés.

Não sei sequer o teu nome,
E dou-te o meu coração.
A febre, que me consome,
Faz-me perder a razão.

Como se explica a insistencia
Com que me olhaste uma vez?
Meu amor, noutra existencia,
Já nos amamos, talvez!

Morena! Tudo denota
Que a minha morena és tu!
— Tens a côr que não desbota,
Como a nodoa do cajú!

De onde serás, brasileira?
Tua terra qual será?
E's fluminense, mineira,
Do Norte ou do Paraná?

Digitized by Google

E's do Brasil, e me encantas,
Como tudo em meu pais,
E entre tantas moças, tantas,
Foste aquella que eu benquis!

Que quer dizer a alliança
Que tens no dedo anular?
Ai! quem me dera a alliança,
Que tens na vida, annullar!

O azulor dos teus cabellos
Faz-me sorrir e soffrer...
Que eu por ti sinto desvelos
Que me acanho de dizer:

Invejas do teu vestido,
Do vento e da luz do sol ..
Ciumes do teu marido,
Do linho do teu lençol!

Tem pena de mim, tem pena
Do mal que sinto por ti:
Por tua causa, morena,
Esta noite eu não dormi.

Fui, embuçado, a deshoras,
No segredo do luar,
Ver a casa em que tu moras,
E me parece um altar.

Ai, ai, meu Deus! Que tormento!
Assim não penou ninguem;
E tenho o presentimento
De que me queres tambem.

Digitized by Google

Vi-te, amei-te, vou-me embora,
E nunca mais te verei!
O affecto, que me devora,
Jamais te confessarei!

Nem sei quem és! Mas que importa
O teu nome de mulher?
A paixão, que me transporta,
Dá-te o nome que eu quiser:

Chamar-te-ei — Flor do Prado,
Rosa, Estrella do Pastor!
Chamar-me-ás — Doce Amado!
Chamar-te-ei — Meu Amor!

O brilho da tua pelle
A tua ardencia traduz!
E a mocidade me impelle,
Sentindo a attracção da luz!

Vem-me de ti, nas aragens.
Esse filtro mulheril,
Que ha nos pomares selvagens,
Nos palmeiraes do Brasil!

Tua carne capitosa
Tem, na rijeza vivaz,
O aroma da manga-rosa
A doçura do ananás.

Que doce, que bom seria,
Incomparavel prazer,
Amar-te, adorar-te um dia,
Beijar-te, e depois morrer.

Digitized by Google

E o pranto me inunda a face,
Por partir, sem te abraçar!
Antes nunca te encontrasse,
Para nunca assim chorar.

Adeus, adeus, brasileira,
De olhos negros infernaes,
Que, durante a vida inteira,
Não esquecerei jamais.

Vou-me embora sem um beijo,
Sem, ao menos, uma flor...
Magnolia do meu desejo,
Bogari do meu amor!

Digitized by Google

O AÇUCAR

A Azevedo Junior

Das glorias do Brasil, a mais clara e frequente,
E' que o delimitar dos ovantes Estados
Não se fez através de normas e tratados,
Mas por leis naturaes, deslumbradoramente!

Cada torrão possue, nos convalles e prados,
Um brilho original, peculiar, immanente!
Por vinte e uma regiões o esplendor se presente,
Transfigurando os dons multireverberados!

E o mais bello, talvez, seja o Estado do Rio...
Em Campos, a alvorada é uma flor côr-de-rosa,
A entreabrir-se, entre a nevoa, ao tremer do lentejo...

O mel dos canaviaes, refinado e macio,
Amollenta a cidade, a acordar, preguiçosa,
Embriagada de amor pelo açucar do beijo...

Digitized by Google

NAS MINAS DE MORRO VELHO

A Bruno Barbosa

Os pharoleiros e os mineiros
Inspiram sempre compaixão.
Vivem, nos ermos brumaceiros,
Catando a luz na escuridão.
Fulge o fanal dos pharoleiros,
Desconhecidos companheiros,
Taes quaes os genios, lumieiros
Abandonados na amplidão!

Soffrem na mina os garimpeiros,
Os faiscadores do sertão,
Heroes anonymos, obreiros
Da falsidade e da irrisão.
Tendo as mãos cheias de luzeiros,
Findam em vis atascadeiros,
Taes quaes os santos verdadeiros,
Sem ar, sem luz, sem lar, sem pão!

Morri. Sepultam-me os coveiros,
Na desnudez, sem ter caixão.
Do meu espirito os braseiros,
Pharolizando, esplenderão!
E ouro, abrolhando nos canteiros,
Em ipês, cassias, cajazeiros,
Quente dos humos brasileiros,
Reflorirá meu coração!

Digitized by Google

ROCOCÓ

Terra-Cota, velhissima, encontrada
em Villa-Rica

— Dona Branca de Oliveira
E Sá
De Vasconcellos Pereira
Está ?

— Saiu a minha Senhora,
Marquês,
Ainda não lia meia hora,
Talvez.

Foi, de cadeirinha, á villa
Passear,
Com a Prima Dona Murilla
De Aguiar.

— Ah ! num estufim doirado,
Taful,
Todo florido e rendado
De azul ?

— Nesse mesmo... — Como eu ando
A pé,
Supponho te-lo cruzado
Na Sé.

Digitized by Google

— Deseja que algum recado
Lhe dê ?
Por que não entra um bocado ?
Por que ?

Então a mercê me faça,
Cortês,
De dizer-me a sua graça,
Marquês.

— Quer saber meu nome exacto ?
Sou Don
Ramon de Mora y Morato
Miron.

— Don Ramon ! Guapo ! Consente
Que, em fim,
Eu lhe chame docemente,
Assim ?

— Viva la gracia ! Que fuego !
E após:
— Caramba, niña ! Hasta luego.
— Adios.

Digitized by Google

INDAIÁ

Ao Poeta Antonio de Freitas Guimarães,
lembrança do seu lindo soneto — Conto Mouro.

— Prisioneira de guerra, hoje és minha, Indaiá
Para te conquistar, ha tres annos pelejo!
E victorioso, em fim, como agora me vejo,
Tudo, juro por ti, meu amor te dará!

— Nunca, Tuxaua Inó, serei tua. Oxalá
Não me pagues com a vida a afronta do desejo.
Odeio-te. Jamais colherás o meu beijo.
Quem ultraja a mulher, injuria a Rudá.

Permitte-me, porêm, que uma graça eu te peça:
Faze-me conduzir, se na verdade és bravo,
A' minha tribo heroica, entre os meus Aimorés.

— Parte; és livre, Rainha. Ao teu povo regressa.
E leva-me tambem, mas como teu escravo,
Para que eu, ao morrer, possa beijar-te os pés.

Digitized by Google

HYMNO AO MEXICO

A OBREGÓN

Neste tempo de ignominia,
Hypocrisia catholica,
Euge, ao Mexico!

O Mexico é toda a America,
Independente, liberrima!
Bravo, ao Mexico!

Tudo no Mexico é proprio,
Original, forte e unico!
Viva o Mexico!

Pelos seus sonhos anarchicos,
Por seus reptos atheisticos,
Eia, ao Mexico!

Pelos aztecas heroicos,
Civilização esplendida,
Sus, ao Mexico!

Sob o esplendor polyphonico
Da Guanabara mirifica,
Ha uma estatua,

Digitized by Google

Verde como o oceano intermino,
Como a floresta amazonica,
Multifulgida!

Fundida ao fogo dos indios
E em cujo bronze symbolico,
Sinto a Patria!

Nessa sagração sem emulo,
Erea effigie verdelucida,
Guauhtemotica,

Vibra a belleza epopeica,
Relumbra a Terra vivissima!
Honra ao Mexico!

Rujam clarons apotheoticos,
Rufem tambores estridulos,
Pelo Mexico!

Avante! Allon! Amprom! Alale!
O enthusiasmo, o applauso, o jubilo
Louve o Mexico!

E a veneração brasilica
Retroe num brado unanime:
Gloria ao Mexico!

Digitized by Google

BRASIL, VERGEL DO AMOR

A' luz solar,
Ou do luar,
Embriaga a exhalação da terra brasileira!

Fluidos subtis,
E feminis,
Saem do solo estuante e todo o ambiente cheira!

Tendo a effusão
De um coração,
Arde a carne da terra, abraseada em desejos!

Patria do Amor,
Sob o equador,
O Brasil é um vergel desabrochado em beijos!

O' meu pais,
Quem te bendiz
Orgulha-se a espelhar-te a immortal claridade!

Eu, moço e nu,
Sou, como tu,
A alegria, a vehemencia, a plethora, a ansiedade!

Digitized by Google

Quando, ao luar,
Como um pomar,
Te expandes, todo em flor, vaporando escaldancias!

Ou, sob o sol,
E's um paiol
Incendiado, a emittir a volupia em fragrancias!

Incita e apraz
O ardor voraz
Que ha na explosão da luz no Rio de Janeiro!

Culpa não tem
Quem, nesse harem,
Se embebeda de amor, ao saborear-lhe o cheiro!

Morrer, em fim!
E ser, assim,
Por entre as mutações da materia adurente,

Essa aromal
Seiva estival
Que a outros ha de excitar perturbadoramente!

Esse elixir,
Que faz fremir,
Como um vinho infernal a juventude encerra!

Dá-me prazer,
Em mim conter
A essencia que traduz a alma da minha terra!

Digitized by Google

A BARRA DOS COQUEIROS

As ventanias rasgam as frondes dos coqueiraes!
Uivam, zinindo, zimbram e ululam, resfolegando!
Entre arrancadas estrupidantes, trôos brutaes,
Partindo troncos, ferindendo copas, quadrupedando,
Saem dos antros das tempestades os vendavaes!

Ergue o Hurricane médos refulvos dentre o negrum!
Fuzis rubejam, sibilam dardos, sopra o Sirocco!
Rasca o Heavy Galles, urra o Tremendous, cresce o zum-zum!
Quaes num exercito, em desfilada, sangrento e louco,
Rufam tambores, roncam bombardas, ruge o Simum!

E em guerra crua, peleja infanda, no litoral,
Os ventos varios, com mil embustes, aventureiros,
Tentam assaltos, travam batalhas, ao temporal,
Porêm resistem ás investidas nossos Coqueiros,
Guarda avançada da costa impervia, descommunal!

Nesses coqueiros, desde as ramagens até a raïz,
Tudo, mas tudo! tem serventia, coqueiros guapos!
Uteis e doces, modestamente, zelais, servis!
Desprotegidos, ao desamparo, nús, em farrapos,
Ao boi se iguala vossa bondade desinfeliz!

Verdes coqueiros da nossa Barra, lutaes, soffreis!
Vós sois a imagem dos nossos indios desventurados!
Que, sobranceiros ás armadilhas de exíranhas leis,
Nas longes praias, nas grandes ilhas, nos descampados,
São os senhores da Terra livre, são nossos reis!

Digitized by Google

BAGUAL

Ao centro do galpão,
Em torno do fogão
Gaucho,
Ao navalhar do minuano,
Rebramir da borrasca,
Contou-me um velho guasca,
Figura original
De cavallariano,
Meio cigano
E meio bruxo,
A historia sem igual
Do cavallo Bagual.

....

— O Cavallo Bagual é o selvagem feroz,
Intrepido e veloz,
E de esplendida estampa,
Que vive ás soltas, a la cria, em pleno pampa,
Perpetuamente em bando, eternamente em guerra,
Taes quaes somos nós,
Filhos da nossa Terra.
Quando, de maravilha, entrando a encruzilhada,
Topam qualquer cavallo, animalia montada,
Os baguaes, numa indomita arrancada,
Relincham com furor,

Digitized by Google

Formam quadrados,
Investem sem temor,
Em pelotões cerrados,
E parecem dizer:
— "Não te envergonha ser
Montaria servil,
Mordendo o freio vil
E supportando a espora,
Que te escraviza e desnatura e desvigora?
Vamos, Irmão, sacode esse fardo humilhante,
Vem comnosco exaltar, no esplendor circundante
Da natureza agreste, o teu nobre destino".
E, ebrio, floreado, a ouvir o epinicio, o animal
Corcoveia em desatino,
Revolta-se e transforma-se em Bagual.
Enlouquece. Só resta ao cavalleiro,
Resoluto e ligeiro,
Tempo de desmontar,
Para ver seu cavallo galopar
E incorporar-se á fila dos Baguaes,
Que, a celebrar essa libertação,
Rincham, em disparadas infernaes,
Até que, al fim, se somem na amplidão!

Surgem, ás vezes, animaes,
Ricamente ajaezados,
Ha pouco tempo desmontados,
Entre essas bagualadas infernaes!

Porêm, se tenta o montador a resistencia,
Morre, porque os Baguaes, a cavalhada infrene,
Desvairada,
Solenne,
Em completa demencia,

Digitized by Google

Matam-no, aos coices e á dentada.
E' bello! Não se pode
Deixar de rebradar:
Bravo! ao brio, á afoiteza que explode,
Na independencia sem par
Do cavallo Bagual!
Idealizai o Sol, quando clangora o dia,
Como um pingaço de ouro, a escarvar/temerando!
Em manhan brasileira, ao calor estival!
O fogaréu, em furia, estrepitando!
Claror, lambiões, radiosidade!
Esplendorosidade!
Alegria! Alegria! Alegria! Alegria!
Flammas festivas relampejam!
Tudo alvoreia, arde, irradia!
Fanfarras epicas fulvejam!
Ondas urentes purpurejam!
Milhões de espadas tinindo,
Flechas brasinas reluzindo,
E de sangue que, aos jorros, fulgurece,
Todo o céu, escarlate, resplandece,
Irisado, em relume catasol!
E' a gloria no infinito, a victoria do Sol!
Pois assim é o Bagual!
Animal m/dieval!
Paladino immortal!
Imagem, no sertão, dos cometas no azul!
Que, em sua impetuosidade,
Symboliza a Liberdade
No Rio Grande/Sul!

Digitized by Google

PRIMOR

No salão de jantar da fazenda — A Esmeralda,
Serviram-me uma vez doce de figo em calda,
Recebido de Itú pela brasileirice
Da Senhora Abbadessa, a Irman-Freira Clarice.
Era um dia de sol, cheio de guizos de ouro.
Leve, a graciosidade incitava ao namoro.
Alvissima, a tinir, lampeja a prataria,
Baixella secular da gentilhomeria.
E, entre os claros crystaes, que rendavam a mesa,
Da mais linda e melhor faiança portuguesa,
Rosas em profusão, cravos, estephanotas,
Violetas de Friburgo, azaleias, myosotas,
Enfeitando os gomis, recobrindo os talheres.
De impeccavel dicção, deslumbrando as mulheres,
Ouviamos a voz, sem rival na fluencia,
Com que Olavo Bilac inspirava a assistencia.
O vinho de oiro velho e a argentaria antiga,
Davam um tom de antanho áquella festa amiga.
Mas o doce, e só elle, expressava a finura
Das nossas tradições de elegancia e ternura.
Para attingir-se o alvor dessa calda, parece
Que foi mister a mão de uma santa a fizesse,
Porque somente assim, com pureza e pericia,
Se consegue o sabor dessa rara delicia.
E eu, á Dona da Casa, adoravel Senhora,
Louvei, num só manjar, todo o Brasil de outrora.

Digitized by Google

BRASIL

Gloire à ce vert Brésil, aux arbres semés d'or !
HUGO

Virgem-Mãi, Verde Patria, o meu culto te quer
Physicamente, como um barbaro encantado!
Com a febre tropical, com o desejo acendrado,
Com o fervor de quem beija a uma linda mulher!

Na transubstanciação que entre nós dois houver,
Quando, ao fogo do sol, se celebre o noivado,
Dar-te-ei o vinho e o pão do meu corpo incendiado,
Tudo quanto o meu sangue, a ebulluir, contiver!

E, então, serei tu mesma, inflammavel amante!
Integrado em teu ser, meu coração estuante
Queimarás, possuirás, tu, meu amor, tu só!

Brasil! vulcão verdeal, forja em flor, fervedouro!
Em ti me cremarei, transmudando-me em ouro,
Ouro verde, a fulgir, porque é verde o ouro em pó!

Digitized by Google

INDICE

Digitized by Google

Digitized by Google

INDICE

POESIAS

QUINTO VOLUME DAS POESIAS COMPLETAS DE MARTINS FONTES

VULCÃO

	Pag.
Vulcão	7
Cacto Americano	9
Pai-lui-chi	10
Anacreontica	11
Sensibilismo	12
Rosa de Jerichó	13
Bombom	14
Beijos Perdidos, Soltos no Ar	15
Musica de Camera	17
Fumosidade	18
A Transparencia	20
O Echo e a Fumaça	21
A Sombra	22
Silencio	23
As Nuvens	24
Reflexo	26
Piedade	27

A LARANJEIRA EM FLOR

Quando te vi, pela primeira vez	28
Antes de conhecer-te, eu já te amava	29
Não tens culpa: se ha culpa, é do destino	30
Faço versos, com tal facilidade	31
Ao telephonio, lembras-te? eu te disse	32
A hora do teu embarque, na estação	33
Quasi ao fim do espectaculo, na escada	34
Estou ficando cada vez mais moço	35
Meia-Noite. Anno-Bom. Rutilo, em festa	36
Veio o medico e disse: -É necessario	37

Digitized by Google

Deus, num dia de sol e bom humor 33
Se eu fosse Deus, seria a vida um sonho . . . 39
Na idade-media, em goticos lavores 40
Rosa, teu corpo é roseo! e tua boca 41
Que a tua mão á minha mão conceda 42
Se eu sempre te amei 43
Era uma vez um Cavalleiro 44
É pior que a morte, ainda pior que a morte . . 45
Sómente a mocidade tem pureza 46
Pela primeira vez, quem numa igreja 47
O amor! O amor é uma virtude rara 48
Ouço, quando ia ao tumulo descendo 49
Junto á alampada verde do jardim 50
O luar do Sonho, sobre o Campo-Santo 51
Pas de triomphe qui vaille un baiser! 52
Pombo-Correio 53
A Canção dos Poetas Bebedos 54
Technica 56
Homo Unius Libri 57
Souvenir du bon vieux temps 58
Clangor Anarchista 59
Canção dos Tantalos do Azul 62
Sol 64
A Canção dos Piratas 65
Guitarra 67
Variação de Alaude 69
Os Continentes 71
Inter Artes et Naturam 73
Bayard 76
Jean Richepin Fala aos Famintos 78
Futura 79
A Jean Lahor 84
As Ilhas de Ouro 85
Romeu e Julieta 89
Estella e Fausto 92
Musica 95
Chuva de Estrellas 96

VOLUPIA

Volupia 109
Lagrima 110
O Tung-Whanh-Fung 111
Floreal 112

Digitized by Google

Sensitividade 114
Nondum Satiatus 115
Erotica 116
Catullemendèsismo 117
As Palmeiras 118
Evanessencia 119
O Noivo das Estrellas 120
As Conchas 121
Demoniaco 122
Rimance Triste 123
Meio-dia. Meia-Noite 124
Viagem para Cythera 125
Marido 126
Canção Azul 127
A Gargalhada do Diabo 128
Ante O Espelho Do Leito Em Que Peccamos . . 130
Affinidades 131
Fantochada 132
Intermezzo 135
Mexicana 136
Flor 137
Eva E Ave 138
A Uma Violeteira 141
Trilado 143
A Laranjeira 144
Homaís 145
Romance Sem Palavras 146
Os Labios E O Segredo 147
Tenebrario 148
Litania 149
Carta Á Colombina 151
Sensação da Italia 153
Rondo Francês, Cantado Ao Som De Avena . . 154
A Alma Esposa Do Corpo 155
Petalas Soltas Do Rosal Pensante 156
Dor 158
A Testemunha 159
Unicos Versos Que Restam Do Divan De Ambu-Isaac . 160
Pelo Horror da Fórma Humana 161
Beijo Escondido Entre Violetas De Parma . . . 163
Venus 164
Fagmento De Um Poema Escripto Aos Quinze Annos . 167

Digitized by Google

A FADA BOMBOM

A Fada Bombom. 177
Figulinas 179
Evanessencia 180
Versalhesco. 181
Dulce 182
Edelweiss 183
O Beijo Azul, de La Touche 185
O Vinho de Tokay 186
Toda Paisagem é um Estado de Alma 187
Seda Chinesa 189
Velha Gavota Seculo XVIII 191
O Tempo de Amar 192
A Romança de Cherubim 193
A Concha e o Leque 195
Joia 196
Sandalo 198
Dona Mystica 199
Mandolina 201
Crystal 202
Lilá 203
..... En éclatant
Tout bas, comme un bouton de rose... . 204
As Abelhas 207
Florise 208
Lanterna Magica 209
Bilitis 210
A Festa Côr de Perola 211
Quella Che Imparadisa la Mia Mente! 214

ROSICLER

A Transubstanciação 217
Rasicler 225
Segundo Anno de Arte Poetica 226
Da Ensinança Galante e da Gaia Sciencia de Bem Trovar 227
Canção do meu Coração 228
Ó Linda á Maravilha, ó Damizela! 230
Jocz-Enamoratz 232
Sylva 233
Lyra 238
Lai 239

Digitized by Google

Clamor 240
Canção Francesa 241
Tenção de Mal-Dizer 243
Solau 244
Tonadilha 245
Romance Para Seduzir Julieta 246
Xacara 248
Cantarcilho Em Fórma de Villancico 250
Don Galaor 251
Dizeres 253
O Cavalleiro Amor 254
Rimance 256
Vaga 260
Planh Por El-Rey Don Diuis 261

ESCARLATE

Offerta 269
Credenciaes 270
Allegoria 273
Nossa Senhora Dos Sonhadores 274
Abril 277
Amor 580
Princesas 281
Beijo 282
Abysmo 283
Gloria 285
Pangenese 286
Em Sirius 287
Madame, vous liriez ma lettre avec les lèvres . . 288
Subtileza 289
Evoécheret 290
O Beijo Á Distancia 234
Tu Só, Tu! 297
A Agua Profunda 300
O Espirito Da Lei 301
Soluço 303
Delicadeza 304
Timida 305
Violeta a Willette 306
A canção Do Ponche Azul 310
Papá Noel 312
Interastral. 313
A Queimada 314

Digitized by Google

Rondel Para Um Lindo Leque 315
O Perfume-Luz 316
Inverosimil 317
Estupefaciencia 318
Agua 321
Telegrammas Psychicos 322
Radio 323
Transaeres 324
Palhaço 327
Chimica 328
Hysteria 331
Fogo 332
A Forma Dá Ser Ás Cousas 333
Delivrança 334
J'ai la fureur d'aimer 335
Prestidigitação 336
Decassyllabos Franceses 337

O CÉU VERDE

O Céu Verde 341
Carnaval 343
Itororó 344
Anhangoéra 345
As Cachoeiras Da Patria 346
Garapocaia 347
O Copiar 349
Os Nelumbos 351
Caparaó 355
Nas Agulhas Negras 356
Miriti 357
Paranapiacaba 358
Melodia em la menor 360
O Véu da Noiva 361
Popacatepetl 362
Guauhtémoc. 364
Cantiga Barbara 366
Cantico entre os Canticos 368
Escarlate 376
A Rede 379
Fantastiquice 380
Flammejamento 381
Os Araçás 383

Digitized by Google

Aboio 385
Minha Terra, Minha Casa e Minha Gente . . . 387
Jacatirão 388
Barbaresca 389
Liberdade 391
Beijo Á Terra 395
Guanabara 397
Brasileira 398
O Açucar 402
Nas Minas de Morro Velho. 403
Rococó 404
Indaiá 406
Hymno Ao Mexico 407
Brasil, Vergel Do Amor 409
A Barra dos Coqueiros 411
Bagual 412
Primor 415
Brasil 416

Digitized by Google

Digitized by Google

OBRAS COMPLETAS
DE
MARTINS
FONTES

POESIA:

VERÃO
AS CIDADES ETERNAS
BOHEMIA GALANTE
ARLEQUINADA
POESIAS

Digitized by Google

Digitized by Google

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO DO

INSTITUTO D. ESCHOLASTICA ROSA

AVENIDA BARTHOLOMEU DE GUSMÃO, 111 - - SANTOS

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

INDIANA UNIVERSITY LIBRARIES
INDIANENSIS UNIVERSITATIS SIGILLUM
MDCCCXX
Digitized by Google

PQ9697
.F65 A19
1928
3 0000 006 709 046

N. MANCHESTER,
INDIANA

Digitized by Google